



Universidade de Brasília - UnB

Ingrid Guimarães Gonçalves

O Feminino entre a Dominação e a Culpa: Maternidade e Exploração em *Chanson Douce*

BRASÍLIA
2025

Ingrid Guimarães Gonçalves

O Feminino entre a Dominação e a Culpa: Maternidade e Exploração em *Chanson Douce*

Dissertação apresentada ao Mestrado em Literatura e Práticas Sociais, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Teixeira da Costa Araujo

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GG635f Guimarães Gonçalves, Ingrid
 O Feminino entre a Dominação e a Culpa: Maternidade e
Exploração em Chanson Douce / Ingrid Guimarães Gonçalves;
orientador Daniel Teixeira da Costa Araujo . Brasília,
2025.
 93 p.

 Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade de
Brasília, 2025.

 1. Literaturas Estrangeiras Modernas. 2. Literatura
Contemporânea . I. Teixeira da Costa Araujo , Daniel ,
orient. II. Título.

Dedico este trabalho ao romance policial, um gênero tantas vezes subestimado, mas que, por meio de suas tramas, revela muito sobre as angústias, contradições e violências da sociedade. Que possamos continuar explorando a literatura não apenas como entretenimento, mas como um espelho crítico do mundo em que vivemos. Dedico, também, a todas as mulheres que desejam trabalhar, mas que, diariamente, enfrentam a culpa imposta por um sistema que insiste em nos fazer acreditar que devemos ser mães em tempo integral. Que possamos reivindicar nosso direito ao espaço público sem carregar o peso de uma cobrança injusta, que nos quer inteiras em todos os papéis, menos em nós mesmas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha família, minha base e porto seguro. Obrigada pelo amor incondicional, pelo apoio em cada escolha e pelo incentivo constante para seguir em frente, mesmo nos momentos mais difíceis. À minha mãe, que mesmo sendo a pessoa mais dedicada que conheço para decorar a casa, abriu mão da sua tão sonhada sala e cedeu um espaço para que eu pudesse estudar todos os dias. Ao meu pai, por sempre acreditar no meu potencial até quando eu já não acreditava mais em mim mesma. À minha irmã, minha amiga e confidente. Sua companhia e seu apoio foram fundamentais durante essa jornada.

Ao meu professor orientador, Daniel Teixeira da Costa Araújo, cuja paciência, conhecimento e dedicação foram essenciais para a realização deste trabalho. Sua orientação me ajudou a crescer academicamente e pessoalmente, e por isso sou profundamente grata.

Ao Ícaro, meu esposo, por estar ao meu lado, por me apoiar em cada desafio e por acreditar em mim mesma quando eu duvidei. Sua parceria e carinho foram fundamentais para que eu pudesse concluir esta etapa com determinação.

Aos meus cachorros, Adão e Eva, nos momentos de cansaço, solidão e estresse, seu carinho e alegria trouxeram leveza aos meus dias.

Ao meu padrinho, *tio Nando*, por sempre me incentivar e apoiar, mesmo que precisasse “puxar minhas orelhas” enquanto eu andava de patins.

À minha babá, *Toinha (in memorian)*, que, mesmo com pouco acesso à educação, sempre incentivou para que eu não desistisse nunca dos meus estudos.

À Universidade de Brasília e a todos os professores que me acompanharam durante minha trajetória, onde pude crescer academicamente e pessoalmente durante minha formação em Letras – Francês.

Ao Centro Interescolar de Línguas de Sobradinho, por ter me proporcionado a base para minha paixão pelas línguas. Foi ali que aprendi a falar francês e inglês, abrindo portas para experiências incríveis que me trouxeram até aqui.

À CAPES pelo suporte financeiro e pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa. Sem esse incentivo, este trabalho não seria possível.

RESUMO

Este trabalho analisa o romance *Canção de Ninar* (2018), de Leïla Slimani, sob a perspectiva dos estudos literários, com enfoque na interseção entre gênero, classe e trabalho. A pesquisa investiga as dinâmicas entre as personagens femininas centrais, Louise e Myriam, destacando as tensões entre maternidade e realização profissional, bem como a exploração do trabalho doméstico. O romance se estrutura como um híbrido entre o romance psicológico e o policial, apresentando um crime desde suas primeiras páginas e deslocando a narrativa do "quem cometeu?" para "por que isso aconteceu?". A figura de Louise, inicialmente vista como uma babá ideal, se revela cada vez mais instável, manifestando um desejo obsessivo de pertencimento à família empregadora. Por outro lado, Myriam, ao retomar sua carreira como advogada, enfrenta conflitos internos e sociais sobre seu papel como mãe e profissional. O estudo também examina a posição dos personagens masculinos, especialmente Paul, marido de Myriam, cuja ausência emocional reforça o peso da carga doméstica sobre as mulheres. Utilizando referenciais teóricos feministas, como Simone de Beauvoir, Christine Delphy e Michèle Riot-Sarcey, a pesquisa evidencia como a obra expõe as desigualdades estruturais da sociedade contemporânea e questiona os limites entre afeto, poder e servidão. Assim, *Canção de Ninar* se configura como uma crítica contundente às dinâmicas de gênero e classe, explorando as tensões psicológicas e sociais que moldam as relações humanas.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero. Feminismo. Maternidade. Trabalho doméstico

ABSTRACT

This study analyzes the novel *Canção de Ninar* (2018) by Leïla Slimani from the perspective of literary studies, focusing on the intersection of gender, class, and labor. The research investigates the dynamics between the central female characters, Louise and Myriam, highlighting the tensions between motherhood and professional fulfillment, as well as the exploitation of domestic work. The novel is structured as a hybrid between psychological and crime fiction, presenting a crime from its first pages and shifting the narrative from "who committed it?" to "why did it happen?". Louise, initially perceived as an ideal nanny, gradually reveals herself to be increasingly unstable, manifesting an obsessive desire for belonging within the employer's family. On the other hand, Myriam, as she resumes her career as a lawyer, faces internal and social conflicts regarding her role as both a mother and a professional. The study also examines the role of male characters, particularly Paul, Myriam's husband, whose emotional absence reinforces the burden of domestic responsibilities on women. Using feminist theoretical references such as Simone de Beauvoir, Christine Delphy, and Michèle Riot-Sarcey, the research demonstrates how the novel exposes the structural inequalities of contemporary society and questions the boundaries between affection, power, and servitude. Thus, *Canção de Ninar* emerges as a powerful critique of gender and class dynamics, exploring the psychological and social tensions that shape human relationships.

Keywords: Gender inequality; Feminism; Motherhood; Domestic work.

RÉSUMÉ

Cette étude analyse le roman *Canção de Ninar* (2018) de Leïla Slimani sous la perspective des études littéraires, en mettant l'accent sur l'intersection entre le genre, la classe sociale et le travail. La recherche examine les dynamiques entre les personnages féminins centraux, Louise et Myriam, en soulignant les tensions entre maternité et épanouissement professionnel, ainsi que l'exploitation du travail domestique. Le roman se structure comme un hybride entre le roman psychologique et le roman policier, en dévoilant un crime dès ses premières pages et en déplaçant la narration de « qui l'a commis ? » à « pourquoi cela s'est-il produit ? ». Louise, initialement perçue comme une nounou idéale, se révèle de plus en plus instable, manifestant un désir obsessionnel d'appartenance à la famille employeuse. De son côté, Myriam, en reprenant sa carrière d'avocate, fait face à des conflits internes et sociaux concernant son rôle de mère et de professionnelle. L'étude examine également la place des personnages masculins, notamment Paul, le mari de Myriam, dont l'absence émotionnelle renforce le poids de la charge domestique sur les femmes. En s'appuyant sur des références théoriques féministes telles que Simone de Beauvoir, Christine Delphy et Michèle Riot-Sarcey, cette recherche met en évidence la manière dont le roman expose les inégalités structurelles de la société contemporaine et questionne les limites entre affection, pouvoir et servitude. Ainsi, *Canção de Ninar* se présente comme une critique percutante des dynamiques de genre et de classe, explorant les tensions psychologiques et sociales qui façonnent les relations humaines.

Mots-clés : Inégalité de genre ; Féminisme ; Maternité ; Travail domestique.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: GÊNERO, CLASSE E NARRATIVA EM CANÇÃO DE NINAR	13
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	13
1.2 APORTES TEÓRICOS SOBRE MATERNIDADE, TRABALHO DOMÉSTICO SUBALTERNIDADE	15
1.3 ROMANCE POLICIAL CONTEMPORÂNEO EM <i>CANÇÃO DE NINAR</i>	16
1.4 METODOLOGIA	17
1.5 AS ONDAS DO FEMINISMO E SUA INFLUÊNCIA NA OBRA	21
1.6 O CONCEITO DE PERSONAGEM	24
1.7 LEÏLA SLIMANI E SEU IMPACTO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	26
CAPÍTULO II - LOUISE E MYRIAM EM CANÇÃO DE NINAR: CONFLITOS DE GÊNERO E CLASSE	28
2.1 LOUISE	29
2.2 MYRIAM	44
2.3 REFLEXÕES FINAIS	58
CAPÍTULO III - FIGURAS MASCULINAS E SUAS IMPOSIÇÕES: DINÂMICAS DE GÊNERO EM CANÇÃO DE NINAR	60
3.1 PAUL - RELAÇÃO COM A ESPOSA	61
3.2 RELAÇÃO DE PAUL COM SYLVIE	71
3.3 RELAÇÃO DE PAUL E LOUISE	73
3.4 PASCAL	79
3.5 JACQUES - MARIDO DE LOUISE	84
3.6 REFLEXÕES FINAIS	87
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	92

INTRODUÇÃO

A presente dissertação insere-se no campo dos estudos literários e tem como objeto de análise o romance *Canção de Ninar* (2018), de Leïla Slimani. A escolha dessa obra decorre de um percurso acadêmico que se iniciou durante a minha graduação em Língua Francesa e respectiva literatura na Universidade de Brasília, onde desenvolvi uma pesquisa sobre o romance no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) sob a orientação do professor Dr. Daniel Teixeira da Costa Araujo. Durante esse primeiro estudo, ficou evidente a complexidade da narrativa e a riqueza das questões que ela suscita, o que motivou a ampliação e aprofundamento da análise no nível de mestrado.

O romance *Canção de Ninar* destaca-se por reinscrever o gênero policial em uma chave contemporânea, deslocando o foco tradicional da investigação para a análise das estruturas sociais que conduzem ao crime. Desde o início, a narrativa anuncia seu desfecho trágico e constrói a tensão não a partir da pergunta “quem matou?”, mas das condições que tornam o crime possível.

A trama organiza-se em torno da relação entre Myriam, uma mulher que retorna ao mercado de trabalho, e Louise, a babá contratada para cuidar de seus filhos. Ao longo do romance, a progressão do suspense revela camadas profundas de desigualdade social, exploração do trabalho feminino e a persistência de estruturas patriarcais que limitam as escolhas e trajetórias das mulheres. Assim, o policial em Slimani não se reduz à resolução do crime, mas funciona como um dispositivo narrativo para expor as violências silenciosas que atravessam o cotidiano e culminam no desfecho fatal.

Diante dessas problemáticas, esta pesquisa tem como objetivo central analisar como *Canção de Ninar* constrói e problematiza as relações de gênero e classe a partir da interação entre suas personagens. Especificamente, busca-se:

- Investigar a caracterização das personagens femininas centrais, Myriam e Louise, e como suas experiências refletem as desigualdades estruturais da sociedade contemporânea.
- Analisar o papel das figuras masculinas na narrativa e como elas contribuem para a manutenção das hierarquias de gênero.
- Examinar a intersecção entre maternidade, trabalho e exploração, considerando a sobrecarga emocional imposta às mulheres que tentam conciliar carreira e vida familiar.

Para embasar minha análise, a dissertação se apoia em um arcabouço teórico interdisciplinar, com destaque para os estudos feministas e teóricos da literatura. As reflexões de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (1949) fornecem um panorama essencial sobre a construção social da feminilidade e o papel da mulher no espaço doméstico. A teoria da escrita feminina de Hélène Cixous (*Le Rire de la Méduse*, 1975) contribui para a compreensão da subjetividade das personagens e da maneira como Slimani constrói suas narrativas. Além disso, os trabalhos de Christine Delphy e Michèle Riot-Sarcey são fundamentais para a análise da exploração do trabalho feminino e da divisão sexual do trabalho. A abordagem de Homi Bhabha sobre Mimicry também é utilizada para interpretar a posição de Louise na casa de Myriam e Paul.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem analítica e interpretativa, baseada na leitura crítica da obra e no diálogo com os textos teóricos. A estrutura da dissertação organiza-se em três capítulos principais:

O primeiro capítulo tem como objetivo apresentar os fundamentos teóricos e metodológicos que sustentam a análise de *Canção de Ninar*. Inicialmente, faz-se um percurso acadêmico da minha pesquisa, contextualizando sua origem na graduação e a evolução da investigação até o nível de mestrado.

Em seguida, são discutidos os conceitos-chave que estruturam a dissertação, como a definição de feminismo, a noção de personagem literária e a intersecção entre classe social, gênero e trabalho. Para isso, são mobilizadas as teorias de Simone de Beauvoir, que discute a opressão feminina e a construção do “outro”, e de Christine Delphy, que trata da divisão sexual do trabalho e da invisibilização das mulheres na economia doméstica.

Além disso, explora-se a relação entre gênero e narrativa a partir da teoria da escrita feminina de Hélène Cixous, considerando a forma como Slimani constrói suas personagens e problematiza a maternidade e o papel da mulher na sociedade. A discussão metodológica detalha os critérios de seleção da bibliografia e a abordagem analítica adotada para a leitura do romance.

O segundo capítulo se concentra na análise das duas personagens femininas centrais, Louise e Myriam, explorando suas complexidades, motivações e a maneira como são construídas na narrativa.

A primeira seção analisa Louise, a babá, que inicialmente se apresenta como a funcionária ideal, mas cuja obsessão pelo trabalho e pela família empregadora revela aspectos perturbadores de sua personalidade. Sua trajetória é examinada à luz dos conceitos de mimicry de Homi Bhabha, que sugere que Louise, ao tentar se inserir na família de Myriam,

reforça sua posição de subalternidade. Além disso, a análise aborda sua deterioração psicológica, sua relação de dependência emocional com os patrões e a maneira como a exploração do trabalho doméstico afeta sua identidade.

A segunda seção examina Myriam, a mãe e advogada, destacando seu dilema entre carreira e maternidade. Inspirada na teoria de Simone de Beauvoir, a análise discute a culpa imposta às mulheres que tentam conciliar vida profissional e familiar, além do peso das expectativas sociais sobre o papel da mãe. O impacto da maternidade no desenvolvimento de Myriam e sua relação ambígua com Louise são analisados sob o viés dos estudos feministas sobre trabalho e gênero.

Esse capítulo evidencia como Louise e Myriam, apesar de ocuparem posições distintas na hierarquia social, são afetadas por uma mesma estrutura opressora que limita suas escolhas e determina seus papéis dentro da sociedade.

O terceiro e último capítulo examina as figuras masculinas do romance, analisando como elas perpetuam as desigualdades de gênero e contribuem para a tragédia da narrativa.

A primeira seção foca em Paul, o marido de Myriam, discutindo como sua posição dentro da família reflete o modelo tradicional de masculinidade. Inspirada nas reflexões de Michèle Riot-Sarcey, a análise explora a maneira como Paul se mantém emocionalmente distante dos filhos e delega todas as responsabilidades parentais à esposa e à babá.

A segunda seção aborda Pascal, o chefe de Myriam, que, apesar de representar uma possibilidade de emancipação para a protagonista, também reforça um ambiente de sobrecarga e exploração profissional das mulheres. Essa seção dialoga com as discussões de Boudrahem Meriem Imen, que analisa o mercado de trabalho como um novo espaço de dominação masculina.

Por fim, a terceira seção investiga Jacques, o marido de Louise, cuja presença ausente e abusiva contribui para a deterioração psicológica da babá. Utilizando as reflexões de Hélène Cixous, discute-se como Louise é silenciada e aprisionada por um ciclo de dependência emocional e econômica.

Esse capítulo conclui que, ao longo da narrativa, os homens desempenham papéis de opressores – conscientes ou inconscientes – que reforçam a vulnerabilidade das personagens femininas e contribuem para o desfecho trágico da obra.

Dessa forma, a dissertação busca não apenas aprofundar a compreensão sobre *Canção de Ninar*, mas também contribuir para os debates acadêmicos sobre literatura contemporânea, gênero e trabalho, ampliando as discussões sobre a representação da mulher na ficção e os limites da emancipação feminina em um sistema ainda pautado por hierarquias de classe e

divisão sexual do trabalho. O romance de Leïla Slimani revela-se uma obra de grande relevância crítica, ao expor os dilemas enfrentados pelas mulheres na sociedade atual e evidenciar como a noção de independência feminina muitas vezes se ancora na exploração de outras mulheres em posições mais vulneráveis.

Além de explorar as complexidades psicológicas das personagens, a narrativa de *Canção de Ninar* insere-se em um contexto literário e social mais amplo, questionando não apenas as relações de gênero, mas também as condições de trabalho precarizadas e o peso emocional do cuidado, historicamente delegado às mulheres. O romance dialoga com uma tradição de obras que problematizam o papel feminino na família e no mercado de trabalho, oferecendo uma perspectiva contemporânea sobre um problema estrutural que, apesar das transformações sociais, continua a se manifestar de forma desigual.

Assim, a presente pesquisa propõe uma leitura que transcende a análise individual da obra, situando-a dentro de um panorama mais abrangente dos estudos feministas e literários. Ao examinar como *Canção de Ninar* articula suas críticas à maternidade, ao trabalho doméstico e à invisibilização das mulheres em funções de cuidado, essa dissertação pretende demonstrar como a literatura contemporânea pode servir como um instrumento fundamental para a compreensão e reflexão sobre os desafios impostos às mulheres na sociedade moderna. A ficção, ao construir narrativas que exploram as contradições do cotidiano, permite uma leitura sensível das tensões entre autonomia e opressão, entre afeto e exploração, entre desejo de pertencimento e exclusão social. A literatura, nesse sentido, não apenas reflete a realidade, mas também a interroga, oferecendo novas perspectivas sobre questões que permanecem negligenciadas no discurso público e acadêmico.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: GÊNERO, CLASSE E NARRATIVA EM *CANÇÃO DE NINAR*

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa se insere no campo dos estudos literários e tem como objeto de análise o romance *Canção de Ninar* (2018), de Leïla Slimani. A escolha dessa obra se deu a partir de um percurso acadêmico iniciado durante a minha graduação em Letras na Universidade de Brasília, onde desenvolvi um projeto de pesquisa no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) voltado para a análise desse romance. No decorrer desse estudo preliminar, percebi a riqueza e a complexidade da narrativa, o que despertou em

mim o interesse em aprofundar essa investigação em nível de mestrado. Assim, inicialmente, inscrevi-me no programa de mestrado internacional em literatura em parceria com a Université de Nantes, com o objetivo de expandir e aprofundar a análise da obra.

A pesquisa sobre *Canção de Ninar* insere-se em um contexto mais amplo de investigações sobre a literatura contemporânea, os estudos feministas e a representação de personagens femininas e masculinas. A escolha desse romance justifica-se por sua filiação ao romance policial contemporâneo, entendido aqui não como um gênero centrado exclusivamente na investigação clássica do crime, mas como uma forma narrativa que explora as condições sociais, afetivas e simbólicas que conduzem ao ato criminoso.

Em *Canção de Ninar*, Leïla Slimani constrói uma narrativa policial que desloca o eixo tradicional do suspense. O crime brutal é revelado já nas primeiras páginas, o que elimina a expectativa da descoberta do culpado e orienta a leitura para a compreensão do processo que leva ao desfecho trágico. A tensão narrativa, nesse sentido, não se apoia na resolução do enigma, mas na progressiva exposição das relações de poder, das desigualdades sociais e das violências silenciosas que atravessam o cotidiano das personagens.

A organização da intriga permite acompanhar de perto a trajetória de Louise e sua inserção na dinâmica familiar de Myriam e Paul, evidenciando como o acúmulo de frustrações, exclusões e precariedades se articula ao longo da narrativa. Assim, o romance policial em Slimani opera como um dispositivo crítico que revela não apenas o crime em si, mas sobretudo as estruturas sociais e afetivas que o tornam possível, reafirmando o potencial do gênero para problematizar questões contemporâneas relacionadas ao trabalho feminino, à maternidade e às hierarquias de classe e gênero.

A abertura do romance já expõe o assassinato das crianças, um evento chocante que lança o leitor diretamente na tragédia, sem que haja necessidade de construir um mistério progressivo em torno do que aconteceu. Essa escolha narrativa inverte a estrutura clássica do gênero policial, deslocando o foco da busca por respostas sobre "quem cometeu o crime" para uma investigação mais profunda sobre "por que isso aconteceu".

Essa abordagem reforça o impacto emocional da obra e permite que a autora explore a psique dos personagens envolvidos no desenlace trágico. Em vez de seguir uma trajetória linear de investigação e revelação, Slimani aposta em uma construção narrativa que alterna entre o presente e o passado, fornecendo gradativamente os elementos que levaram ao crime. A partir dessa estrutura, o suspense não decorre da descoberta de pistas convencionais, mas do aprofundamento na vida das personagens, especialmente na relação entre Louise e Myriam. O leitor, já ciente do desfecho, é convidado a acompanhar os eventos anteriores ao

crime com uma sensação crescente de inquietação, tentando identificar os sinais e presságios que culminam na tragédia.

Esse deslocamento de perspectiva não apenas mantém a tensão narrativa, mas também provoca uma reflexão mais ampla sobre os fatores sociais e psicológicos que permeiam o enredo. Em vez de um detetive em busca de respostas, o leitor assume um papel de observador atento, acompanhando as dinâmicas de poder, classe e frustração que se desenrolam entre as personagens. A relação entre Louise, a babá, e Myriam, a mãe que busca retomar sua vida profissional, se torna o verdadeiro centro do mistério. Os pequenos detalhes do cotidiano, as mudanças sutis de comportamento e os momentos de tensão entre as personagens vão se acumulando, ampliando o desconforto e a sensação de inevitabilidade da tragédia.

Dessa forma, *Canção de Ninar* utiliza elementos do romance policial não para seguir uma estrutura tradicional de investigação, mas para criar um suspense psicológico que prende o leitor de maneira intensa e perturbadora. A revelação precoce do crime redefine a expectativa narrativa, transformando a leitura em uma experiência imersiva na mente das personagens e nas complexidades sociais que permeiam suas relações. Essa inversão de abordagem não apenas desafia convenções literárias, mas também reforça a crítica social presente na obra, tornando o romance ainda mais impactante e relevante.

1.2 APORTES TEÓRICOS SOBRE MATERNIDADE, TRABALHO DOMÉSTICO SUBALTERNIDADE

Este subcapítulo tem como objetivo apresentar os principais aportes teóricos e críticos mobilizados ao longo da dissertação, situando as autoras e os autores que fundamentam a análise de *Canção de Ninar*. Ao reunir estudos provenientes da crítica literária, dos estudos feministas e das pesquisas sobre maternidade, trabalho doméstico e relações de cuidado, busca-se delinear o quadro teórico que orienta a leitura da obra de Leïla Slimani. A contextualização dessas contribuições permite não apenas explicitar os referenciais adotados, mas também evidenciar o diálogo estabelecido entre a narrativa literária e debates contemporâneos sobre gênero, classe, poder e subalternidade, que serão aprofundados nos capítulos analíticos seguintes.

Nesse sentido, Imen Boudrahem destaca-se como uma das principais referências teóricas mobilizadas neste trabalho. Pesquisadora da área de estudos literários, é autora do artigo *Maternité et modernité dans Chanson Douce*, no qual analisa a obra de Leïla Slimani a

partir das tensões entre maternidade, modernidade e expectativas sociais impostas às mulheres. A autora investiga de que maneira o romance evidencia os conflitos vividos pelas personagens femininas diante da conciliação entre vida profissional e maternidade, oferecendo um aporte fundamental para a análise das relações de gênero presentes na narrativa.

Também se insere nesse debate a pesquisadora francesa Laure Hermant, cujos trabalhos se concentram nos estudos sobre trabalho doméstico, cuidado e relações de classe. Em suas análises, Hermant discute a invisibilização das trabalhadoras do cuidado e as dinâmicas de poder que estruturam as relações entre empregadores e empregadas, contribuindo para a compreensão do lugar social ocupado por personagens como Louise em *Canção de Ninar*.

No campo dos estudos feministas, Hanmer apresenta contribuições relevantes ao investigar as relações entre gênero, maternidade e trabalho. Suas reflexões permitem compreender como as desigualdades de gênero são naturalizadas nas estruturas sociais e familiares, aspecto essencial para a análise das personagens femininas no romance de Slimani.

As pesquisas de Lorenza Starace por sua vez, situam-se no âmbito dos estudos de gênero e trabalho, com enfoque na maternidade, na divisão sexual do trabalho e nas tensões entre vida profissional e vida doméstica. Suas reflexões contribuem para problematizar os conflitos enfrentados por personagens como Myriam, inserindo a narrativa de *Canção de Ninar* em um debate social mais amplo.

Por fim, Marina Yamada dedica-se ao estudo da maternidade, do cuidado e da subjetividade feminina, analisando as pressões sociais associadas ao ideal materno e os impactos emocionais dessas expectativas sobre as mulheres. Suas contribuições oferecem um suporte teórico relevante para a compreensão das ambiguidades e contradições vividas pelas personagens femininas ao longo da narrativa.

1.3 ROMANCE POLICIAL CONTEMPORÂNEO EM *CANÇÃO DE NINAR*

O romance *Canção de Ninar* inscreve-se no campo do romance policial contemporâneo ao mobilizar o crime como eixo estruturador da narrativa, ainda que subverta deliberadamente algumas de suas convenções clássicas. Diferentemente do modelo tradicional, centrado na investigação e na revelação progressiva do culpado, Leïla Slimani

opta por expor o crime logo nas primeiras páginas, deslocando o foco narrativo da resolução do enigma para a compreensão das circunstâncias que conduzem ao desfecho trágico.

Essa escolha formal não elimina o caráter policial da obra, mas o ressignifica. O suspense não se constrói a partir da pergunta “quem cometeu o crime?”, mas de “como” e “por que” esse crime se tornou possível. Assim, o romance policial opera como um instrumento de análise social e simbólica, permitindo à autora explorar as relações de poder, as desigualdades de classe, as tensões ligadas à maternidade e à divisão sexual do trabalho que atravessam o cotidiano das personagens.

A atenção dedicada à interioridade das personagens, especialmente à trajetória de Louise, não configura uma filiação a outro gênero, mas funciona como um recurso narrativo próprio do romance policial contemporâneo, que frequentemente se afasta da lógica investigativa clássica para examinar os fatores psicológicos, sociais e afetivos que antecedem o crime. Nesse sentido, a construção subjetiva das personagens contribui para aprofundar a compreensão do ato violento, sem deslocar a obra de seu enquadramento policial.

Ao adotar essa estrutura, Slimani amplia as possibilidades do romance policial, transformando-o em um espaço de reflexão crítica sobre o mundo social. O crime deixa de ser um evento isolado para tornar-se o ponto culminante de um processo marcado por invisibilização, precariedade e exclusão. Dessa forma, *Canção de Ninar* confirma o potencial do romance policial contemporâneo como um gênero capaz de articular suspense narrativo e crítica social, inserindo-se de maneira significativa no debate literário sobre gênero, classe e poder.

1.4 METODOLOGIA

A metodologia adotada para esta dissertação baseia-se em uma abordagem analítica e interpretativa, fundamentada na leitura crítica da obra e no diálogo com textos teóricos. Em conjunto com meu orientador, realizamos um levantamento bibliográfico de estudos sobre a obra de Slimani, bem como de textos que discutem questões teóricas fundamentais para a pesquisa, como a construção de personagens e os conceitos do feminismo aplicados à literatura. Diante desse levantamento, decidimos explorar o tema dos personagens, com especial atenção às personagens femininas da narrativa. Posteriormente, para uma compreensão mais ampla da dinâmica da obra, estendemos a análise aos personagens masculinos.

Dessa forma, a estrutura da dissertação foi organizada em três capítulos principais, cada um com uma função específica na construção da análise. O primeiro capítulo é dedicado à contextualização teórica e ao percurso acadêmico que fundamenta a pesquisa, estabelecendo as bases conceituais e metodológicas que orientarão a leitura do romance *Canção de Ninar*. Essa seção é essencial para situar a obra dentro do campo dos estudos literários e dos debates contemporâneos sobre feminismo e construção de personagens, garantindo que a análise se apoie em um referencial sólido.

Nesse capítulo, serão apresentados e discutidos os conceitos-chave que sustentam a pesquisa, como "feminismo" e "personagem", explorando suas múltiplas definições e como elas se aplicam ao romance de Leïla Slimani. A abordagem do feminismo envolverá um panorama das diferentes ondas do movimento, destacando suas contribuições para a literatura e para a representação das mulheres na ficção. A teoria da personagem, por sua vez, será examinada a partir de perspectivas clássicas e contemporâneas, considerando como as personagens femininas e masculinas são construídas narrativamente e como elas se relacionam com as dinâmicas sociais e psicológicas exploradas na obra.

Além disso, esse capítulo também abordará a metodologia empregada na dissertação, detalhando os critérios de seleção do corpus teórico e as estratégias analíticas adotadas. A pesquisa baseia-se em uma abordagem qualitativa e interpretativa, combinando leitura crítica da obra com o diálogo com textos teóricos de referência. Será feita uma revisão bibliográfica sobre *Canção de Ninar* e sobre estudos que tratam da interseção entre literatura, gênero e identidade, a fim de oferecer uma análise aprofundada das questões abordadas no romance.

Outro aspecto relevante desse capítulo é a discussão sobre o percurso acadêmico que levou ao desenvolvimento desta pesquisa. A escolha da obra não ocorreu de maneira aleatória, mas foi resultado de um interesse crescente pela literatura contemporânea e pelo estudo da representação feminina na ficção. O aprofundamento da análise ao longo da graduação e do mestrado permitiu um olhar mais crítico sobre a complexidade narrativa e temática do romance, o que justifica a necessidade de uma investigação detalhada.

O segundo capítulo concentra-se na análise aprofundada das personagens femininas centrais do romance: Louise e Myriam. O objetivo dessa seção é examinar suas complexidades, motivações e o modo como são construídas narrativamente, considerando tanto a perspectiva psicológica quanto as implicações sociais que permeiam suas trajetórias. A relação entre essas duas mulheres é o eixo central da obra e reflete diversas camadas de tensão relacionadas à maternidade, ao trabalho feminino e às relações de poder no espaço doméstico.

Louise, a babá contratada para cuidar dos filhos de Myriam, é uma personagem que personifica a figura da mulher invisibilizada pelo sistema social e econômico. Sua presença na casa da família Massé simboliza a interdependência entre mulheres de diferentes classes sociais: enquanto Myriam busca sua autonomia profissional e financeira, Louise depende desse trabalho para sobreviver. No entanto, sua posição dentro da casa não é apenas a de uma empregada, mas a de alguém que ocupa um espaço ambíguo, transitando entre o afeto e a servidão. Slimani constrói sua personagem de forma a evidenciar tanto sua dedicação extrema quanto sua crescente frustração, o que confere à narrativa uma atmosfera de inquietação constante.

Já Myriam representa um dilema comum a muitas mulheres contemporâneas: o desejo de se realizar profissionalmente versus as expectativas sociais relacionadas à maternidade. Sua decisão de voltar ao mercado de trabalho é retratada no romance como um processo repleto de culpa e conflitos internos, especialmente por conta da pressão cultural que recai sobre as mães que delegam os cuidados dos filhos a terceiros. Ao longo da narrativa, Myriam oscila entre a sensação de alívio e a insegurança diante da figura de Louise, cuja presença se torna cada vez mais indispensável, mas também inquietante.

Esse capítulo analisará como Slimani constrói essas personagens a partir de nuances psicológicas e de suas interações dentro do espaço doméstico. A relação entre Louise e Myriam não se limita ao vínculo empregatício, mas se desenvolve como um jogo de poder e dependência mútua. A babá, inicialmente submissa e quase imperceptível, ganha espaço e autoridade dentro da casa, enquanto Myriam, embora seja a empregadora, se torna gradualmente mais vulnerável à influência de Louise sobre seus filhos e sua rotina familiar. Essa inversão sutil de papéis cria uma dinâmica de tensão crescente, refletindo os desequilíbrios de poder que marcam a divisão de trabalho entre mulheres de diferentes classes sociais.

Além disso, essa análise levará em conta a maneira como Slimani utiliza a linguagem para reforçar a interioridade das personagens, explorando seus medos, frustrações e desejos. A escrita da autora enfatiza os momentos de silêncio e os gestos sutis, que muitas vezes dizem mais do que os diálogos explícitos. A atmosfera do romance se torna gradativamente mais sufocante, à medida que a relação entre as duas mulheres se desenvolve e os limites entre trabalho e intimidade se tornam cada vez mais difusos.

Por fim, essa seção discutirá como Louise e Myriam personificam algumas das principais questões levantadas pelo feminismo contemporâneo, como a desigualdade na divisão do trabalho doméstico, a precarização do trabalho feminino e a pressão social sobre

as mães. A análise dessas personagens permitirá compreender de que forma *Canção de Ninar* problematiza essas temáticas e como Slimani utiliza a ficção para lançar um olhar crítico sobre a estrutura social e econômica que rege as relações entre mulheres.

O terceiro e último capítulo se dedica à análise dos personagens masculinos da obra, investigando sua relevância na trama e suas interações com as protagonistas femininas. Embora *Canção de Ninar* tenha como foco principal a relação entre Louise e Myriam, as figuras masculinas desempenham um papel fundamental na dinâmica da narrativa, influenciando os acontecimentos e refletindo as estruturas de poder e gênero presentes na sociedade contemporânea. Esse capítulo busca compreender como esses personagens contribuem para a construção das tensões do romance e de que maneira suas atitudes, escolhas e ausências impactam a trajetória das personagens femininas.

Entre os personagens masculinos, Paul, marido de Myriam, se destaca como um exemplo da figura paterna que, apesar de compartilhar a vida familiar e profissional com a esposa, mantém uma postura de distanciamento em relação à carga emocional e prática da criação dos filhos. Embora demonstre afeto e cumplicidade com Myriam, ele continua a ocupar um espaço privilegiado dentro da estrutura familiar, beneficiando-se da presença de Louise sem questionar profundamente as implicações dessa relação de trabalho. Seu comportamento reflete um padrão recorrente em sociedades patriarcais, onde a responsabilidade pelos filhos recai majoritariamente sobre as mulheres, mesmo quando elas desempenham funções profissionais exigentes. Paul representa, portanto, um modelo de masculinidade que se adapta às mudanças sociais, mas sem abdicar de certos privilégios historicamente atribuídos aos homens.

Além de Paul, outros personagens masculinos aparecem ao longo da narrativa com funções específicas que reforçam ou desafiam as dinâmicas de gênero e poder. O chefe de Myriam, por exemplo, simboliza o ambiente profissional como um espaço que impõe desafios e pressões adicionais às mulheres, muitas vezes exigindo delas um esforço extra para se provar competentes e confiáveis. Já os personagens secundários masculinos, como amigos e conhecidos da família, ajudam a compor um panorama mais amplo das expectativas sociais que moldam os papéis de gênero dentro da trama.

Um aspecto relevante a ser analisado nesse capítulo é a forma como os homens da narrativa lidam com a presença de Louise. Diferentemente de Myriam, que oscila entre a necessidade e o desconforto em relação à babá, Paul e os demais personagens masculinos demonstram uma relação mais superficial com ela, enxergando-a como uma figura quase invisível, alguém cuja existência está vinculada exclusivamente ao serviço prestado. Essa

negligência masculina em relação ao papel e à subjetividade de Louise contribui para a construção da sua frustração e solidão, aspectos que se tornam centrais para o desfecho da história.

Além disso, essa análise abordará a maneira como Slimani constrói os personagens masculinos para reforçar a crítica social presente no romance. A obra sugere que, enquanto as mulheres estão constantemente negociando seus papéis entre maternidade, carreira e vida pessoal, os homens da narrativa se mantêm relativamente alheios a essas tensões, exercendo uma influência indireta, mas estruturalmente determinante nos eventos que ocorrem. Essa distribuição desigual de responsabilidades e envolvimento emocional é um dos elementos que contribuem para o crescimento das tensões psicológicas que culminam na tragédia.

Por fim, este capítulo discutirá como a representação dos homens em *Canção de Ninar* se relaciona com debates feministas sobre masculinidade, divisão do trabalho doméstico e paternidade. Ao examinar as relações entre os personagens masculinos e femininos, a pesquisa busca compreender de que forma o romance de Slimani problematiza não apenas a condição das mulheres na sociedade contemporânea, mas também a forma como os homens ocupam e perpetuam certos papéis sociais.

1.5 AS ONDAS DO FEMINISMO E SUA INFLUÊNCIA NA OBRA

Dentro desse contexto, é fundamental compreender as ondas do feminismo e sua relevância para os estudos feministas na literatura. O movimento feminista, ao longo da história, passou por diversas fases, cada uma marcada por reivindicações e avanços que influenciaram a produção cultural e intelectual. A primeira onda, surgida no final do século XIX e início do século XX, foi centrada principalmente na luta pelo sufrágio feminino e pelos direitos civis básicos, assegurando às mulheres o direito ao voto e à educação formal. A segunda onda, que emergiu entre as décadas de 1960 e 1980, expandiu as pautas feministas para incluir debates sobre a opressão estrutural das mulheres, a sexualidade, o trabalho reprodutivo e os direitos sobre o próprio corpo. Autoras como Simone de Beauvoir foram fundamentais para essa fase, trazendo reflexões sobre a construção social da mulher e sua condição de "outro" dentro da sociedade patriarcal.

Já a terceira onda, que se consolidou nos anos 1990, buscou abordar as limitações das primeiras fases do feminismo, promovendo uma visão mais interseccional, que considerava

não apenas o gênero, mas também raça, classe social e outras formas de opressão que impactam as mulheres de maneiras diversas. Hélène Cixous, por exemplo, propôs uma abordagem mais voltada para a linguagem e a subjetividade feminina, desafiando a estrutura masculina do discurso e encorajando uma escrita própria das mulheres.

Por fim, a quarta onda do feminismo, que emergiu a partir dos anos 2010, integra a tecnologia e o ativismo digital às lutas feministas, enfatizando a necessidade de representatividade, diversidade e combate à violência de gênero. Esse contexto é essencial para compreender as personagens femininas em *Canção de Ninar*, pois a obra reflete, em vários níveis, as preocupações levantadas por essas diferentes ondas do feminismo, seja na problematização das relações de trabalho, na maternidade como uma imposição social ou nas tensões entre autonomia e opressão vividas pelas mulheres na contemporaneidade.

Por essa razão, para essa pesquisa, selecionei autoras cujas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento do pensamento feminista e para a compreensão das dinâmicas de gênero na literatura. As teóricas escolhidas oferecem abordagens distintas e complementares, permitindo uma análise mais abrangente da obra *Canção de Ninar* de Leïla Slimani.

Dentre essas autoras, destaco aquelas que discutem a construção social do feminismo, a relação entre gênero e poder, e os impactos da estrutura patriarcal na vida das mulheres. Suas obras fornecem um arcabouço teórico essencial para examinar as personagens femininas da narrativa, suas complexidades e os desafios que enfrentam dentro do contexto social em que estão inseridas.

Além disso, a seleção dessas autoras se baseia na diversidade de perspectivas dentro do feminismo, incorporando reflexões de diferentes ondas e abordagens, como o feminismo existencialista, o feminismo materialista, a teoria da escrita feminina e a interseccionalidade. Dessa forma, a pesquisa busca traçar um panorama crítico que dialogue com as múltiplas facetas do pensamento feminista e suas aplicações na análise literária.

Para isso, Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1949), oferece uma das bases teóricas mais sólidas para a discussão sobre a opressão feminina e a construção social da mulher. Beauvoir argumenta que a mulher não nasce mulher, mas se torna uma, um conceito essencial para entender a construção social da feminilidade. Sua obra é crucial porque estabelece um arcabouço teórico sobre a maneira como a sociedade estrutura a mulher como o “outro” do homem, uma identidade historicamente moldada por fatores externos e pela dominação patriarcal. Em *Canção de Ninar*, a personagem de Louise pode ser interpretada à luz dessa tese, pois sua identidade de mulher e cuidadora é determinada por um sistema que a

explora enquanto força de trabalho e, ao mesmo tempo, a infantiliza e invisibiliza. A concepção da maternidade como um destino inevitável e a exploração do trabalho doméstico são temas fortemente abordados por Beauvoir e são centrais para a análise do romance de Slimani.

Já *Le Rire de la Méduse* (1975), de Hélène Cixous, contribui com um olhar mais voltado para a linguagem e a escrita feminina. Para Cixous, a escrita tradicional é dominada pelo “logos” masculino, e é necessário que as mulheres se apropriem de sua própria voz e rompam com as estruturas da linguagem patriarcal. Cixous propõe que a escrita feminina seja fluida, múltipla, sem as amarras das convenções impostas pelo discurso masculino. A análise de *Canção de Ninar* sob essa ótica pode se voltar para a forma como Slimani constrói sua narrativa, tanto no nível da linguagem quanto na forma como explora a interioridade das personagens femininas. A escrita de Slimani carrega uma tensão entre a expressão do desejo e a repressão social, elementos fundamentais na teoria de Cixous. A maneira como Louise se relaciona com Myriam e a forma como sua frustração é contida podem ser vistas como exemplos da repressão da subjetividade feminina que Cixous denuncia.

A revista *Questions Féministes*, fundada em 1977 por feministas radicais como Christine Delphy e Nicole-Claude Mathieu, traz uma abordagem materialista para a opressão das mulheres. O feminismo materialista enfatiza que a opressão feminina não é apenas cultural ou simbólica, mas estrutural, sendo sustentada por mecanismos econômicos e institucionais. Esse viés é particularmente útil para a análise de *Canção de Ninar*, que denuncia a precarização do trabalho doméstico e a forma como mulheres de diferentes classes sociais são inseridas em relações de poder desiguais. Myriam, uma mulher que busca sua independência profissional, recorre a Louise, que, por sua vez, depende desse trabalho para sobreviver. A relação entre elas não é apenas uma relação de gênero, mas de classe e de exploração econômica. A perspectiva materialista feminista ajuda a compreender como essas hierarquias são perpetuadas dentro do sistema capitalista.

Por fim, *Histoire du Féminisme*, de Michèle Riot-Sarcey, fornece um panorama histórico das diferentes ondas do feminismo e suas intersecções com outros movimentos sociais. Para essa pesquisa, essa obra é essencial para contextualizar as ondas feministas e como cada uma delas influenciou o pensamento contemporâneo. Apesar de *Canção de Ninar* se passar em um período mais atual, onde grandes lutas feministas focadas nos direitos civis e no sufrágio, ainda é possível perceber como a desigualdade de gênero persiste na divisão do trabalho doméstico. A segunda onda, com sua crítica à estrutura patriarcal e à opressão simbólica, dialoga diretamente com a construção das personagens de Slimani, principalmente

na maneira como a maternidade e o papel da mulher no espaço privado são problematizados. A terceira onda, com sua interseccionalidade, ajuda a compreender a posição de Louise enquanto uma trabalhadora precária e isolada socialmente.

Essas autoras e suas respectivas teorias são fundamentais para a minha pesquisa, pois oferecem ferramentas para analisar tanto a condição feminina em *Canção de Ninar* quanto a forma como Slimani articula questões de gênero, classe e identidade na sua narrativa. A abordagem de Beauvoir ilumina a questão da construção da feminilidade e da opressão das mulheres como “outro”; Cixous contribui com a questão da linguagem e da subjetividade feminina; o feminismo materialista ajuda a compreender a estrutura de poder econômico entre as personagens; e Riot-Sarcey oferece um enquadramento histórico que contextualiza as transformações e permanências das dinâmicas de gênero exploradas no romance. Juntas, essas perspectivas permitem uma leitura crítica e abrangente da obra de Slimani, destacando sua relevância dentro do debate feminista contemporâneo.

Ao longo do romance, Slimani constrói personagens que, além de desempenharem papéis essenciais na trama, também funcionam como representações simbólicas de questões estruturais. As personagens femininas, particularmente Louise e Myriam, estão no centro dessa análise, uma vez que suas trajetórias são permeadas por problemáticas relacionadas à maternidade, à subjetividade feminina e à relação entre gênero e classe social. Louise, a babá, encarna a figura da mulher invisibilizada pelo sistema econômico e social, enquanto Myriam representa a mulher que busca emancipar-se profissionalmente, mas que, para isso, delega os cuidados dos filhos a outra mulher.

Por outro lado, os personagens masculinos do romance desempenham um papel igualmente relevante, ainda que de forma distinta. Paul, marido de Myriam, é um exemplo da figura masculina que, apesar de demonstrar certa sensibilidade, ainda reproduz uma estrutura patriarcal que coloca sobre sua esposa a responsabilidade primordial pelo cuidado dos filhos. Além dele, outros personagens masculinos aparecem na narrativa com funções específicas que reforçam ou questionam dinâmicas tradicionais de gênero.

1.6 O CONCEITO DE PERSONAGEM

Assim, o conceito de personagem na ficção é um dos mais fundamentais para a compreensão da narrativa literária, especialmente para a compreensão dessa dissertação. Ao longo dos estudos literários, diversas abordagens foram desenvolvidas para analisar a função

e a construção das personagens, desde perspectivas clássicas até abordagens mais contemporâneas. De forma geral, a personagem é um ser ficcional que desempenha um papel na trama de uma obra literária, sendo moldada por meio de traços psicológicos, físicos e sociais que a tornam crível e significativa dentro da narrativa.

Antonio Candido, em *A Personagem de ficção* (1974), discute como a personagem é um dos elementos centrais do texto literário, ressaltando sua importância tanto na estrutura do romance quanto na experiência do leitor. Ele aponta que a personagem não pode ser reduzida a um mero reflexo da realidade, pois, embora pareça semelhante às pessoas do mundo real, ela é, antes de tudo, uma construção linguística e narrativa. Essa perspectiva é compartilhada por outros críticos, como Anatol Rosenfeld, que enfatiza o caráter simbólico das personagens, destacando que sua existência se dá exclusivamente no âmbito do discurso ficcional.

Beth Brait, em *A Personagem* (1985), aprofunda essa discussão ao distinguir a personagem do ser humano real, ressaltando que ela é um efeito da linguagem e que sua existência está condicionada às escolhas narrativas do autor. Segundo a autora, a personagem é um elemento estruturante da ficção que só pode ser compreendido dentro de seu contexto narrativo. Ela enfatiza que, ao contrário das pessoas do mundo real, as personagens não possuem autonomia fora da narrativa, sendo construídas a partir de estratégias discursivas que conferem a elas uma ilusão de vida e profundidade. Para Brait, a análise da personagem deve considerar tanto os aspectos formais de sua construção quanto os efeitos que ela produz no leitor.

O conceito de personagem também evoluiu ao longo do tempo, acompanhando as mudanças nos paradigmas teóricos da literatura. A tradição aristotélica, que via a personagem como um agente de ação dentro da narrativa, foi amplamente questionada por abordagens mais modernas que enfatizam seu caráter discursivo e estrutural. No século XX, com o advento das teorias estruturalistas e pós-estruturalistas, a personagem passou a ser vista como uma entidade menos fixa e mais fluida, determinada pelas relações textuais e pelo olhar do leitor. Nesse sentido, os estudos de Tzvetan Todorov e Roland Barthes foram fundamentais para redefinir a personagem como um conjunto de signos que interagem no texto, mais do que como uma entidade autônoma e psicologicamente consistente.

Além disso, a relação entre personagem e contexto social também se tornou uma questão central na crítica literária. A personagem pode ser vista como um reflexo das tensões sociais, culturais e ideológicas do tempo em que a obra foi escrita. Nesse aspecto, as discussões do feminismo literário e dos estudos pós-coloniais trouxeram novas perspectivas

para a análise da personagem, enfatizando como os papéis de gênero, classe e etnia são construídos na ficção.

Dessa forma, a conceitualização da personagem é um campo de estudo amplo e multifacetado, que envolve diferentes abordagens teóricas e metodológicas. Para a análise de *Canção de Ninar*, compreender como Slimani constrói suas personagens, manipulando a linguagem e os elementos narrativos para criar figuras complexas e multifacetadas, é essencial. A partir das perspectivas discutidas, será possível explorar as nuances das personagens femininas e masculinas da obra, considerando tanto sua função na estrutura narrativa quanto às implicações sociais e simbólicas de sua representação.

1.7 LEÏLA SLIMANI E SEU IMPACTO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Ao compreender as bases teóricas que sustentam a análise da obra *Canção de Ninar*, torna-se essencial aprofundar-se na trajetória e no impacto da própria autora, Leïla Slimani. Seu percurso acadêmico e profissional, aliado à maneira como constrói suas narrativas, contribui diretamente para a relevância do romance no contexto literário contemporâneo. Assim, para compreender plenamente as complexidades da obra e sua abordagem das relações de gênero, classe e poder, é fundamental examinar a biografia de Slimani, suas influências e o papel que desempenha nos debates sociais e culturais atuais.

Essa análise permitirá uma visão mais abrangente da obra, destacando sua complexidade narrativa e sua relevância para o estudo das representações de gênero na literatura. *Canção de Ninar* não apenas apresenta personagens femininas e masculinas ricamente construídas, mas também propõe uma reflexão crítica sobre os papéis sociais atribuídos a cada um dentro de um contexto marcado por desigualdades estruturais. Ao examinar as dinâmicas entre Louise, Myriam, Paul e os demais personagens, a pesquisa busca desvendar as camadas de tensão que permeiam suas interações e que revelam as complexas relações entre maternidade, trabalho, classe social e gênero.

Ao adotar essa metodologia, a pesquisa não se limita a uma leitura isolada da obra de Slimani, mas insere sua análise dentro de um diálogo mais amplo com os debates acadêmicos sobre literatura contemporânea, estudos de gênero e narrativas policiais. A fusão entre romance psicológico e policial permite que a autora explore o suspense de maneira inovadora, deslocando o foco da investigação criminal convencional para uma abordagem

mais subjetiva e introspectiva. Esse cruzamento de gêneros reforça a relevância do estudo, pois evidencia como as fronteiras literárias podem ser transgredidas para abordar questões sociais e psicológicas com profundidade.

O caráter interdisciplinar da abordagem reforça ainda mais a importância da pesquisa, pois permite integrar diferentes perspectivas teóricas na análise da obra. O diálogo com os estudos feministas, a teoria literária e a crítica social possibilita uma leitura mais ampla das representações de gênero na literatura, evidenciando como *Canção de Ninar* se insere em um contexto maior de discussões sobre a condição da mulher na sociedade contemporânea. Além disso, a análise do romance à luz das teorias da construção da personagem e da narrativa psicológica ajuda a compreender os mecanismos literários utilizados por Slimani para criar uma história densa e impactante.

Slimani se destaca na literatura contemporânea justamente por sua habilidade em abordar temas sensíveis de maneira direta e incisiva, sem recorrer a artifícios melodramáticos ou simplificações excessivas. Sua escrita é precisa e cortante, expondo as contradições e fragilidades de seus personagens sem oferecer respostas fáceis ou julgamentos definitivos. Essa característica torna sua obra um objeto de estudo valioso não apenas do ponto de vista narrativo, mas também como um reflexo das tensões sociais que persistem na realidade.

Leïla Slimani é uma escritora franco-marroquina cuja obra tem se destacado no cenário literário contemporâneo pela maneira como aborda questões sociais, culturais e psicológicas de forma incisiva e provocativa. Nascida em Rabat, Marrocos, em 1981, Slimani mudou-se para a França para continuar seus estudos, consolidando-se como uma autora que transita entre diferentes contextos culturais e linguísticos. Sua formação acadêmica e profissional inclui estudos em literatura e jornalismo, além de uma passagem pelo mundo do jornalismo antes de se dedicar integralmente à escrita ficcional.

A importância de Slimani para a literatura atual está diretamente ligada à sua capacidade de explorar temas delicados e contemporâneos, especialmente no que diz respeito à condição feminina, às desigualdades sociais e à maternidade. Seu romance *Canção de Ninar*, vencedor do prestigiado *Prix Goncourt*, solidificou sua reputação como uma escritora que desafia convenções e investiga as camadas mais sombrias da sociedade. Inspirado em um caso real, o livro narra a complexa relação entre uma babá e a família para a qual trabalha, questionando as fronteiras entre amor, dependência, violência e poder dentro do ambiente doméstico.

Slimani tem sido frequentemente associada ao feminismo contemporâneo e a debates sobre identidade e imigração na França, especialmente por sua posição enquanto mulher de

ascendência norte-africana em um meio literário dominado por vozes eurocêntricas. Seu compromisso com essas questões transcende a ficção, refletindo-se também em sua atuação pública e em textos não ficcionais, como *Sexo e Mentiras: A Vida Sexual no Marrocos* (2017), no qual expõe as contradições e hipocrisias em torno da sexualidade e da liberdade feminina nos países árabes.

A obra de Slimani, portanto, dialoga diretamente com as discussões feministas contemporâneas, problematizando as expectativas impostas às mulheres e as dinâmicas de poder em diferentes âmbitos da vida social. Seu estilo narrativo, caracterizado por uma escrita sóbria e ao mesmo tempo intensa, permite que suas histórias provoquem reflexões profundas sobre temas universais, tornando-a uma das autoras mais relevantes da literatura francófona contemporânea. Seu impacto se dá tanto na crítica literária quanto no engajamento de leitores que encontram em suas obras um espelho das tensões e desafios do mundo moderno.

CAPÍTULO II - LOUISE E MYRIAM EM *CANÇÃO DE NINAR*: CONFLITOS DE GÊNERO E CLASSE

No romance *Canção de Ninar* (2018), de Leïla Slimani, as personagens Louise e Myriam emergem como os pilares centrais da narrativa, representando complexidades psicológicas, sociais e culturais que sustentam o enredo. A profundidade dessas personagens permite uma análise multifacetada, que transcende a trama policial e adentra questões fundamentais da maternidade, da identidade feminina e das relações de poder em uma sociedade contemporânea marcada por desigualdades. A dinâmica entre essas duas figuras foca-se em dilemas universais, como a conciliação entre carreira e vida familiar, as expectativas de gênero e as tensões de classe, elementos que conferem à obra uma atualidade inquestionável.

Este capítulo se propõe a explorar a relevância de Louise e Myriam no desenvolvimento da narrativa, considerando como suas trajetórias e interações refletem problemáticas contemporâneas discutidas em textos teóricos como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, e em estudos modernos sobre maternidade e carreira, como o de Beltrame e Donelli. A figura de Myriam, uma mulher que busca a realização profissional em meio a um contexto que impõe desafios à sua função materna, e a de Louise, cuja existência

gira em torno do serviço doméstico e da dependência emocional de sua profissão, formam um contraponto essencial para a discussão sobre o papel das mulheres na contemporaneidade.

Assim, ao longo deste capítulo, serão analisadas as nuances das experiências dessas personagens e como elas ecoam no debate feminista e sociológico atual, trazendo à tona questões como autonomia, controle, sacrifício e poder. A análise busca não apenas compreender a complexidade das relações estabelecidas no romance, mas também destacar a relevância dessas questões para os debates acadêmicos sobre literatura e gênero.

2.1 LOUISE

Para este trecho, dedicarei a falar sobre a babá Louise, que é uma personagem com diversas camadas, cujo adoecimento mental é retratado de forma complexa e perturbadora. Inicialmente, nos deparamos com a imagem de Louise como uma babá aparentemente perfeita, dedicada e eficiente que rapidamente seduz a família. À luz do conceito de personagem enquanto construção discursiva, conforme proposto por Candido (1974) e Brait (1985), Louise pode ser compreendida não como um reflexo direto da realidade, mas como uma figura ficcional elaborada a partir de escolhas narrativas que produzem determinados efeitos de sentido no leitor.

Paul e Myriam ficam seduzidos por Louise, por seus traços lisos, seu sorriso franco, seus lábios que não tremem. Ela parece imperturbável. Tem o olhar de uma mulher que pode compreender e perdoar tudo. Seu rosto é como um mar calmo, de cujos abismos ninguém poderia suspeitar. (Slimani, 2018, p. 24)

Essas características que são destacadas, como “traços lisos”, “sorriso franco” e “lábios que não tremem”, constroem o contexto que a babá é ideal para aquela situação e passa a confiança necessária que os pais precisam naquele momento e de total autocontrole das emoções. Para isso, Louise busca obsessivamente se encaixar em um espaço que não lhe pertence completamente: “Ela tenta parecer o mais decente possível. Para isso, usa uniforme, trata as crianças de maneira exemplar e mantém o apartamento o mais organizado possível” (IŞIK, 2021, p. 106, tradução nossa). Vale destacar que o uso do uniforme é um elemento fundamental dessa estratégia. Em muitas sociedades, o uniforme simboliza tanto disciplina quanto submissão. No caso de Louise, ele pode ser interpretado como um duplo mecanismo: por um lado, reforça sua identidade como trabalhadora submissa, garantindo sua permanência

na casa; por outro, esconde sua individualidade e, conseqüentemente, sua humanidade. Esse apagamento da identidade pode ser lido como um reflexo de sua fragilidade psicológica: ao se reduzir a uma função – a de babá impecável –, Louise anula qualquer traço de subjetividade que possa ameaçar sua posição.

Além da vestimenta, sua dedicação excessiva ao trabalho doméstico – cuidar das crianças e manter o apartamento impecável – reforça sua tentativa de se tornar indispensável. No entanto, essa busca pela perfeição revela, paradoxalmente, um abismo entre sua expectativa e a realidade: quanto mais ela se esforça para se integrar à família, mais evidente se torna a barreira social que a separa de seus empregadores. Conforme aponta Rosenfeld, a personagem não possui existência fora do discurso ficcional, sendo construída simbolicamente pela linguagem. Nesse sentido, a deterioração mental de Louise deve ser lida não como um diagnóstico clínico, mas como um efeito narrativo que expressa o esgarçamento de sua posição social e afetiva ao longo da obra.

Essa dinâmica também pode ser interpretada sob a ótica do conceito de *mimicry* de Homi Bhabha (1994), que descreve a tentativa do colonizado de imitar o colonizador como forma de inserção social, mas que, no final, acaba apenas destacando sua diferença e exclusão. Louise, ao buscar obsessivamente atender aos padrões da família, não se aproxima deles; pelo contrário, reafirma sua posição de subalternidade, pois sua dedicação não é reconhecida como um sinal de pertencimento, mas como uma expectativa básica de sua função.

Além disso, noção de subalternidade, tal como mobilizada neste trabalho, articula-se às reflexões do feminismo materialista sobre a divisão sexual do trabalho e a naturalização do cuidado como função feminina. Conforme aponta Delphy (2015), o trabalho doméstico, mesmo quando remunerado, permanece marcado por relações de dependência e invisibilidade, nas quais a mulher é reconhecida apenas pela utilidade de sua função, e não como sujeito pleno.

Essa condição aproxima-se da reflexão de Beauvoir (1949/2009), para quem a mulher é historicamente construída como o “Outro”, destinada a existir em função das necessidades alheias. No caso do trabalho doméstico e de cuidado, essa alteridade se traduz em uma posição estruturalmente subalterna, na qual a subjetividade feminina é constantemente apagada em nome da dedicação ao outro. É a partir desse enquadramento teórico que se analisa a personagem Louise, cuja trajetória evidencia os efeitos psíquicos e simbólicos de uma subalternidade sustentada tanto por relações materiais quanto por expectativas sociais profundamente naturalizadas.

Assim, seguindo a descrição feita no trecho acima, o olhar que pode “compreender e perdoar tudo” nos leva a pensar em um lado mais empático e até mesmo maternal da personagem. Já os termos “imperturbável” e “cujos abismos ninguém poderia suspeitar” antecipam que, embora a feição de Louise seja tranquila e serena, assim como o mar, há abismos desconhecidos e potencialmente perigosos escondidos abaixo e prenunciam os eventos trágicos que se desenrolam à medida que sua verdadeira natureza e suas lutas internas vêm à tona. A construção de Louise como uma figura maternal e empática, mas ao mesmo tempo vulnerável e profundamente marcada por sua posição de subalternidade, reflete a realidade inquietante de muitos indivíduos que, silenciosamente, carregam suas frustrações e traumas em meio a relações hierárquicas de poder.

Paul e Myriam, ainda que de forma inconsciente, reforçam essa despersonalização ao se referirem a ela com termos possessivos, como se fosse um bem adquirido e não uma pessoa com agência própria. Essa objetificação se manifesta tanto na forma como falam dela quanto na maneira como a exibem socialmente, como um símbolo de status. A seguir, essa dinâmica é explorada na análise de Hermant (2023):

O apagamento da figura da babá conduz igualmente à objetificação de Louise, uma vez que a despersonalização das babás se intensifica na medida em que elas passam a ser percebidas como mercadorias a serem adquiridas. Com efeito, Paul e Myriam recorrem repetidas vezes ao uso do pronome possessivo ao se referirem a Louise — inclusive na presença dela — evidenciando que a consideram como algo que lhes pertence, tal como um objeto. Expressões como “eu te apresento a nossa Louise. Você sabe que todo mundo nos inveja!” e o fato de Paul passar a falar dela — “nossa babá” — da mesma forma como se fala das crianças e dos idosos reforçam esse processo. Louise é, assim, abertamente desumanizada e objetificada por seus empregadores. (HERMANT, 2023, p. 26, tradução nossa)

Hermant evidencia um dos aspectos mais cruéis da relação entre Louise e seus empregadores: sua despersonalização progressiva, que a transforma no indivíduo em uma mera extensão da casa e da família que serve. A forma como Paul e Myriam se referem a ela, utilizando constantemente o possessivo — “nossa Louise”, “nossa babá” — reforça essa objetificação, reduzindo-a a um bem que lhes pertence e que pode ser exibido e invejado, como se fosse um sinal de status. Essa linguagem sugere que Louise não é vista como uma pessoa com desejos, identidade e história própria, mas sim como um recurso doméstico que atende às necessidades dos padrões.

Esse processo de desumanização é central para o desenvolvimento da personagem e para a tensão narrativa do romance. No início, a dedicação de Louise parece voluntária, até mesmo natural, mas, à medida que se aprofunda sua dependência da família, torna-se

evidente que essa entrega total não lhe confere reconhecimento enquanto sujeito. Pelo contrário, quanto mais Louise se apaga em prol dos outros, mais se torna invisível e descartável, pois seu desejo é ultrapassar o papel de babá e tornar-se parte inseparável da família (IŞIK, 2021, p. 106). Louise tem o desejo de transcender sua posição de babá e se integrar plenamente à família. Esse anseio não é apenas profissional ou material, mas profundamente existencial, pois revela a fragilidade emocional de Louise e sua busca desesperada por pertencimento.

Desde o início do romance, Louise demonstra um investimento que vai além de suas funções como cuidadora. Sua dedicação é extrema: ela não apenas cuida das crianças, mas também organiza a casa, cozinha e até antecipa as necessidades dos patrões. Essa postura ultrapassa a mera responsabilidade profissional e sugere um desejo de fusão com a estrutura familiar. Ao fazer-se indispensável, Louise tenta apagar a linha que separa empregador e empregado, inserindo-se no cotidiano da família de forma que sua presença pareça natural e irreversível.

Entretanto, essa tentativa de integração encontra resistência por parte do casal. Para Myriam e Paul, Louise não passa de uma funcionária, alguém cuja presença é necessária, mas que nunca será considerada parte da família. O próprio contrato social implícito em sua contratação estabelece esse limite: ela cuida dos filhos, mas não pode reivindicar um espaço de afeto ou reconhecimento equivalente ao dos membros legítimos da casa.

Esse desejo de tornar-se inseparável também pode ser analisado sob a ótica do conflito de classe. Louise pertence a um estrato social inferior, e sua tentativa de se integrar à família pode ser vista como uma forma de ascensão simbólica. Entretanto, sua origem e condição de trabalhadora doméstica a mantêm presa a um papel subordinado. Essa barreira social intransponível gera frustração e ressentimento, sentimentos que, ao longo do romance, se acumulam e culminam em sua explosão de violência.

Slimani constrói essa dinâmica de forma metódica, revelando como as relações de poder entre patrões e empregados domésticos podem, muitas vezes, mascarar formas sutis, porém implacáveis, de dominação. A objetificação de Louise não é explicitamente imposta por Paul e Myriam, mas está enraizada na maneira como a sociedade encara o trabalho doméstico e, por consequência, aqueles que o realizam. Dessa forma, Louise se vê presa em uma posição paradoxal: essencial para o funcionamento daquela casa, mas desprovida de qualquer autonomia ou reconhecimento real. Esse processo de anulação progressiva culmina no desenlace trágico do romance, mostrando as consequências devastadoras da desumanização imposta sobre aqueles que vivem para servir.

No entanto, a aparente serenidade de Louise esconde uma realidade mais complexa, na qual sua posição como babá vai além de um simples contrato de trabalho e se transforma em uma relação de servidão implícita. À medida que o tempo passa, ela se torna cada vez mais indispensável para a família, não apenas pelo cuidado com as crianças, mas também pela forma como se molda às necessidades e expectativas de seus empregadores. Essa entrega total não é exigida de maneira explícita, mas nasce de um processo sutil de anulação de si mesma, no qual sua identidade se dissolve em função do outro.

Essa dinâmica evidencia um desequilíbrio profundo, no qual Louise encontra tanto sofrimento quanto uma espécie de gratificação, pois sua submissão também lhe confere um papel essencial dentro daquele núcleo familiar. Essa ambiguidade é central para a construção da personagem e para a tensão narrativa do romance.

Assim, a dualidade central na construção de Louise em *Canção de Ninar*: sua submissão crescente à família para a qual trabalha, que não é explicitamente exigida, mas que se instala de maneira insidiosa. Essa servidão, longe de ser apenas uma imposição externa, torna-se uma experiência paradoxal para a personagem, ao mesmo tempo fonte de sofrimento e de complacência. Louise sofre porque sua identidade e existência passam a depender completamente do reconhecimento e das necessidades do casal, anulando qualquer traço de autonomia. No entanto, essa entrega total também lhe dá um propósito, fazendo com que sua vida gire em torno do papel que desempenha naquela casa.

Essa ambiguidade, que percorre todo o romance, é justamente o que confere sua força narrativa. Diferente das ciências sociais, que analisam as relações de poder e subalternidade de forma estruturada e objetiva, a literatura tem a capacidade de explorar as emoções e os conflitos internos dos personagens, dando voz a nuances que escapam a uma abordagem puramente teórica. Slimani mergulha na subjetividade de Louise, expondo suas fragilidades, angústias e desejos inconfessáveis, permitindo ao leitor compreender a profundidade de sua condição.

Ao construir Louise como uma personagem simultaneamente trágica e perturbadora, Slimani desafia as representações convencionais da relação entre empregador e empregado, revelando um mecanismo silencioso de dominação que se impõe sem palavras, sem contratos explícitos, mas que, ainda assim, aprisiona e define a existência da babá. Essa realidade desconfortável é o que torna *Canção de Ninar* tão impactante, pois coloca em evidência as dinâmicas invisíveis de exploração e dependência emocional que permeiam esse tipo de relação.

Dessa forma, à medida que a narrativa avança, descobrimos camadas mais sombrias de sua psique. O adoecimento mental de Louise é evidenciado através de suas ações e pensamentos que vão se apresentando cada vez mais desordenados. Ela vive em um estado constante de medo e insegurança, sentindo-se desamparada e isolada. Essa insegurança é exacerbada, principalmente, por sua situação financeira precária e pela falta de uma rede de apoio social e emocional. Louise carrega um profundo sentimento de inadequação e se vê presa em um ciclo de trabalho árduo e relações superficiais, incapaz de encontrar um propósito ou satisfação duradoura.

A falta de sono a faz tremer. Ela arranha o canto da janela com a ponta da unha. Gosta de limpar os vidros, freneticamente, duas vezes por semana, porque eles parecem sempre baços, cobertos de poeira e manchas escuras. Às vezes ela tinha vontade de limpar até quebrar. Arranha, com mais e mais força, com a ponta do indicador, e sua unha se quebra. Leva o dedo à boca e o chupa para parar de sangrar. (Slimani, 2018, p. 25)

Pouco a pouco a personagem vai revelando ainda mais deterioração do seu estado mental e alguns comportamentos que estão intrínsecos ao adoecimento mental, como a ansiedade, estresse e o comportamento obsessivo-compulsivo, intensificam a visão intensa e perturbadora de Louise. Algumas reações que encontramos no trecho anterior, como a privação de sono, servem como um indicador crucial do nível de estresse e ansiedade que Louise está enfrentando. Sua insônia a faz tremer, mostrando que ela está em um estado constante de exaustão e desespero, incapaz de encontrar alívio ou descanso. Isso faz com que Louise manifeste seu sofrimento através de comportamentos obsessivo-compulsivos, particularmente em sua relação com a limpeza. A exemplificar, o ato de arranhar a janela e limpar os vidros freneticamente duas vezes por semana é mais do que uma simples rotina de limpeza; é uma manifestação de sua necessidade desesperada de controle. Para ela, os vidros nunca parecem suficientemente limpos, sempre “baços, cobertos de poeira e manchas escuras”.

Esta percepção distorcida da realidade reflete seu estado mental fragmentado e sua incapacidade de encontrar satisfação ou paz. Sua obsessão pela limpeza se intensifica a ponto de querer limpar até quebrar os vidros. O gesto de arranhar a janela com mais e mais força, até sua unha se quebrar, é uma expressão física do seu sofrimento emocional que atinge o “êxtase” quando ela consegue sentir a dor e ver o sangue. Finalmente, quando sua unha se quebra e ela leva o dedo à boca para parar o sangramento, o ato de chupar o dedo é quase infantil, como uma “recompensa” causada pela automutilação, que levam a um estado de

vulnerabilidade e busca de conforto em meio à dor. Todo esse comportamento obsessivo e em torno de uma busca da perfeição e aceitação serão levados rapidamente para dentro do contexto familiar de Myriam e Paul.

Nas semanas seguintes a sua chegada, Louise faz desse rascunho de apartamento um perfeito interior burguês. Impõe suas maneiras antigas, seu gosto pela perfeição. Myriam e Paul se assustam. Ela prega os botões das roupas que eles não usam mais por preguiça de procurar uma agulha. Refaz as barras das saias e das calças. Reforma as roupas de Mila que Myriam já ia jogar fora sem dó. Louise lava as cortinas amareladas pela fumaça do cigarro e pela poeira. Uma vez por semana troca a roupa de cama. Paul e Myriam ficam contentes. Paul diz, sorrindo, que ela parece a Mary Poppins. Não tem certeza de que ela entendeu o elogio. À noite, no conforto de lençóis frescos, o casal ri, incrédulo, dessa nova vida que levam. Eles têm a sensação de ter encontrado uma pérola rara, de terem sido abençoados. Claro, o salário de Louise pesa no orçamento familiar, mas Paul não se queixa mais. Em algumas semanas a presença de Louise se tornou indispensável. (Slimani, 2018, p. 29)

Assim, a babá assume uma nova face e transforma significativamente o ambiente doméstico fazendo com que os padrões fiquem surpresos e maravilhados pelas suas atitudes. Louise transforma o "rascunho de apartamento" em um "perfeito interior burguês", impondo suas "maneiras antigas" e seu "gosto pela perfeição". Esse esforço obsessivo para criar uma casa impecável e organizada reflete sua necessidade de controle e ordem, em contraste com a desordem e o caos que ela sente em sua própria vida interior. A atitude de Louise em relação aos detalhes da casa é meticulosa e incansável. Ela faz coisas que Paul e Myriam nem imaginavam fazer por si mesmos, como pregar botões em roupas que estavam abandonadas por preguiça e refazer barras de saias e calças.

A capacidade de Louise de ver valor nas coisas que os outros consideram descartáveis, como as roupas de Mila, é uma expressão de seu esforço para trazer ordem e utilidade a tudo ao seu redor. Esse comportamento revela uma faceta de sua personalidade que busca desesperadamente por significado - e, aqui, menciono uma falta de autoconhecimento, na qual irei me aprofundar posteriormente - e propósito através de suas ações. Louise também se preocupa com aspectos que exigem mais atenção e detalhe no cotidiano, como lavar cortinas amareladas pela fumaça do cigarro e pela poeira e trocar a roupa de cama uma vez por semana, que acabam passando despercebidos durante o cotidiano. Esses atos vão além do que se esperaria de uma babá comum e mostram uma dedicação quase obsessiva à limpeza e à manutenção. Esse nível de cuidado e atenção aos detalhes, à princípio, para Myriam e Paul, é impressionante, mas que logo mais se tornará perturbador, já

que sugere uma compulsão que vai além do desejo normal de manter um lar limpo e confortável.

A romancista descreve um sentimento de sede de liberdade dessa mulher, um desejo intenso de modernidade que se define por sua vontade de viver experiências pessoais que lhe permitam afirmar-se e reivindicar seu lugar na sociedade. Essa construção narrativa torna o leitor sensível à posição dessa personagem, que se revolta contra representações tradicionais marcadas por uma profunda injustiça social. (BOUDRAHEM MERIEM IMEN, 2019, p. 14, tradução nossa)

Paul e Myriam reagem com surpresa e uma mistura de sentimentos a essa transformação. À princípio, eles ficam "assustados" com a extensão dos esforços de Louise, mas também "contentes" com os resultados. Assim, Paul faz uma comparação entre Louise com a personagem fictícia Mary Poppins, na qual ele compara a babá com uma figura que traz paz e ordem para a família. Por um lado, ele reconhece o valor prático e o impacto positivo das ações de Louise na sua vida diária. Por outro, essa comparação destaca a natureza quase mágica e sobre-humana do trabalho de Louise, implicando que ela vai além do que seria esperado de qualquer pessoa, criando uma espécie de fantasia de perfeição doméstica.

Posteriormente, veremos que essa face de perfeição doméstica será insustentável, uma vez que essa dedicação extrema pode ser vista como um reflexo do próprio desequilíbrio interno de Louise, que canaliza sua necessidade de controle e perfeição em sua obsessão pela limpeza e organização em busca da ordem interior.

À medida que ela se envolve cada vez mais na vida de Paul, Myriam e seus filhos, sua identidade e propósito se misturam de maneira intensa e insalubre com seu papel de babá, criando uma tensão interna crescente.

Louise não diz nada. Não sai de seu esconderijo, nem quando eles berram, quando choram, quando se desesperam. Encoberta na sombra, espia o pânico de Adam, prostrado, agitado por soluços. Ele não entende. Chama "Louise" engolindo a última sílaba, enquanto a baba escorre de seus lábios e as bochechas ficam roxas de raiva. Mila também acaba sentindo medo. Por um instante começa a acreditar que Louise foi mesmo embora, que ela os abandonou nesse apartamento em que a noite vai cair, que eles estão sozinhos e que ela não voltará mais. A angústia é insuportável e Mila suplica à babá. Diz: — Louise, isso não é divertido. Onde você tá? A criança se irrita, bate os pés. Louise espera. Ela os olha como alguém que estuda a agonia do peixe recém-pescado, com os ouvidos sangrando, o corpo sacudido por convulsões. O peixe que se agita no chão do barco, que cabeceia no ar com sua boca ressecada, que não tem nenhuma chance de se salvar. (Slimani, 2018, p. 42-43)

Com o avanço do processo de desintegração subjetiva de Louise, suas ações passam a revelar um afastamento progressivo não apenas da realidade concreta, mas sobretudo de seu papel social enquanto cuidadora. Essa desorganização não deve ser lida como um colapso psicológico isolado, mas como o resultado de uma trajetória marcada pela precarização, pelo isolamento afetivo e pela sobrecarga simbólica imposta ao trabalho doméstico.

Quando Louise se esconde de Mila e Adam, ocorre uma inversão radical das expectativas associadas à figura da babá. Aquele que deveria proteger torna-se frágil; aquela que deveria cuidar assume uma postura infantilizada e assustada. Esse gesto não representa apenas uma fuga momentânea, mas simboliza a retirada de Louise do mundo adulto e das responsabilidades que lhe são impostas, evidenciando a ruptura entre sua função social e sua capacidade subjetiva de sustentá-la.

O esconderijo sob a cama, nesse sentido, opera como um espaço simbólico de regressão e apagamento. Ao se afastar fisicamente das crianças, Louise tenta escapar das pressões que a oprimem, revelando uma subjetividade cada vez mais fragmentada. Essa cena expõe não uma ausência “natural” de instintos maternos, mas o esgotamento de uma mulher cuja identidade foi inteiramente absorvida pela função de cuidar do outro, sem reconhecimento ou reciprocidade.

Essa desorganização torna-se ainda mais evidente durante a viagem em família, quando Louise reage de forma agressiva à insistência de Mila para que ela entre no mar. A recusa em se levantar, seguida do empurrão violento, marca um ponto de ruptura no comportamento esperado de uma cuidadora e sinaliza um estado de exaustão extrema. O grito “Me deixa em paz” (SLIMANI, 2018, p. 61) concentra essa tensão, projetando em uma criança indefesa a violência acumulada por um sistema que exige cuidado incondicional, mas não oferece suporte a quem cuida.

Além desse estado de irritação, evidencia-se uma crescente obsessão pela família que transcende o vínculo profissional. Louise não apenas se dedica ao cuidado das crianças com zelo quase maníaco, mas também tenta se inserir cada vez mais na intimidade do casal, buscando ocupar um espaço central em suas vidas. Sua obsessão manifesta-se em pequenos gestos e pensamentos: o desejo de perfeição em tudo o que realiza, a necessidade de ser indispensável e a inquietação crescente diante de qualquer sinal de afastamento ou rejeição. A família se torna, para Louise, não apenas uma fonte de sustento, mas o núcleo ao redor do qual sua identidade e sentido de existência passam a orbitar, revelando uma fragilidade psicológica que se intensifica à medida que seus limites emocionais são testados.

Louise sabe que eles vão parar, se despedir, alegar que estão com sono. Ela queria retê-los, agarrar-se a eles, arranhar o chão de pedra. Ela queria colocá-los em uma redoma, como dois dançarinos imobilizados e sorridentes, colados ao pedestal de uma caixa de música. Pensa que poderia contemplá-los por horas sem jamais se cansar. Ela se contentaria em observá-los viver, em agir na sombra para que tudo ficasse perfeito, para que a máquina nunca parasse de funcionar. Nesse momento ela tem a convicção íntima, a convicção ardente e dolorosa de que sua felicidade pertence a eles. Que ela é deles, e eles são dela. (Slimani, 2018, p. 67-68)

Aqui, nota-se uma relação de profunda dependência emocional e de uma identidade que se define exclusivamente pelo outro. A descrição carrega um tom de possessividade e idealização, como se Myriam e Paul fossem objetos preciosos que ela deseja proteger a qualquer custo, mas também controlar, colocando-os em uma “redoma”. Essa metáfora da redoma e da caixa de música simboliza o desejo de estagnar o tempo e de preservar um momento idealizado de harmonia, negando o dinamismo da vida e a autonomia das pessoas envolvidas.

O desejo de Louise de "agir na sombra para que tudo ficasse perfeito" revela sua percepção de si mesma como uma peça invisível, mas indispensável, no funcionamento da vida familiar. Esse comportamento ecoa a análise de Simone de Beauvoir sobre o papel histórico da mulher como serva do “Outro”. Louise se anula, vivendo para servir, mas sua anulação também alimenta um desejo de controle absoluto, um paradoxo que é central para a tragédia do romance.

A “convicção ardente e dolorosa” de Louise de que sua felicidade pertence à família também é reveladora de sua fragilidade psicológica. Ela não apenas investe emocionalmente nessa relação, mas também confunde os limites entre seu papel como empregada e sua identidade pessoal. Isso exacerba sua solidão e alimenta uma visão distorcida de pertencimento, em que as crianças são simultaneamente sua fonte de felicidade e a razão de seu sofrimento.

Por essa razão, quando ela precisa encarar o retorno à vida real, isto é, regressar ao apartamento, isso a incomoda profundamente, já que cada vez mais as reações de Louise revelam a fragilidade emocional de alguém que se sente cada vez mais sufocada por suas próprias expectativas e fantasias. “Quando abre a porta de seu apartamento, suas mãos começam a tremer. Tem vontade de rasgar a capa de sofá, dar um soco no vidro da janela. Um magma informe, uma dor queima suas entranhas, e é difícil para ela não gritar”. (Slimani, 2018, p. 73)

Então, com essa perda de controle explícita, fica cada vez mais evidente a falta de controle com os seus acessos de raiva. Assim, em um dos passeios no parque, enquanto

Louise adormecia, Mila resolveu dar um passeio pelo parque e, quando a babá acordou e não a viu, entrou em desespero, até que encontrou a menina acompanhada de uma pessoa desconhecida buscada pelo seu responsável. “Louise observa a velha, que se volta duas ou três vezes enquanto vai embora. Ela sorri, agradecida. À medida que a silhueta curva se distancia, Louise aperta Mila, mais e mais forte. Esmaga o tronco da menininha, que reclama: — Pare, Louise, você está me sufocando”. (Slimani, 2018, p. 81)

Ao mostrar Louise interagindo com Mila de uma forma excessivamente possessiva e violenta, vemos explicitamente a insanidade mental da babá, que não consegue mais se controlar. A descrição de Louise apertando Mila "mais e mais forte", ao ponto de a menina reclamar que está sendo "sufocada", aponta para o controle extremo que Louise exerce sobre a criança. Ao mesmo tempo, a imagem da "silhueta curva" da velha que se afasta traz um contraste, já que enquanto a figura da velha parece se distanciar com leveza, a relação entre Louise e Mila é cada vez mais sufocante, fisicamente e emocionalmente.

A frase "Louise aperta Mila, mais e mais forte" pode ser interpretada como uma metáfora para o controle obsessivo de Louise sobre os outros personagens e a falta de limites em suas ações. Ela tem uma necessidade de domínio. Esse ato de "esmagar" Mila pode simbolizar uma tentativa de aniquilar qualquer tipo de autonomia ou resistência da criança, transformando-a em um objeto de seu domínio.

Além disso, a reação de Mila, pedindo para parar, reforça a violência da cena, mas também sugere que há uma dinâmica de poder em jogo, onde Louise se sente no direito de ir além dos limites e de não respeitar o espaço pessoal de Mila. A relação entre as duas, portanto, começa a se mostrar não apenas opressiva, mas também desprovida de afeto genuíno, com Louise ultrapassando a linha entre cuidado e abuso.

Essa falta de afeto também emerge como a base de sua vulnerabilidade emocional, que é posteriormente agravada pelas dívidas acumuladas pelo marido. Louise é uma personagem que vive na sombra dos outros, subjugada por relações que lhe negam carinho, reconhecimento e suporte. O vazio afetivo que permeia sua vida conjugal e social a coloca em um estado de constante fragilidade, tornando-a incapaz de lidar com as pressões externas, especialmente aquelas relacionadas à instabilidade financeira. O peso financeiro, que vai além de uma simples questão econômica, já que simboliza o esmagamento de sua autonomia e o aprisionamento em uma vida que não oferece escapatória. Esse fator se conecta diretamente às dinâmicas de poder e dependência presentes na narrativa, em especial no contexto das relações familiares e profissionais.

O endividamento crescente do marido reflete uma irresponsabilidade e uma negligência que impactam diretamente a estabilidade emocional de Louise. Como babá, ela já vive em uma posição de subserviência, frequentemente invisibilizada e desvalorizada pelos que a cercam. As dívidas impõem uma pressão ainda maior sobre ela, reforçando a percepção de que sua vida é moldada por forças alheias ao seu controle. A sensação de aprisionamento econômico e social alimenta um ciclo de desespero e impotência, corroendo progressivamente sua saúde mental.

A relação entre o peso das dívidas e a deterioração mental de Louise é intrínseca: cada nova conta, cada cobrança ignorada ou protelada pelo marido reforça sua percepção de que sua vida está fora de controle. O endividamento simboliza um tipo de violência econômica que se soma à violência emocional da indiferença. Com o passar do tempo, Louise passa a associar sua existência à ideia de inutilidade, incapacidade e fracasso. A falta de recursos não é apenas material, mas também emocional: Louise carece de apoio para lidar com os problemas que se acumulam, um após o outro. A falta de afeto na vida de Louise, quando combinada ao peso das dívidas e à negligência do marido, cria um ambiente em que ela se sente invisível e desamparada. A pressão crescente, somada à ausência de laços que a sustentem emocionalmente, conduz Louise a uma alienação completa, culminando em seu colapso psicológico.

Empurrou a cama até a parede para aproveitar o pouco calor do radiador. Deitada assim, seu nariz está quase colado na janela. Os olhos virados para as árvores descarnadas da rua, não encontra mais saída para nada. Tem a estranha certeza de que é inútil lutar. De que só pode se deixar levar, invadir, derrotar, permanecer passiva diante das circunstâncias. Na véspera ela juntou os envelopes. Abriu e rasgou, um a um. Jogou os pedaços na pia da cozinha e abriu a torneira. Molhados, os pedaços de papel grudaram e formaram uma pasta imunda que ela ficou olhando se desmanchar sob o filete de água quente. O telefone toca, de novo e de novo. Louise enfiou o celular debaixo de uma almofada, mas o toque estridente a impede de dormir. (Slimani, 2018, p. 129-130)

Assim, o trecho ilustra sua imersão em um sentimento de resignação e impotência, como evidenciado pela "estranha certeza de que é inútil lutar". Essa desistência simbólica diante da vida e das circunstâncias aponta para uma alienação emocional e social que permeia sua existência. A imagem de Louise empurrando a cama para junto do radiador sugere uma tentativa de preservar algum resquício de calor e conforto, algo quase instintivo, mas ainda assim insuficiente para aliviar o vazio existencial que a consome. Ela entende que é impossível conseguir encontrar uma solução, então prefere descartar os envelopes com as cobranças, pois não existe nenhuma maneira de reverter a situação. A janela, elemento central

na cena, atua como um ponto de transição entre o espaço interior e exterior. Louise, com "o nariz quase colado na janela", parece próxima de um contato com o mundo, mas, ao mesmo tempo, incapaz de ultrapassar essa barreira. As "árvores descarnadas" do lado de fora reforçam a ideia de desolação, ecoando seu estado interno.

Assim, até mesmo a família em que ela trabalhava, que era sua única fonte de combustível para poder continuar, revela a impossibilidade de preencher o vazio emocional e existencial que a consome. Apesar de estar profundamente inserida no cotidiano da família, exercendo um papel essencial como babá e quase uma extensão dos pais, Louise permanece invisível em sua humanidade. A proximidade física e funcional contrasta com a distância emocional e afetiva que caracteriza sua interação com os patrões e as crianças. Então, quando "[...] o telefone toca, de novo e de novo. Louise enfiou o celular debaixo de uma almofada, mas o toque estridente a impede de dormir", isso a incomoda profundamente, já que a família representa uma ilusão de pertencimento. Inserida em uma dinâmica familiar que não lhe oferece pertencimento real, Louise tenta construir um lugar de valor e reconhecimento por meio de uma dedicação absoluta ao trabalho. No entanto, essa entrega nunca é retribuída com afeto genuíno ou inclusão simbólica. Sua presença é tolerada apenas enquanto facilita o cotidiano dos outros, o que a reduz a uma função substituível dentro do espaço doméstico.

O vazio emocional que atravessa a vida de Louise, intensificado por um casamento insatisfatório e por dificuldades financeiras, não encontra alívio na relação com a família que a emprega. Embora ela busque compensar a ausência de vínculos afetivos por meio da devoção ao cuidado das crianças, essa tentativa é continuamente frustrada. A relação estabelecida com os patrões é marcada por uma assimetria de poder que reforça sua posição subordinada e a impede de acessar qualquer forma de reciprocidade emocional.

Nesse contexto, o desejo obsessivo de Louise pela chegada de um terceiro filho pode ser interpretado como uma tentativa simbólica de criar um novo propósito para sua existência e de garantir sua permanência no espaço familiar. Conforme observa Işık (2021), Louise fantasia que um novo bebê poderia solucionar seus conflitos, acreditando que as crianças existentes representam um obstáculo à intimidade do casal. Essa projeção revela sua ilusão de que um novo nascimento consolidaria sua importância e prolongaria sua função, mascarando, no entanto, a precariedade de sua posição e aprofundando seu processo de alienação.

Esse trecho sugere que Louise constrói uma fantasia segundo a qual a chegada de um terceiro filho seria capaz de resolver sua crise existencial. Tal desejo pode ser interpretado como uma tentativa desesperada de consolidar seu lugar no interior da família, uma vez que, de forma inconsciente, ela associa o nascimento de um novo bebê ao reforço de sua

importância e à extensão de sua permanência no espaço doméstico. Embora ocupe uma função central como babá responsável pelos filhos do casal, sua posição permanece estruturalmente frágil e provisória. Nesse sentido, a chegada de uma nova criança representaria a renovação dessa dependência, adiando o momento em que sua presença poderia tornar-se dispensável.

Entretanto, a percepção das crianças como "um obstáculo" revela uma virada sombria na mentalidade de Louise. Se, no início, ela parecia dedicada aos pequenos Mila e Adam, essa citação sugere que sua frustração acumulada distorce sua visão sobre eles. Em sua lógica perturbada, as crianças passam de figuras de afeto para impedimentos concretos à sua realização. Louise não apenas sente que não pertence à família, mas também começa a enxergar os filhos como rivais, pois eles garantem a conexão exclusiva entre Myriam e Paul, uma relação da qual ela nunca fará parte.

Essa ideia também pode ser lida sob a ótica psicanalítica, especialmente no conceito de estranhamento do maternal (Kristeva, 1980). Louise assume um papel materno ao cuidar dos filhos, mas essa posição nunca é reconhecida oficialmente. Ela não pode reivindicar o vínculo materno e, ao mesmo tempo, percebe que sua própria maternidade foi um fracasso – sua relação distante com a filha confirma isso. O desejo de um terceiro bebê pode, portanto, ser interpretado como uma tentativa de corrigir sua experiência anterior, mas quando percebe que esse cenário não se concretizará, sua frustração se volta contra as crianças existentes.

A atribuição de culpa às crianças torna-se um elemento central na construção da lógica interna de Louise. Ao responsabilizá-las pelo fracasso de sua relação com a família, a personagem desloca para os mais vulneráveis o peso de suas frustrações e de sua sensação de não pertencimento. Esse mecanismo de deslocamento revela um processo de desorganização subjetiva, no qual a incapacidade de elaborar suas emoções conflitantes a leva a buscar culpados externos.

Nesse contexto, as crianças deixam de ser percebidas como sujeitas a serem protegidas e passam a ocupar o lugar de obstáculos à realização de seu desejo de integração familiar. Essa inversão simbólica prepara o terreno para o desfecho trágico da narrativa, em que a obsessão de Louise pela posse e pelo pertencimento culmina em um ato de violência irreversível.

Dessa forma, essa citação marca um ponto crítico na narrativa, revelando como Louise, antes uma babá amorosa, se torna uma figura ameaçadora. Seu desejo de um novo bebê como "solução" é, na verdade, uma fuga psicológica que expõe sua fragilidade e sua crescente obsessão, preparando o terreno para o desfecho brutal do romance.

Essa obsessão não surge de uma preocupação genuína com a felicidade do casal ou da família, mas como uma projeção de suas próprias necessidades psicológicas e emocionais. “Ela deseja esse bebê com uma violência fanática, uma cegueira possuída. Ela o quer como raramente quis qualquer coisa, a ponto de se sentir mal, a ponto de ser capaz de afogar, queimar, arrasar tudo que se coloque entre ela e a satisfação de seu desejo”. (Slimani, 2018, p. 170)

Louise enxerga o bebê como uma solução para seus próprios problemas internos. Ao cuidar de outro ser completamente dependente, ela acredita que poderia reafirmar seu valor e importância, tanto para a família quanto para si mesma. Essa ideia reflete sua identidade profundamente atrelada ao trabalho de cuidadora, onde sua relevância é medida pela dedicação e sacrifício que oferece aos outros. O bebê seria, assim, uma maneira de consolidar e prolongar sua presença na vida da família, tornando-a indispensável.

Essa obsessão também revela a busca de Louise por uma conexão emocional genuína que está ausente em sua própria vida. Ao cuidar de um recém-nascido, ela projeta a possibilidade de estabelecer um vínculo puro e incondicional, algo que não encontrou em sua relação com os padrões, com as crianças que já cuida ou em sua vida pessoal. O bebê representa, para Louise, a chance de preencher o vazio emocional que a consome.

No entanto, o desejo de Louise por esse bebê é carregado de uma intensidade sombria e possessiva, que transcende o cuidado saudável. Essa fixação reflete sua deterioração mental e sua incapacidade de distinguir suas próprias necessidades das necessidades da família. Para ela, o bebê não é apenas uma criança, mas um símbolo de redenção e sentido em sua existência, tornando-se uma ideia quase messiânica. O casal, no entanto, não compartilha desse desejo, o que exacerba a frustração e a sensação de rejeição de Louise.

O desejo de Louise pelo bebê se transforma em uma nova forma de obsessão que amplifica seu desequilíbrio psicológico. Quando esse anseio é frustrado – seja pela falta de intenção do casal em ter mais filhos ou pela realidade de sua própria posição subalterna –, a tensão interna de Louise aumenta. Essa frustração, somada ao acúmulo de suas outras angústias, contribui para sua eventual ruptura com a realidade, culminando no trágico desfecho da narrativa.

Esse aspecto da história evidencia como Louise, em seu desespero, tenta criar um sentido para si mesma em meio ao caos emocional e à solidão. Mas essa busca, distorcida por sua instabilidade mental, transforma o desejo por um bebê em um gatilho para a completa alienação e tragédia.

Dessa forma, a construção de Louise em *Canção de Ninar* expõe de maneira complexa e perturbadora as consequências da exploração emocional e econômica dentro da estrutura familiar e social contemporânea. Sua trajetória, marcada por uma crescente obsessão em se tornar indispensável para a família que a emprega, reflete um ciclo de dependência e apagamento de identidade que a conduz a um estado irreversível de alienação e colapso psicológico.

Ao longo do romance, Leïla Slimani desconstrói a figura da babá idealizada e revela como a invisibilização do trabalho doméstico e do cuidado infantil é sustentada por um sistema que desumaniza as mulheres que o desempenham. Louise se torna um símbolo trágico dessa dinâmica: quanto mais se entrega ao papel que lhe foi imposto, mais se dissolve enquanto indivíduo, até que sua única forma de reafirmação seja através da violência.

Essa tensão narrativa evidencia não apenas a vulnerabilidade das trabalhadoras domésticas, mas também as contradições de uma sociedade que terceiriza a maternidade e delega o cuidado das crianças a mulheres que, muitas vezes, encontram nesse trabalho sua única fonte de reconhecimento – ainda que esse reconhecimento nunca se traduza em pertencimento real. A obsessão de Louise por integrar-se à família, seu desejo de controle e sua incapacidade de estabelecer limites entre sua função e sua identidade são sintomas de um sistema que explora afetos e dependências sem oferecer suporte ou acolhimento emocional.

Dessa maneira, *Canção de Ninar* nos obriga a refletir sobre as desigualdades estruturais que moldam as relações de trabalho e de cuidado, questionando o impacto psicológico e social dessas dinâmicas. O caso de Louise não é apenas uma tragédia pessoal, mas um reflexo de um problema sistêmico: a precariedade emocional e material das mulheres que desempenham funções essenciais, mas que continuam relegadas à invisibilidade.

2.2 MYRIAM

Myriam é uma personagem complexa e multifacetada, cuja trajetória reflete tensões profundas entre maternidade, carreira e identidade pessoal. Ela encarna dilemas contemporâneos vivenciados por muitas mulheres, especialmente no que diz respeito à conciliação entre os papéis de mãe e profissional, à busca por autonomia e aos julgamentos sociais que recaem sobre suas escolhas.

Desde o início da narrativa, Myriam demonstra ambivalência em relação à maternidade. Embora ame os filhos, Mila e Adam, ela sente que a rotina doméstica e os

cuidados com as crianças limitam sua individualidade e sufocam suas aspirações. Essa percepção é expressa de forma contundente quando a narradora afirma que “suas ambições se limitavam a fazer aquela filha magrinha e chorona ganhar alguns gramas” (SLIMANI, 2018, p. 14), evidenciando o estreitamento de seus horizontes pessoais após a maternidade.

Essa experiência de conflito não é individual, mas reflete uma condição mais ampla da maternidade contemporânea. Como discutem Beltrame e Donelli (2012), a maternidade impõe às mulheres constantes tentativas de conciliação entre expectativas sociais e desejos individuais, produzindo implicações e conflitos internos. Essa vivência é atravessada por sentimentos ambíguos, nos quais amor e frustração, realização e sacrifício, liberdade e culpa coexistem de maneira tensa.

A trajetória de Myriam ilustra, assim, como a maternidade está longe de constituir uma experiência homogênea ou idealizada. Ao contrário, ela se apresenta como um espaço de negociações permanentes entre o cuidado com o outro e a preservação da própria subjetividade, revelando os limites impostos às mulheres em uma sociedade que ainda associa a realização feminina prioritariamente ao espaço doméstico.

A personagem evidencia as tensões contemporâneas enfrentadas por mulheres que, ao tentarem conciliar múltiplos papéis, acabam se deparando com pressões sociais e pessoais que nem sempre encontram soluções satisfatórias. O conflito vivido por Myriam reforça a ideia de que a maternidade não é uma experiência estática, mas sim um percurso repleto de desafios, negociações e adaptações constantes, em busca de um equilíbrio que parece sempre inatingível.

Molina (2006) atenta para o fato de que, hoje, a maternidade não tem uma visão tão atrativa como em outras épocas. Dadas as características da sociedade pós-moderna, há um aumento de possibilidades e exigências em torno da mulher e de sentimentos de insuficiência frente às responsabilidades. (Beltrame, Greyce Rocha; Donelly, Tagma Marina Schneider, 2012, p. 208)

Diferentemente de épocas anteriores, a maternidade não é mais vista como uma condição plenamente desejável ou suficiente para a realização feminina. No contexto atual, as mulheres são constantemente pressionadas por um aumento de possibilidades e exigências, o que gera sentimentos de insuficiência diante das múltiplas responsabilidades que precisam assumir. Myriam, apesar de amar seus filhos, sente que a maternidade por si só não lhe basta, e essa percepção se traduz em um mal-estar constante, intensificado pelas expectativas sociais que a cercam. Ao decidir retomar sua carreira, Myriam busca resgatar uma parte de sua identidade que foi obscurecida pelas demandas da maternidade, mas, ao mesmo tempo, enfrenta um sentimento de culpa por não conseguir atender plenamente às expectativas de ser

uma "mãe ideal". Esse dilema evidencia como as mulheres, na contemporaneidade, lidam com uma multiplicidade de papéis que, muitas vezes, entram em conflito entre si, levando a um sentimento de frustração e inadequação.

De fato, a chegada de um filho interfere, positiva ou negativamente, na vida da mulher e as atividades profissionais tendem a ficar em um segundo plano (Piccinini, Gomes, Nardi & Lopes, 2008). Isso foi verificado no estudo de Rocha-Coutinho e Rocha-Coutinho (2011), ao entrevistarem executivas ou gerentes gerais. As participantes relataram estratégias utilizadas, que buscaram manter com o nascimento do filho, tais como horário de trabalho fixo, evitar horas extras e reduzir as viagens. Como estratégia de investimento em suas carreiras, acreditavam que passaram a concentrar-se mais em suas tarefas, tendo um incentivo maior para trabalhar e evitar a demissão. (Beltrame, Greyce Rocha; Donelly, Tagma Marina Schneider, 2012, p. 211)

A chegada dos filhos frequentemente obriga as mulheres a reavaliar suas prioridades, levando-as a adotar estratégias para equilibrar as demandas familiares e profissionais. No caso de Myriam, a maternidade inicialmente a coloca em uma posição de renúncia, forçando-a a interromper sua carreira de advogada e a dedicar-se exclusivamente ao cuidado dos filhos. Esse afastamento representa uma experiência compartilhada por muitas mulheres, que veem suas atividades profissionais relegadas a um segundo plano.

No entanto, assim como as executivas entrevistadas no estudo citado, Myriam tenta retomar sua carreira por meio de estratégias que conciliam sua vida pessoal e profissional. A contratação de uma babá, por exemplo, é uma tentativa de manter sua presença no mercado de trabalho sem comprometer totalmente o cuidado com os filhos. Além disso, sua decisão de voltar ao escritório com dedicação redobrada reflete a percepção de que, para permanecer competitiva e evitar prejuízos à carreira, ela precisa demonstrar um desempenho impecável, concentrando-se mais nas suas tarefas e evitando qualquer sinal de fragilidade decorrente da maternidade.

A dualidade entre a necessidade de adaptação às novas demandas familiares e o desejo de crescimento profissional impõe a Myriam um esforço contínuo para provar sua competência em ambos os âmbitos, ilustrando como as mulheres frequentemente se sentem pressionadas a desenvolver mecanismos para lidar com as múltiplas exigências que a maternidade e o trabalho impõem e os sentimentos de incertezas que surgem.

Esse sentimento é amplificado pela pressão social que espera que uma "boa mãe" abdique de suas ambições pessoais em prol da família. Quando Myriam decide voltar ao trabalho como advogada, ela experimenta uma culpa constante – tanto pela ausência em casa quanto pelo desejo de priorizar sua carreira. Essa situação reflete um fenômeno mais amplo

observado nas sociedades contemporâneas, em que a crescente participação feminina no mercado de trabalho tem impactado profundamente a dinâmica familiar, especialmente no que diz respeito ao papel materno. Estudos apontam que as mudanças nas rotinas e nas exigências dos grandes centros urbanos têm gerado desafios adicionais para as mulheres que buscam conciliar a vida profissional e pessoal, resultando em uma reconfiguração das responsabilidades parentais e no surgimento de novos conflitos internos. Conforme destacam Jerusalinsky (2005) e Rapoport & Piccinini (2004):

O panorama de crescimento e consolidação da participação da mulher no mercado de trabalho, juntamente com os hábitos de vida dos grandes centros metropolitanos, têm transformado rotinas e trazido mudanças internas nos papéis familiares nos últimos anos, especialmente naquele exercido pela mãe (Jerusalinsky, 2005; Rapoport & Piccinini, 2004) (Beltrame, Greyce Rocha; Donelly, Tagma Marina Schneider, 2012, p. 206)

A trajetória de Myriam em *Canção de Ninar* reflete de forma marcante o panorama descrito por Jerusalinsky (2005) e Rapoport & Piccinini (2004), no qual a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho e os hábitos urbanos contemporâneos provocam transformações nos papéis familiares, especialmente o materno. Myriam, uma mulher qualificada e ambiciosa, sente-se sufocada pelo papel exclusivo de mãe e esposa, o que a leva a buscar a realização profissional como advogada. Sua decisão de voltar ao mercado de trabalho ilustra as tensões decorrentes dessa mudança de paradigma, onde o desejo de realização pessoal entra em conflito com as expectativas tradicionais da maternidade.

A escolha de Myriam por contratar uma babá para cuidar de seus filhos evidencia as dificuldades enfrentadas por mulheres que tentam conciliar carreira e maternidade em centros urbanos, nos quais a falta de redes de apoio e a sobrecarga de responsabilidades se tornam desafios constantes. A narrativa expõe as angústias, culpas e dilemas vivenciados por Myriam, ecoando as mudanças sociais descritas pelos autores, que ressaltam como as novas configurações familiares demandam uma reorganização dos papéis e das dinâmicas dentro do lar. Assim, a experiência de Myriam pode ser interpretada como uma representação das pressões contemporâneas que recaem sobre as mulheres, mostrando como a busca por um equilíbrio entre vida profissional e familiar nem sempre se concretiza de maneira harmoniosa, mas sim permeada por conflitos e sentimentos de inadequação.

Essa culpa é intensificada pela relação com Sylvie, a mãe de Paul, que representa uma geração com valores tradicionais sobre os papeis femininos e a dinâmica familiar. Sylvie não apenas reprova a decisão de Myriam, mas também faz isso de maneira velada, utilizando comentários e insinuações que reforçam o estigma de que a maternidade deve ser a prioridade

absoluta de uma mulher. A sogra observa a escolha de Myriam com um misto de desdém e desaprovação silenciosa, o que amplifica o conflito interno de Myriam. “Ela não aguentava Sylvie no seu pé. Ouvia sorrindo os conselhos da sogra, engolia em seco quando a via mexer na geladeira e criticar os alimentos que encontrava”. (Slimani, 2018, p. 14).

A figura de Sylvie funciona como um espelho das pressões sociais que Myriam enfrenta, simbolizando o modelo de mãe sacrificial, aquela que abdica de si mesma em prol da família. Essa postura alimenta a tensão entre as duas, pois Myriam, determinada a recuperar sua identidade e independência, resiste a esse modelo, mas ao mesmo tempo sente-se vulnerável diante da crítica implícita da sogra.

A desaprovação de Sylvie também tem um impacto direto na dinâmica familiar. Ela se torna um ponto de tensão entre Myriam e Paul, que, embora apoie a carreira da esposa em um nível prático, muitas vezes permanece passivo diante das insinuações da mãe. Essa neutralidade de Paul contribui para o sentimento de isolamento de Myriam, que percebe que, ao contrário do que esperava, sua decisão de voltar ao trabalho a posiciona como alvo de julgamentos, mesmo dentro da família.

Ao contratar Louise, Myriam tenta demonstrar a Sylvie que é possível equilibrar carreira e maternidade. No entanto, a presença de Louise na casa também é percebida por Sylvie de forma crítica. Para ela, a dependência de Myriam em relação à babá pode ser interpretada como mais um sinal de falha ou inadequação como mãe. Louise, embora eficiente e dedicada, não consegue proteger Myriam do olhar reprovador de Sylvie, que vê a terceirização do cuidado com os netos como uma afronta aos valores que defende.

A relação conflituosa de Myriam com Sylvie reflete um embate geracional profundo, onde diferentes concepções sobre os papéis femininos e a estrutura familiar entram em choque. Myriam busca um novo modelo, onde a realização pessoal e a maternidade coexistem, enquanto Sylvie permanece ancorada em uma visão tradicional que não deixa espaço para concessões. Esse embate não é apenas pessoal, mas reflete uma tensão cultural maior, que permeia a narrativa e contribui para a complexidade dos dilemas vividos por Myriam.

A incapacidade de encontrar um terreno comum com Sylvie reforça a sensação de solidão de Myriam em sua busca por equilíbrio, intensificando seu conflito interno e o peso das expectativas que recaem sobre ela.

Durante meses, ela fingiu suportar a situação. Nem para Paul conseguiu falar sobre a vergonha que sentia. Sentia-se como se estivesse morrendo por não ter nada de diferente para contar além das bobagens das crianças e das conversas entre

desconhecidos que espiava no supermercado. Começou a recusar todos os convites para jantar e a não responder mais aos telefonemas dos amigos. Desconfiava, sobretudo, das mulheres, que podiam ser tão cruéis. Tinha vontade de estrangular as que diziam admirá-la ou, pior, invejá-la. Não suportava mais ouvi-las se queixar de seus trabalhos, de não ver os filhos o suficiente. Mais que tudo, ela temia os desconhecidos. Os que perguntavam inocentemente com que ela trabalhava e se constrangiam à menção de uma vida no lar. (Slimani, 2018, p. 16)

Esse isolamento é profundamente evidenciado no trecho acima em que Myriam, confinada ao papel de mãe em tempo integral, sente vergonha de sua própria realidade e da monotonia de sua rotina doméstica. Ela é consumida pela sensação de inutilidade e pela falta de propósito, sentindo-se desconectada tanto de si mesma quanto do mundo ao seu redor. O simples fato de não ter "nada de diferente para contar" transforma-se em um símbolo de sua insatisfação e da anulação de sua individualidade.

A recusa em compartilhar suas frustrações com Paul agrava ainda mais sua solidão, revelando um abismo emocional na relação conjugal. Myriam guarda para si a vergonha de viver uma vida que considera insuficiente e teme que suas queixas sejam incompreendidas ou desvalorizadas. Isso a leva a isolar-se não apenas do marido, mas também dos amigos, recusando convites e evitando telefonemas, como uma forma de proteger-se do julgamento alheio. O ressentimento em relação às mulheres que a elogiam ou demonstram inveja de sua situação doméstica é um reflexo direto desse isolamento. Para Myriam, esses elogios soam como ironias cruéis, ecoando a hipocrisia de um sistema que idealiza o papel de mãe, mas desvaloriza sua vivência real.

O medo de interagir com desconhecidos, especialmente diante da inevitável pergunta sobre seu trabalho, ilustra a fragilidade de Myriam em relação à sua identidade. A "vida no lar" que ela leva é percebida como um fracasso pessoal, tanto por ela quanto pelos outros, destacando a ambiguidade social sobre o papel da mulher que abdica de uma carreira. Esse constrangimento revela o quanto Myriam internalizou as pressões culturais que associam o valor de uma pessoa à sua produtividade e contribuição fora do espaço doméstico.

No conjunto, o trecho mostra como a maternidade, em vez de ser uma fonte plena de realização, torna-se para Myriam uma experiência de sufocamento, marcada por frustração, ressentimento e isolamento. Sua luta interna para conciliar o amor pelos filhos com a necessidade de encontrar um propósito além da maternidade é exacerbada por um ambiente social e familiar que reforça a dicotomia entre ser uma boa mãe e ser uma mulher realizada. Myriam se encontra presa em um espaço sem saída, onde o desejo de escapar colide com as responsabilidades que não pode — e, em muitos aspectos, não quer — abandonar. Essa

tensão constante a consome, alimentando os conflitos que definem sua trajetória ao longo da narrativa.

Por esse motivo, ela começa a buscar diferentes prazeres, e os furtos no Monoprix tornam-se uma expressão silenciosa de sua rebeldia contra as normas que a aprisionam.

Um dia, enquanto fazia compras no Monoprix do boulevard Saint-Denis, ela percebeu que, sem querer, havia furtado umas meias infantis esquecidas no carrinho de bebê. Ela estava a alguns metros de casa e poderia ter voltado à loja para devolvê-las, mas desistiu. Não contou isso para Paul. Embora não fosse de grande importância, ela não conseguia parar de pensar no assunto. Regularmente, depois desse episódio, ia ao Monoprix e escondia no carrinho do filho um xampu, um creme ou um batom que não ia pagar. Sabia que, se a pegassem, bastaria fazer o papel de mãe sobrecarregada e, sem dúvida, acreditariam na sua boa-fé. Esses furtos ridículos a deixavam em transe. Ria sozinha na rua, com a impressão de estar caçoando do mundo inteiro. (Slimani, 2018, p. 16)

O ato inicial, aparentemente accidental, de levar meias infantis esquecidas no carrinho, evolui para uma prática deliberada de esconder itens triviais como xampus, cremes ou batons. Esses furtos, apesar de insignificantes em valor material, carregam um profundo significado psicológico: representam uma tentativa de Myriam de reivindicar um controle que sente ter perdido em outros aspectos de sua vida.

Cada pequeno roubo proporciona a ela um prazer transgressor, uma sensação de vitalidade que contrasta com a monotonia de seu cotidiano. Ao esconder produtos no carrinho de seu filho, Myriam subverte a imagem idealizada da maternidade, aproveitando-se de sua aparência de mãe sobrecarregada para evitar suspeitas. Essa prática, realizada em segredo e nunca compartilhada com Paul, reforça seu isolamento emocional, mas também funciona como um grito de resistência contra as expectativas sociais que a sufocam.

O transe que esses atos provocam nela, seguido pelas risadas solitárias ao caminhar pela rua, é uma mistura de êxtase e desespero. Ao rir "com a impressão de estar caçoando do mundo inteiro", Myriam experimenta um alívio momentâneo, como se pudesse escapar, ainda que brevemente, das regras e julgamentos que regem sua vida. Contudo, essa subversão momentânea também revela a profundidade de seu conflito interno e o vazio que ela tenta preencher com essas pequenas transgressões.

Os furtos, mais do que delitos, tornam-se uma manifestação da luta de Myriam por liberdade e identidade. Eles representam sua tentativa de recuperar alguma forma de agência em uma vida que parece tê-la reduzido a papéis que não a satisfazem. O contraste entre a banalidade dos objetos roubados e o impacto emocional que eles causam reflete a complexidade de sua insatisfação e o peso das pressões sociais que a cercam.

Assim, o furto não apenas ilustra a vulnerabilidade emocional de Myriam, mas também encapsula sua busca desesperada por significado em uma existência que a frustra e reprime constantemente. Logo, essa mesma busca por autonomia e significado se reflete em seu encontro com Pascal, seu colega de faculdade e, agora, chefe do escritório, que emerge como um ponto de fuga de sua existência frustrante ao se esbarrarem na rua. Ele encarna um estilo de vida que parece mais despreocupado, mais livre das amarras sociais que sufocam Myriam, oferecendo a ela um vislumbre de algo diferente – uma possibilidade de escapar, ainda que temporariamente, das restrições que a limitam.

Ao oferecer um emprego para Myriam, Pascal surge como uma figura “salvadora” que simboliza a promessa de um recomeço e a possibilidade de resgatar uma identidade que ela sente ter perdido em meio às exigências da maternidade e da vida doméstica. Para Myriam, essa proposta não é apenas uma oportunidade profissional, mas também um gesto que parece validar sua competência e reafirmar seu valor além do papel de mãe.

Ela não parava de pensar na velha blusa de gola puída que vestia sob o casaco e que Pascal devia ter notado. Passava a mão freneticamente nas têmporas, como se isso fosse suficiente para pôr em ordem os cabelos secos e emaranhados. Pascal parecia não perceber nada. Falou sobre o escritório que havia aberto com dois colegas da faculdade, das dificuldades e alegrias de ser seu próprio chefe. Ela bebia suas palavras. Mila não parava de interrompê-la, e Myriam teria dado qualquer coisa para que ela se calasse. Sem desviar o olhar de Pascal, mexeu nos bolsos e na bolsa, em busca de uma chupeta, uma bala, qualquer coisa que garantisse o silêncio da filha. (Slimani, 2018, p. 17)

No entanto, esse reencontro é marcado por um grande desconforto para Myriam, pois revela questões como questões de identidade, autoconfiança e vulnerabilidade. A preocupação constante com sua aparência, como evidenciada pela velha blusa de gola puída e os cabelos secos e emaranhados, demonstra o quanto ela se sente inadequada e deslocada diante dele. Esses detalhes refletem não apenas uma insegurança momentânea, mas também a sensação de que sua vida perdeu o brilho e a vitalidade que ela imagina serem essenciais para atrair a atenção ou o respeito de alguém como Pascal.

Esse desconforto é intensificado pela idealização que Myriam faz de Pascal. Ele não é apenas um homem com quem ela se encontra, mas uma representação de um mundo ao qual ela gostaria de pertencer – um mundo de liberdade, conquistas e autenticidade. Essa idealização a coloca em uma posição de inferioridade emocional, levando-a a projetar nele uma expectativa de validação que ela não consegue encontrar em si mesma.

Além disso, a presença de Mila e as interrupções constantes da filha exacerbam esse sentimento de desconforto. Myriam se vê incapaz de manter a compostura ou de sustentar a interação com Pascal sem que suas responsabilidades maternas interfiram. Isso cria um contraste entre o que ela deseja ser – uma mulher confiante e independente – e o que ela sente que é – uma mãe sobrecarregada e presa a uma rotina que a consome.

Esse contraste entre o que Myriam deseja ser fica ainda mais evidente ao se recordar de seu passado.

Pensava nos esforços que tinha feito para terminar os estudos, apesar da falta de dinheiro e da ajuda da família, na felicidade que sentira ao ser admitida na Ordem, na primeira vez que usara a beca de advogada que Paul tinha fotografado, ela na frente da porta do prédio, orgulhosa e sorridente. (Slimani, 2018, p. 15)

Assim, esses esforços, marcados pela superação de adversidades como a falta de dinheiro e apoio familiar, destacam sua determinação e força de vontade, características que a definiram em um período de sua vida. A memória de vestir a beca pela primeira vez e de ser fotografada por Paul, em frente ao prédio, encapsula um momento de orgulho e triunfo pessoal, quando Myriam se sentia no controle de sua vida e confiante em sua trajetória.

Entretanto, essa lembrança também carrega um peso emocional significativo, pois contrasta profundamente com sua realidade atual. A nostalgia desse momento glorioso ressalta a sensação de perda e deslocamento que ela experimenta, especialmente no contexto de sua vida doméstica e das demandas da maternidade. A memória da beca e do sorriso confiante reflete não apenas uma conquista passada, mas também uma identidade que ela sente estar cada vez mais distante, apagada pela rotina e pela ausência de reconhecimento das habilidades que um dia a definiram.

Essa reflexão também serve como um ponto de ruptura na narrativa interna de Myriam. Ao se lembrar de sua trajetória e das barreiras que superou, ela é confrontada com a realidade de suas escolhas e as limitações que surgiram posteriormente. A força de sua realização passada contrasta com a fragilidade de seu estado emocional presente, evidenciando o conflito entre o desejo de retomar o controle de sua vida e as circunstâncias que a confinam a papéis que não satisfazem seus anseios mais profundos.

Assim, quando Pascal a convida para jantar a sós para celebrar uma vitória de um dos casos, embora inicialmente pareça uma tentativa de escapar, acaba funcionando como um espelho de sua insatisfação interna, junto com o cenário que se torna um reflexo das tensões

internas de Myriam e de sua busca por reconectar-se com uma identidade que ela sente ter perdido.

O jantar, aparentemente um simples encontro social, assume um simbolismo maior, funcionando como um espaço onde Myriam pode, mesmo que temporariamente, escapar das limitações de sua vida cotidiana e experimentar um prazer egoísta, algo que ela não vivencia com frequência em sua rotina de mãe e esposa. Ao estar com Pascal, ela se permite uma pausa emocional e psicológica, um breve distanciamento dos papéis que a restringem.

No entanto, a interação durante o jantar revela mais sobre o conflito de Myriam do que qualquer sensação de liberdade. Pascal, com sua postura descomplicada e seus relatos sobre suas realizações profissionais, reafirma para Myriam a diferença entre os dois mundos em que ela habita. Ele representa um espaço de realização pessoal e autonomia, enquanto Myriam se sente, cada vez mais, prisioneira de uma vida em que suas próprias necessidades e desejos são constantemente negligenciados em prol das demandas externas. Esse jantar, portanto, é marcado pela contradição: é um espaço de fuga temporária, mas também um espaço de confronto com a realidade de suas frustrações.

Durante o jantar, Myriam provavelmente sente que está revivendo uma versão mais jovem e independente de si mesma, mas também é confrontada com a constatação de que essa mulher – confiante, livre e bem-sucedida – está distante de sua realidade atual. Isso a leva a questionar suas escolhas e as consequências de sua decisão de priorizar os outros, especialmente sua família, em detrimento de suas próprias aspirações. Esse jantar é um momento carregado de reflexão e ambiguidade, onde, ao mesmo tempo que Myriam experimenta uma sensação de renovação, também é forçada a encarar a distância entre o que ela desejou ser e o que se tornou.

Assim, após esse reencontro entre os dois, Myriam encontra um momento de reconexão com ela mesma e com sua própria sensualidade e individualidade, aspectos que ela sente terem sido negligenciados em sua vida atual.

“Uma tensão erótica leve, picante, queima sua garganta e seus seios. Passa a língua nos lábios. Tem vontade de fazer alguma coisa. Pela primeira vez depois de muito tempo, ela experimenta um prazer gratuito, fútil, egoísta. Um desejo por ela mesma”. (Slimani, 2018, p. 36)

A "tensão erótica" que percorre seu corpo e a vontade de "fazer alguma coisa" representam uma explosão de vitalidade reprimida, um impulso que contrasta diretamente com a apatia e a rotina extenuante que dominam sua existência. O ato de passar a língua nos

lábios é ao mesmo tempo um gesto de autoconsciência e uma manifestação do desejo de recuperar uma relação consigo mesma.

O "prazer gratuito, fútil, egoísta" que Myriam experimenta pela primeira vez em muito tempo é significativo porque marca uma ruptura com as demandas constantes de sua vida como mãe e esposa. Esse prazer, que não está vinculado a nenhuma obrigação ou expectativa alheia, é profundamente libertador. Ele sugere que Myriam está começando a relembrar e reivindicar um lado de sua identidade que foi sufocado – um desejo por ela mesma, por sua autonomia, por sua própria presença no mundo.

A escolha de palavras de Slimani aqui é reveladora: o "desejo por ela mesma" não é apenas erótico, mas também existencial. Ele encapsula a necessidade de Myriam de se sentir viva e conectada com sua essência, de encontrar significado além dos papéis que desempenha para os outros. Esse momento, ainda que breve, simboliza uma fagulha de resistência contra a sensação de apagamento que ela sente em sua rotina diária.

Essa necessidade de Myriam de se sentir viva e conectada consigo mesma contrasta fortemente com sua relação com Paul, seu marido. Paul, embora presente fisicamente, parece incapaz de enxergar as inquietações e insatisfações da esposa. A relação entre os dois é marcada por uma dinâmica em que Myriam sente que suas próprias necessidades são constantemente relegadas ao segundo plano, enquanto Paul, de maneira inconsciente, reforça as estruturas que a aprisionam nos papéis de mãe e esposa. Ele representa a estabilidade e a segurança da vida familiar, mas também a falta de reconhecimento das aspirações pessoais de Myriam, tornando-se, assim, uma figura que, mesmo sem intenção, contribui para o seu sentimento de apagamento.

Paul é descrito como um marido carinhoso e um pai atencioso, mas sua compreensão da maternidade e do papel de Myriam na família é permeada por uma visão tradicional que não reconhece plenamente sua necessidade de autonomia. Enquanto ele vê a vida doméstica como uma construção coletiva harmoniosa, Myriam a enxerga como uma prisão invisível, onde suas ambições e desejos pessoais são silenciados. Essa discrepância entre suas percepções é um dos elementos centrais que alimentam a sensação de isolamento de Myriam, pois ela não encontra em Paul o apoio emocional necessário para afirmar sua identidade além da maternidade.

Assim, o desejo por ela mesma, evidenciado nos pequenos momentos de prazer e introspecção, surge como uma forma de resistência silenciosa contra essa realidade. A relação com Paul, em vez de proporcionar o suporte necessário para que ela explore sua individualidade, reforça as barreiras que a impedem de se reconectar com quem realmente é

ou deseja ser. Dessa forma, o casamento de Myriam reflete não apenas os desafios pessoais da personagem, mas também as pressões sociais mais amplas que moldam as expectativas em torno da maternidade e do papel da mulher na família moderna.

A tensão entre os papéis sociais e os desejos individuais de Myriam não se restringe apenas à sua relação com Paul, mas se insere em uma problemática maior, que envolve as expectativas da sociedade contemporânea em relação à maternidade e ao trabalho. A necessidade de conciliar a vida profissional com a criação dos filhos gera uma pressão constante, não apenas sobre Myriam, mas sobre uma geração inteira de pais que se veem obrigados a correr contra o tempo, tentando equilibrar ambições pessoais e responsabilidades familiares. Esse dilema é capturado de forma incisiva no trecho em que a babá observa a angústia das crianças diante da ausência dos pais, atribuindo essa situação e “culpa” a uma sociedade que valoriza a produtividade acima de tudo.

— Se a senhora soubesse! É o mal do século. Todas essas pobres crianças estão abandonadas a si mesmas, enquanto os pais são devorados pela mesma ambição. É simples, eles correm o tempo todo. A senhora sabe qual é a frase que os pais mais dizem a seus filhos? “Vamos logo!” E, claro, somos nós que aguentamos tudo. As crianças nos fazem pagar por sua angústia e seu sentimento de abandono. (Slimani, 2018, p. 35)

Aqui, vemos uma crítica incisiva à dinâmica moderna de parentalidade, marcada pela pressa e pela priorização da carreira em detrimento do tempo dedicado aos filhos. A personagem que fala expressa um sentimento de frustração e exaustão, atribuindo à “ambição” dos pais a negligência emocional das crianças, que acabam transferindo suas angústias para aqueles que as cuidam diariamente – as babás. A fala também ressalta como os pais modernos são “devorados pela mesma ambição”, uma expressão que sugere a homogeneização do comportamento parental em torno das demandas de trabalho e realização pessoal. As crianças, por sua vez, acabam abandonadas a si mesmas, o que gera um vazio emocional e uma angústia latente, que são projetados sobre aqueles que assumem o papel de cuidadores. A frase “Vamos logo!”, apontada como a mais recorrente no discurso parental, sintetiza essa pressa constante e a falta de disponibilidade emocional, sugerindo um esgotamento coletivo da sociedade contemporânea. Esse constante apelo à urgência pode ser interpretado como um símbolo da ausência de um tempo de qualidade dedicado à infância, reduzindo as interações entre pais e filhos a momentos de pressa e eficiência. Tal contexto reforça a percepção de que os pais terceirizam o cuidado dos filhos, transferindo a

responsabilidade emocional para as babás e profissionais do cuidado, que acabam sendo as verdadeiras testemunhas e suporte do desenvolvimento infantil.

Outro aspecto importante destacado no trecho é o peso emocional carregado pelos cuidadores, que suportam não apenas a responsabilidade física das crianças, mas também a carga psicológica decorrente do abandono parental. A expressão "somos nós que aguentamos tudo" sugere uma sobrecarga invisibilizada, em que as babás são frequentemente vistas como substitutas parentais, recebendo as manifestações de angústia e solidão das crianças, sem o devido reconhecimento ou suporte.

Além disso, a narrativa de Slimani também aborda questões sociais e raciais por meio da figura da babá imigrante, muitas vezes invisibilizada e reduzida a seu papel funcional. No romance, a confusão entre Myriam, uma mãe de origem magrebina, e uma babá é reveladora dos preconceitos sociais e raciais que permeiam a sociedade francesa. Esse equívoco reforça a ideia de que as mulheres racializadas são automaticamente associadas ao trabalho de cuidado, uma função muitas vezes precarizada e desvalorizada.

Diferentemente da expectativa preconceituosa criada, Louise é uma babá de origem francesa. A relação entre Myriam e a babá, Louise, é complexa e marcada por uma interdependência permeada por tensões de classe, poder e identidade cultural. Um elemento central dessa dinâmica é o fato de Louise ser francesa e Myriam, uma mulher de origem magrebina, o que acrescenta uma camada adicional de complexidade à relação. Myriam, ao retornar ao mercado de trabalho, deposita em Louise a expectativa de uma presença materna substituta, delegando a ela a responsabilidade integral pelo bem-estar de seus filhos. No entanto, essa relação vai além da mera prestação de serviços, pois há uma crescente fusão entre os papéis de empregada e membro da família, o que gera uma ambiguidade emocional. Louise, por sua vez, busca em sua função um sentido de pertencimento e reconhecimento, projetando na família de Myriam suas próprias frustrações e desejos de estabilidade. Essa proximidade, contudo, carrega um desequilíbrio intrínseco, pois Myriam mantém a autoridade e os limites impostos pela relação empregatícia, enquanto Louise, gradualmente, ultrapassa esses limites na tentativa de se afirmar como uma figura indispensável na vida da família.

Myriam vai abrir a geladeira quando a vê. Lá, no centro da mesinha onde com as crianças e sua babá, uma carcaça de frango está posta sobre uma travessa. Uma carcaça reluzente, na qual não sobrou nem um pequeno vestígio, nem o menor traço de carne. Dava para dizer que um abutre a tinha roído, ou um inseto teimoso, minucioso. Um bicho mau, em todo caso. (Slimani, 2018, p. 123)

Isso fica evidente no trecho acima, quando, depois de uma conversa em que Myriam disse não ter problema em jogar a comida fora quando as crianças não quiserem comer, Louise deixa a carcaça do frango em cima da mesa. Louise ultrapassou os limites impostos pela sua condição de empregada, e a cena da carcaça de frango devorada reflete essa transgressão de maneira simbólica e inquietante. A imagem da carcaça, posta no centro da mesa onde Louise e as crianças comeram, sugere que a babá não apenas se apropriou do espaço doméstico, mas também o consome de forma minuciosa e obsessiva. A ausência de qualquer vestígio de carne no osso evoca uma sensação de esgotamento total, como se nada pudesse escapar ao controle meticuloso e voraz de Louise.

A comparação com um abutre ou um inseto persistente destaca a ideia de que a babá age de maneira insidiosa, corroendo lentamente os limites entre a sua função profissional e a vida pessoal da família. O uso da expressão "bicho mau" insinua um elemento perturbador e predatório que Myriam começa a perceber em Louise, alimentando sua crescente sensação de desconforto e perda de controle sobre o próprio lar.

Esse episódio evidencia a dinâmica de poder implícita na relação entre patrões e empregados no contexto da maternidade terceirizada. Myriam, ao delegar os cuidados das crianças à babá, acaba permitindo que Louise ocupe um espaço cada vez maior em sua vida familiar, ultrapassando a esfera do trabalho para se tornar uma presença quase onipresente. A cena da carcaça, portanto, simboliza não apenas o consumo físico do alimento, mas também o consumo emocional e psicológico que Louise exerce sobre a casa e seus habitantes.

Nesse sentido, a passagem pode ser interpretada como uma representação do conflito central da narrativa: até que ponto é possível confiar o espaço mais íntimo da família a uma pessoa de fora? A sensação de invasão e ameaça, tão bem construída por Slimani, emerge com força nessa descrição aparentemente banal, mas carregada de significado simbólico.

Além disso, a disparidade cultural entre as duas mulheres também evidencia tensões sociais latentes, onde a posição de poder de Myriam como empregadora contrasta com a posição socialmente mais aceita de Louise como uma mulher francesa, revelando um jogo sutil de privilégios e vulnerabilidades.

Myriam, apesar de ser uma mulher bem-sucedida e pertencente a uma classe social elevada, carrega consigo as marcas de sua própria fragilidade emocional e a pressão constante para equilibrar sua vida profissional e familiar. Esse cenário cria um ambiente em que a babá, Louise, mesmo ocupando uma posição subalterna, exerce uma forma de controle insidioso, tirando proveito da vulnerabilidade de Myriam e da necessidade da família.

Louise, por sua vez, se vê inserida em um contexto social que a coloca em uma posição de menor status dentro da estrutura doméstica, mas sua identidade como mulher francesa, com suas próprias lógicas culturais e experiências de vida, começa a se destacar como um elemento de resistência ao status quo. Seu comportamento, muitas vezes calculado e silencioso, reflete o modo como ela utiliza as normas sociais a seu favor, manipulando a situação para transformar seu papel de funcionária em algo mais sombrio, mais controlador. Enquanto Myriam busca manter o equilíbrio e a harmonia dentro de sua casa, Louise, ao ultrapassar os limites do papel de empregada, infiltra-se nos espaços mais íntimos da família, não apenas fisicamente, mas também emocionalmente, trazendo à tona uma tensão que ressoa através das classes sociais.

Esse jogo de privilégios e vulnerabilidades não se limita apenas à questão de classe, mas também à questão de gênero. As duas mulheres, em sua complexidade, estão imersas em um sistema que reforça tanto as suas limitações quanto as suas oportunidades. Myriam, com suas aspirações profissionais e desejo de ser uma mãe moderna e independente, encontra-se confrontada com o peso das expectativas sociais e as consequências de delegar a criação de seus filhos a outra mulher. Louise, por outro lado, aparece como uma figura de transgressão, rompendo com as normas ao ultrapassar os limites do que se espera de uma empregada, tornando-se um reflexo distorcido dos próprios desejos de Myriam.

Essa dinâmica de poder e identidade se desenrola na medida em que Louise vai ocupando espaços cada vez mais amplos na vida da família, algo que é simbolizado de forma visceral e impactante no trecho da carcaça de frango. A relação entre as duas mulheres se torna, portanto, um microcosmo de questões maiores sobre as desigualdades sociais, de classe e de gênero, que perpassam a obra como um todo. O que parece ser uma simples ação cotidiana — a refeição compartilhada — se revela como um campo de batalhas silenciosas, onde as tensões sociais e culturais se manifestam de maneira sutil, mas profundamente reveladora.

2.3 REFLEXÕES FINAIS

As reflexões finais deste capítulo nos permitem compreender a complexidade das relações de poder, subalternidade e identidade que permeiam a narrativa analisada. A construção das personagens e a dinâmica social estabelecida revelam nuances significativas

sobre a interdependência entre patrões e empregados, em um contexto onde as expectativas sociais e culturais desempenham papel central.

A anulação progressiva de Louise, sua busca desesperada por pertencimento e o desequilíbrio de poder na relação com seus empregadores evidenciam os impactos psicológicos e emocionais do trabalho doméstico terceirizado. A babá não apenas cuida das crianças, mas se torna uma presença invisível e, ao mesmo tempo, indispensável para o funcionamento da família. No entanto, essa necessidade não se traduz em reconhecimento ou valorização real de sua existência, aprofundando sua alienação e sofrimento.

Por outro lado, Myriam enfrenta um dilema comum a muitas mulheres na sociedade contemporânea: o embate entre a carreira profissional e as exigências da maternidade. Sua tentativa de conciliar esses dois mundos reflete uma pressão estrutural que impõe sobre as mulheres um modelo idealizado de "mãe perfeita", que se choca com as demandas do mercado de trabalho. A contratação de uma babá surge como solução para essa dualidade, mas também levanta questões sobre terceirização do afeto e dos cuidados infantis.

A narrativa também destaca como as relações de classe, gênero e raça se entrelaçam na definição dos papéis sociais e na distribuição desigual do trabalho doméstico. O contraste entre Myriam e Louise não se limita apenas à diferença de status econômico, mas também às expectativas culturais que recaem sobre ambas. Enquanto Myriam busca autonomia e reconhecimento profissional, Louise tenta preencher um vazio existencial por meio de sua devoção extrema ao trabalho. No entanto, essa tentativa de encontrar significado em sua função a conduz a um colapso emocional e, conseqüentemente, ao desenlace trágico do romance.

Dessa forma, este capítulo demonstrou como a obra analisada reflete, de maneira contundente, as dinâmicas invisíveis de exploração e dependência emocional que permeiam relações de trabalho doméstico. A literatura, ao explorar as subjetividades e as emoções das personagens, oferece um olhar profundo sobre os impactos psicológicos da subalternidade e da falta de pertencimento. As reflexões aqui desenvolvidas contribuem para o debate mais amplo sobre as conseqüências da precarização do trabalho doméstico e sobre os desafios contemporâneos enfrentados pelas mulheres que buscam equilibrar vida pessoal e profissional.

CAPÍTULO III - FIGURAS MASCULINAS E SUAS IMPOSIÇÕES: DINÂMICAS DE GÊNERO EM *CANÇÃO DE NINAR*

A análise das figuras masculinas em *Canção de Ninar* (2018), de Leïla Slimani, revela camadas fundamentais da estrutura patriarcal que permeia a narrativa e condiciona as relações entre os personagens. Embora o romance se concentre majoritariamente nas experiências femininas, especialmente nas trajetórias de Myriam e Louise, os homens desempenham um papel crucial na manutenção e perpetuação das dinâmicas de poder e de gênero que estruturam a trama. A forma como esses personagens se posicionam – ora como agentes ativos da opressão, ora como figuras passivas que se beneficiam das desigualdades existentes – ilustra a complexidade das relações interpessoais no contexto contemporâneo.

Diante disso, a abordagem teórica utilizada para a análise desses personagens fundamenta-se em autoras feministas que discutem a construção social da masculinidade e a divisão sexual do trabalho. A obra de Simone de Beauvoir (*O Segundo Sexo*, 1949) será essencial para compreender como a mulher é historicamente confinada à esfera doméstica e como essa hierarquia de gênero se reflete na relação entre Paul e Myriam, reforçando a naturalização da figura masculina como provedor e da feminina como cuidadora. Da mesma forma, as reflexões de Michèle Riot-Sarcey (2002) sobre a paternidade histórica ajudam a evidenciar o papel de Paul como um homem que, embora presente fisicamente em sua família, permanece emocionalmente distante, delegando as funções parentais e domésticas às mulheres ao seu redor.

Além disso, as discussões de Christine Delphy (1977) sobre a exploração do trabalho feminino dentro da estrutura patriarcal são fundamentais para examinar a relação entre Paul e Louise. Ao contratar uma babá, Paul e Myriam externalizam as responsabilidades que socialmente são atribuídas às mulheres, transferindo a carga de trabalho materno para uma figura ainda mais vulnerável dentro da hierarquia social. Nesse sentido, a análise da babá sob a perspectiva da teoria feminista do trabalho doméstico nos permite entender como Louise é explorada de maneira invisibilizada, enquanto Paul mantém seu privilégio sem precisar se envolver ativamente nos cuidados com os filhos.

Outro aspecto relevante dessa discussão se dá na relação de Myriam com Pascal, seu chefe. Se, por um lado, Pascal representa uma figura de resgate para Myriam ao lhe proporcionar um retorno ao mercado de trabalho, por outro, ele reforça a lógica da exploração ao sobrecarregá-la com demandas excessivas, sem reconhecer os desafios que ela enfrenta

como mãe trabalhadora. Essa tensão entre emancipação e opressão no ambiente profissional é discutida por Boudrahem Meriem Imen (2019), que argumenta que o espaço de trabalho pode representar uma nova forma de dominação masculina, em que a mulher, mesmo inserida no mercado, continua sujeita a uma estrutura que a explora e limita.

Por fim, a análise do marido de Louise permite expandir a reflexão para as relações de classe e poder. Jacques, figura masculina ausente e abusiva, simboliza o impacto da masculinidade tóxica na vida das mulheres mais vulneráveis, tornando-se um fator central na degradação psicológica de Louise. A teoria de Hélène Cixous (1975) sobre o silenciamento das mulheres e a exploração da sua subjetividade ajuda a entender como Louise se vê aprisionada em um ciclo de dependência emocional e econômica que intensifica sua solidão e desespero.

Dessa maneira, este capítulo se propõe a examinar como os personagens masculinos de *Canção de Ninar* contribuem para a perpetuação da desigualdade de gênero e para a opressão das protagonistas. Ao longo da análise, discutiremos o papel de Paul como marido e pai ausente, sua relação com Louise e sua postura em relação à divisão do trabalho doméstico, bem como a relação entre Myriam e Pascal no ambiente profissional e o impacto da figura de Jacques na vida de Louise. Através dessa abordagem, buscamos compreender como a masculinidade, na obra de Slimani, se configura como um mecanismo de poder que molda e limita as possibilidades femininas dentro da trama.

3.1 PAUL - RELAÇÃO COM A ESPOSA

O primeiro personagem masculino identificado no romance é Paul, um jovem produtor musical, que é a voz masculina predominante do romance. O personagem nos revela duas faces principais: a primeira, sendo a face de um “Paul otimista”, (Slimani, 2018, p. 11), que é a visão do amigo, produtor jovem e dedicado, sempre disponível aos encontros com os colegas. Esse mesmo otimismo também é o que seduz Myriam. Ele é bem visto por todos, já que, de acordo com os colegas, ele é um pai exemplar, pois sempre tenta agradar os amigos que estão ao redor: “Paul olha sua mulher e seus filhos. Ele diz a si mesmo que a fase mais difícil já passou, que o melhor está por vir. Passam um dia maravilhoso correndo, brincando. As crianças montam os pôneis e os alimentam com maçãs e cenouras. [...] Paul pega um violão e faz todo mundo rir.” (Slimani, 2018, p. 166). Em seu local de trabalho, sempre é “refém dos caprichos dos artistas e de como eles gastavam o tempo” (Slimani, 2018, p. 14).

Para arcar com as despesas da chegada do segundo filho, ele precisa trabalhar mais e logo é contratado por um estúdio renomado, no qual ele precisava ficar mais tempo trabalhando para que pudesse dar o suporte financeiro à família. Essa posição, segundo Michèle Riot-Sarcey (2002):

Historicamente, a figura paterna foi construída em torno do papel de provedor material, enquanto as responsabilidades educativas e afetivas foram atribuídas à mãe, em um processo consolidado pelas estruturas patriarcais (RIOT-SARCEY, 2002).

Essa construção histórica do pai como provedor é essencial para entender a dinâmica de Paul dentro da narrativa e sua relação com Myriam e os filhos. Desde o início da obra, Paul é apresentado como um homem bem-sucedido profissionalmente, cuja identidade está profundamente vinculada ao trabalho. Sua função dentro da família se alinha àquela descrita por Riot-Sarcey: ele fornece estabilidade financeira e sustento, enquanto Myriam assume a carga principal da educação e dos cuidados com os filhos. A decisão de Myriam de retomar sua carreira como advogada desafia essa estrutura tradicional, expondo as tensões latentes na divisão de papéis entre o casal. Considerando a personagem como um elemento funcional da estrutura narrativa, nos termos de Candido (1974), Paul não se constrói como protagonista do conflito, mas como uma figura cuja passividade e neutralidade aparente contribuem para a manutenção das desigualdades que atravessam a narrativa.

Paul não se opõe diretamente ao desejo de Myriam de trabalhar, mas também não assume um papel mais ativo nos cuidados com as crianças. Em vez disso, a solução encontrada pelo casal é a contratação de uma babá, Louise, que passa a ocupar o espaço que, tradicionalmente, seria preenchido pela mãe. Isso reforça o argumento de Riot-Sarcey sobre a separação histórica entre a paternidade financeira e a maternidade afetiva, pois Paul continua distante da vida doméstica, delegando integralmente os cuidados dos filhos a sua esposa e, agora, a uma nova mulher.

O romance também sugere que essa distribuição desigual das responsabilidades parentais impacta a relação de Paul com as crianças. Ele aparece frequentemente em uma posição secundária, sem o mesmo vínculo profundo que Myriam ou até mesmo Louise desenvolvem com as crianças. Esse afastamento reflete como as estruturas patriarcais naturalizaram a distância emocional dos pais em relação aos filhos, sustentando a ideia de que o papel paterno é, sobretudo, o de provedor. Essa divisão de responsabilidades tem raízes históricas profundas, estruturadas em um modelo social que associa a paternidade à esfera

pública do trabalho e à provisão material, enquanto a maternidade é confinada à esfera privada do lar e do cuidado.

Como explica Simone de Beauvoir, essa separação não é uma consequência biológica, mas uma construção social que reforça a desigualdade entre homens e mulheres:

"A HISTÓRIA mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro." (Beauvoir, 1949, p. 179)

A observação de Beauvoir ajuda a compreender porque Paul, mesmo sendo um pai presente fisicamente em alguns momentos, não se envolve ativamente na educação dos filhos. Ele delega a Myriam e, posteriormente, a Louise, a responsabilidade total sobre os cuidados diários, mantendo-se emocionalmente distante. Esse comportamento não é incomum e reflete um padrão social consolidado, no qual os homens são ensinados a valorizar mais sua identidade profissional do que a paternidade ativa.

Além disso, essa concepção tradicional do papel do pai como provedor contribui para um ciclo de negligência emocional que pode ter consequências significativas no desenvolvimento das crianças. Como aponta Christine Delphy, essa estrutura patriarcal não apenas divide as responsabilidades desigualmente, mas também desvaloriza o trabalho afetivo realizado pelas mulheres: As mulheres estão confinadas ao círculo familiar e trabalham gratuitamente. A ordem patriarcal não é apenas ideológica; ela constitui uma forma específica de opressão material. (DELPHY, 1977, p. 112, tradução nossa).

No início da narrativa, Paul parece progressista ao incentivar Myriam a retomar sua carreira como advogada, permitindo que ela escape da rotina doméstica e busque sua realização profissional. No entanto, essa "liberdade" só é viável dentro de um esquema que ainda mantém as mulheres subordinadas: a família contrata uma babá, Louise, para assumir o trabalho doméstico e o cuidado das crianças, deslocando a carga do trabalho reprodutivo de Myriam para outra mulher, que se encontra em uma posição ainda mais vulnerável.

O que Delphy aponta como a exploração gratuita das mulheres no espaço doméstico se manifesta em *Canção de Ninar* tanto na figura de Myriam quanto na de Louise. Myriam, como mulher de classe média, sofre a pressão do ideal materno, que a faz se sentir culpada por querer uma vida profissional. Já Louise, por ser uma mulher de classe trabalhadora, é explorada economicamente e emocionalmente, pois seu trabalho, essencial para o funcionamento da casa de Paul e Myriam, é invisibilizado e mal remunerado.

Paul, enquanto marido e pai, se beneficia diretamente desse sistema. Ele mantém sua carreira sem precisar modificar sua rotina, enquanto Myriam enfrenta o dilema entre maternidade e trabalho, e Louise assume silenciosamente o fardo do cuidado. Essa estrutura evidencia o que Delphy chama de "ordenação patriarcal", que não apenas naturaliza a ideia de que as mulheres são responsáveis pelo trabalho doméstico e pelos filhos, mas também mantém essa divisão de forma econômica e materialmente concreta.

Esse distanciamento também impacta a forma como os filhos enxergam suas relações parentais. Mila, por exemplo, constrói um vínculo muito mais forte com as duas imagens femininas, Myriam e Louise, do que com Paul, pois são elas que estão presentes em seu cotidiano. Esse padrão reflete a crítica feita por Michèle Riot-Sarcey à perpetuação de um modelo de família que exime os homens do envolvimento emocional direto: A maternidade, pensada como função social, é o meio mais seguro de fazer valer direitos por meio da mediação dos deveres. A procriação está, assim, no centro das preocupações do momento. (RIOT-SARCEY, 2002, p. 77, tradução nossa).

No caso de Paul, sua relutância em dividir as responsabilidades e seu afastamento emocional acabam por reforçar esse modelo tradicional de masculinidade que valoriza a autoridade e a independência em detrimento da proximidade emocional e do envolvimento afetivo na criação dos filhos. Ao longo da narrativa, essa negligência simbólica contribui para a crescente tensão entre Myriam e Louise, criando um ambiente onde as frustrações femininas se acumulam sem que Paul perceba ou intervenha.

Dessa forma, *Canção de Ninar* não apenas retrata essa estrutura patriarcal, mas a questiona, evidenciando como a falta de participação ativa dos pais no cuidado dos filhos é um fator que perpetua a desigualdade de gênero e gera impactos emocionais duradouros tanto para as mães quanto para as crianças.

A segunda face que destaco é de “Paul esposo e figura paterna”. Paul, com todo o seu otimismo, tem certeza de que ele seria a única pessoa da família a trabalhar e Myriam ficaria responsável pelos cuidados das crianças. No entanto, quando Myriam decide retornar a trabalhar e, conseqüentemente, que o casal deveria dividir as tarefas domésticas e os cuidados das crianças que, até então, eram exercidas somente por ela, Paul começa a tentar fugir das obrigações com desculpas envolvendo o trabalho.

É certo que alguns homens estão presentes no romance, mas poucos deles exercem algum poder sobre o desenrolar dos acontecimentos. Assim, Paul, o pai das crianças, limita-se a aceitar a escolha da esposa de retornar ao trabalho e não parece encontrar seu lugar na relação que se estabelece entre as duas mulheres. Além disso,

ele permanece ausente durante a maior parte da narrativa. (HERMANT, 2023, p. 12, tradução nossa).

Embora Paul, o pai das crianças, esteja presente na narrativa, ele não exerce um papel decisivo nas dinâmicas familiares e profissionais que estruturam o romance. Sua função na trama se restringe a aceitar as escolhas de Myriam sem questioná-las ou influenciá-las de maneira significativa, o que o distancia tanto do núcleo doméstico quanto da construção do conflito central entre Myriam e Louise.

Essa caracterização de Paul reflete uma crítica social à figura paterna moderna, frequentemente retratada como alguém que se considera um pai presente, mas que, na prática, mantém uma postura de distanciamento. Ele não se opõe ao retorno de Myriam ao trabalho, mas também não se propõe a assumir uma parcela mais ativa na divisão das tarefas domésticas e parentais. O trecho acima sugere que sua ausência vai além do espaço físico: Paul é emocionalmente e simbolicamente ausente, tornando-se um espectador da relação que se desenvolve entre sua esposa e a babá.

A recusa de Paul em compartilhar as responsabilidades parentais reforça essa servidão materna. Seu distanciamento da vida doméstica não é apenas físico, mas simbólico: sua presença é marcada pelo silêncio e pela neutralidade, o que contribui para a escalada da tensão entre Myriam e Louise.

De acordo com Beauvoir, essa estrutura histórica é perpetuada pela naturalização do papel feminino no lar: Mas a mulher, mesmo em sonho, não pode exterminar os homens. O laço que a une a seus opressores não é comparável a nenhum outro. A divisão dos sexos é, com efeito, um dado biológico e não um momento da história humana. (Beauvoir, 1949, p. 2) Essa afirmação ressoa na maneira como Paul se exime de suas responsabilidades enquanto Myriam, pressionada pelas normas sociais, internaliza a culpa por buscar sua independência profissional. Paul personifica, em muitos aspectos, esse sistema de opressão que vemos com Beauvoir. Embora sua presença possa não ser explicitamente analisada sob a ótica da dominação, a estrutura familiar e profissional em que ele está inserido reflete essa dinâmica. Paul se beneficia de uma ordem estabelecida onde a autoridade masculina é tida como natural, enquanto as mulheres, mesmo quando desafiadas, permanecem atadas a papéis de subordinação – seja por meio de relações de dependência econômica, seja pela imposição de funções domésticas e de cuidado.

Assim, a impossibilidade, segundo Beauvoir, de a mulher “exterminar os homens” se manifesta na narrativa de Paul: ele é um exemplo de como a dominação masculina se perpetua, pois a própria sociedade (e, por extensão, os homens que a compõem) estrutura a

vida de forma a garantir que essa hierarquia se mantenha, independentemente dos desejos de mudança. Essa relação, onde a mulher é constantemente associada a seus opressores, se torna um elemento central tanto na crítica existencialista de Beauvoir quanto na forma como o patriarcado se reproduz no ambiente familiar e profissional retratado em *Canção de Ninar*.

Além disso, a ideia de que a mulher deve assumir integralmente as tarefas da casa e dos filhos sem a divisão de responsabilidades com o marido é reforçada por um discurso social que, segundo Michèle Riot-Sarcey, está enraizado na cultura patriarcal. Esse modelo tradicional persiste mesmo diante das transformações no papel das mulheres na sociedade, criando uma ideia de “devoção” à maternidade e ao casamento. Como aponta Riot-Sarcey: A Igreja reforça essa perspectiva. O ideal da mulher — mãe e esposa, piedosa, submissa, dócil e caridosa — revitaliza-se no culto mariano, cujas devoções e orações específicas ganham maior amplitude após as aparições de Lourdes, em 1858. (RIOT-SARCEY, 2002, p. 54, tradução nossa).

Ao conectarmos essa citação com uma análise mais ampla, podemos observar que o culto marial não serve apenas como um ritual religioso, mas também como um mecanismo de reforço dos papéis de gênero. Ao enaltecer a maternidade e a submissão como virtudes essenciais, a Igreja contribui para que a mulher seja vista prioritariamente em sua função reprodutiva e de manutenção da ordem familiar. Isso se articula com as críticas feministas que apontam que tais construções ideológicas mantêm as mulheres confinadas a papéis subalternos, restringindo suas possibilidades de autonomia e participação ativa na vida pública.

Enquanto os homens, como Paul em *Canção de Ninar*, frequentemente mantêm sua rotina profissional sem grandes impactos após a chegada dos filhos, as mulheres enfrentam uma sobrecarga que as obriga a equilibrar a carreira com as demandas do lar. Essa desigualdade é naturalizada por discursos que associam a maternidade ao instinto feminino e ao dever materno, retirando dos homens a obrigação de participação ativa na criação dos filhos.

No romance, essa dinâmica é exemplificada pela forma como Paul encara seu papel na família. Ele assume que Myriam será a responsável natural pelos cuidados das crianças, e quando ela decide retornar ao trabalho, sua primeira reação não é reorganizar sua própria rotina para equilibrar as responsabilidades, mas sim encontrar uma solução externa — a contratação de uma babá. Esse comportamento ilustra o que Christine Delphy usa para denunciar arrogância dos homens que, a partir de sua posição privilegiada, definem o feminismo “en son essence” de forma abstrata e desvinculada da realidade concreta dos

movimentos feministas. Essa crítica pode ser associada à inviabilização do trabalho doméstico, especialmente quando o mesmo é abordado em discursos que adotam uma “Canção de Ninar ” – canção de ninar, em português, uma narrativa suavizante, quase melódica, que romantiza a condição feminina e desvaloriza o trabalho realizado em casa.

Mas de onde esses homens tiram uma visão tão clara não apenas do que o feminismo *deveria ser*, mas daquilo que ele é em sua essência — uma essência da qual os movimentos reais são, aos seus olhos, apenas uma encarnação contingente, um reflexo e, segundo eles, uma imitação bastante aproximada, senão francamente insatisfatória? (DELPHY, 1977, p. 23, tradução nossa).

Essa invisibilização do trabalho doméstico e materno contribui para a manutenção de um ciclo de desigualdade que afeta não apenas as mulheres, mas também a estrutura familiar como um todo. Em *Canção de Ninar*, essa questão se agrava quando Myriam percebe que, mesmo retornando à sua profissão, continua sendo vista como a principal responsável pelo bem-estar dos filhos. Sua tentativa de conciliar trabalho e maternidade não é acompanhada por um esforço de Paul em redistribuir as tarefas, o que a leva a uma sobrecarga emocional e física que repercute ao longo de toda a narrativa.

Dessa forma, a reflexão de Christine Delphy dialoga com a realidade de Myriam, pois evidencia como a sociedade permite que os homens permaneçam à margem das responsabilidades domésticas, perpetuando a ideia de que as mulheres devem dar conta de uma carga de trabalho dobrada, sem que isso seja reconhecido ou compartilhado de maneira justa.

Paul, ao invés de dividir igualmente as responsabilidades, se acomoda no modelo tradicional, o que obriga Myriam a encontrar sozinha uma solução para equilibrar maternidade e trabalho.

A falta de agência dos personagens masculinos no romance pode ser lida como um comentário sobre as desigualdades de gênero na divisão do trabalho de cuidado. Myriam, ao voltar ao mercado de trabalho, precisa encontrar uma solução para garantir o bem-estar dos filhos, mas essa responsabilidade não é compartilhada de maneira igualitária por Paul. Como destaca Hermant, ele não encontra seu lugar dentro da dinâmica que se estabelece entre as duas mulheres, sugerindo que o espaço doméstico, embora tradicionalmente associado ao feminino, não deixa de ser um campo de tensões e disputas de poder – das quais Paul permanece à margem.

Além disso, sua ausência simbólica reforça o isolamento e a sobrecarga emocional que caracterizam tanto Myriam quanto Louise. Myriam se vê dividida entre o desejo de

realização profissional e as pressões da maternidade, enquanto Louise busca desesperadamente um espaço de pertencimento dentro da família, sem nunca obtê-lo. Paul, ao se manter distante, contribui indiretamente para a escalada de tensão entre as duas mulheres, pois sua ausência impede um equilíbrio mais justo na gestão das responsabilidades domésticas e emocionais. Dessa forma, a análise proposta por Hermant evidencia não apenas a passividade de Paul, mas também o impacto de sua ausência na dinâmica familiar e na trajetória das protagonistas.

Ao contrário do que se poderia esperar de um "pai moderno", ele se mantém como uma figura periférica, reforçando a ideia de que o trabalho do cuidado – e os conflitos decorrentes dele – continua sendo um fardo essencialmente feminino na sociedade contemporânea. Paul não quer assumir as responsabilidades paternas, visto que, na sua visão, a sua mulher deveria ficar em casa e cuidar das crianças enquanto ele trabalha e assegura a família financeiramente.

Nessa época, Paul se sentiu pego em uma armadilha, carregado de obrigações. [...] Inventava compromissos e bebia cerveja, sozinho, escondido, em um bairro longe do seu. [...] Paul se tornou infantil, irresponsável, ridículo. [...] Tudo que ele queria era não voltar para casa, ser livre, ele que tinha vivido tão pouco e se dava conta disso tarde demais (Slimani, 2018, p. 102).

Essa imaturidade e irresponsabilidade de Paul em não querer assumir o papel de responsável pelos cuidados dos filhos reforça como o machismo está, até então, inconscientemente enraizado no personagem. Essa perspectiva pode ser facilmente associada à análise de Simone de Beauvoir sobre a divisão de papéis entre homens e mulheres.

Quanto às servidões da maternidade, elas assumem, segundo os costumes, uma importância muito variável: são esmagadoras se se impõem à mulher muitas procriações e se ela deve alimentar e cuidar dos filhos sem mais ajuda; se procria livremente, se a sociedade a auxilia durante a gravidez e se se ocupa da criança, os encargos maternos são leves e podem ser facilmente compensados no campo do trabalho. (Beauvoir, 1970, p. 74)

Por isso, para tentar persuadir a esposa a continuar com a mesma estrutura e dinâmica familiar, Paul lança comentários que reforçam ainda mais o seu pensamento, como “não sabia que você tinha vontade de trabalhar” (Slimani, 2018, p. 18), que diminuem a capacidade de Myriam de poder realizar qualquer coisa que não fosse relacionada a exercer o seu papel de mãe, ou seja, que “ela deve alimentar e cuidar dos filhos sem ajuda” (Beauvoir, 1970, p. 74). É válido mencionar que a história de Slimani se passa em uma realidade contemporânea e cercada pelos desafios da sociedade moderna, na qual o cuidado mútuo entre os pais das

crianças faz parte de uma mudança social que é muito recente. Além disso, os eventos ficcionais que culminam na tragédia são inspirados em um caso real: o assassinato de duas crianças em Manhattan pela babá Yoselyn Ortega, em 2012. Este crime brutal não apenas levantou questões sobre a relação entre empregadores e trabalhadores domésticos, mas também trouxe à tona dinâmicas de gênero e poder que se refletem nas figuras masculinas retratadas na narrativa de Slimani.

No caso real, o pai das crianças, Kevin Krim, trabalhava em um canal de televisão e estava fora da cidade quando o crime ocorreu. Sua ausência física no momento da tragédia evoca o papel de distanciamento que muitos pais desempenham em relação às responsabilidades diárias com os filhos, delegando grande parte dessa carga às mães e, em muitos casos, às cuidadoras contratadas. Essa ausência masculina é um ponto central em *Canção de Ninar*, onde Paul, o pai das crianças, assume um papel coadjuvante nas dinâmicas familiares e na contratação de Louise, a babá.

A decisão de contratar Louise é apresentada como um ato conjunto entre Paul e Myriam, mas é perceptível que Myriam, enquanto mãe e profissional em busca de realização, carrega o peso emocional e logístico da convivência diária com a babá. Paul, por outro lado, ocupa uma posição de privilégio que lhe permite manter-se mais afastado dessas tensões, focando em sua carreira e aparecendo na narrativa apenas em momentos pontuais.

Essa dinâmica reflete não apenas a situação descrita no romance, mas também as desigualdades estruturais em relação à divisão de responsabilidades parentais e à percepção social do trabalho doméstico. O caso real de Manhattan serve como um espelho para as complexas relações de gênero, classe e trabalho que permeiam tanto a ficção de Slimani quanto o mundo contemporâneo. A figura masculina, nesse contexto, é representada não apenas como ausente, mas também como uma engrenagem que perpetua as desigualdades de gênero e as tensões que resultam nas tragédias exploradas na narrativa.

No romance, não se encontra qualquer menção a um alívio semelhante por parte de Paul, que parece jamais ter se envolvido nas tarefas domésticas nem em seu papel de pai: “tudo o que ele queria era não voltar para casa, ser livre. [...] As roupas de pai lhe pareciam ao mesmo tempo grandes demais e tristes demais” (HERMANT, 2023, p. 13, tradução nossa).

Dessa forma, a dinâmica entre Paul e Myriam ilustra os desafios enfrentados por muitos casais modernos, especialmente aqueles que tentam equilibrar carreira e família, mas que, sem sucesso, terminam por sobrecarregar o parceiro. Essa falta de equilíbrio é vista principalmente com Paul, que se dedica integralmente para a carreira e, por consequência,

esse desequilíbrio de Paul gera a sua ausência física e emocional que deixam Myriam vulnerável que são demonstrados através dos pensamentos da personagem no romance que “inveja o marido” (Slimani, 2018, p. 15) por ter liberdade de poder tomar as suas próprias escolhas e ter o contato com outras adultos.

Ela não tinha ideia do que viria. Com duas crianças, tudo ficou mais complicado: fazer compras, dar banho, ir ao médico, fazer a faxina. As contas se acumularam. Myriam ficou sombria. Começou a detestar as saídas ao parque. Os dias de inverno pareceram intermináveis. Os caprichos de Mila a irritavam, os primeiros balbucios de Adam lhe eram indiferentes. Ela sentia cada dia um pouco mais a necessidade de ficar sozinha e tinha vontade de gritar como uma louca na rua. *Eles me devoram viva*, pensava, às vezes (Slimani, 2018, p. 15).

Ao se isentar dessa responsabilidade, Paul reforça o que Beauvoir descreve como a tendência histórica de associar as mulheres à "ideia do Outro" (Beauvoir, 1970, p. 12), confinando-as à esfera doméstica e exigindo delas a renúncia de seus próprios desejos e aspirações para sustentar o equilíbrio familiar. Na perspectiva de Beauvoir, a mulher é frequentemente reduzida ao papel de sustentáculo emocional e logístico da família, enquanto o homem assume uma posição de centralidade autônoma. Em *Canção de Ninar*, essa dinâmica se manifesta através do comportamento de Paul, que, apesar de presente em momentos decisivos, evita se engajar nas complexidades cotidianas que envolvem tanto o trabalho de Louise quanto as aspirações de Myriam.

Essa postura de Paul não apenas sobrecarrega Myriam, forçando-a a conciliar as demandas da maternidade com sua realização profissional, mas também contribui para a perpetuação de um modelo social onde as mulheres são subordinadas à lógica patriarcal. Essa lógica lhes impõe a tarefa de manter a harmonia familiar enquanto os homens preservam seu status privilegiado no espaço público. O resultado é um ciclo de desigualdade que, como aponta Beauvoir, está enraizado em estruturas históricas e culturais que normalizam essa disparidade.

Em um nível mais simbólico, a resistência de Paul em assumir um papel mais ativo e igualitário no cuidado dos filhos e na gestão doméstica reflete uma relutância mais ampla de muitos homens em abdicar de seus privilégios. Essa resistência é emblemática de um sistema que se apoia na exploração emocional e física das mulheres para manter as aparências de normalidade e equilíbrio. No caso de *Canção de Ninar*, a indiferença de Paul em relação às tensões crescentes entre Myriam e Louise demonstra sua desconexão com a realidade emocional que se desenrola ao seu redor, um elemento que contribui para o desfecho trágico da narrativa.

A análise de Beauvoir torna-se particularmente pertinente nesse contexto, pois destaca como essa divisão desigual de papéis não é apenas uma questão individual, mas uma expressão de desigualdades estruturais mais amplas. A narrativa de Slimani, ao colocar Paul em uma posição de aparente neutralidade, expõe a cumplicidade masculina em sistemas de opressão que confinam mulheres, como Myriam, a escolhas impossíveis: sacrificar suas aspirações ou arriscar a estabilidade de suas famílias.

Essa postura de aparente neutralidade adotada por Paul não se manifesta apenas na relação conjugal, mas também se estende à forma como ele se posiciona diante de sua própria família. A relação com a mãe, Sylvie, torna-se particularmente reveladora, pois evidencia como a ausência de enfrentamento masculino contribui para a manutenção de tensões femininas no espaço doméstico, deslocando os conflitos estruturais para o campo das relações entre mulheres.

3.2 RELAÇÃO DE PAUL COM SYLVIE

A relação de Paul com sua mãe, Sylvie, evidencia mais uma vez sua postura de distanciamento e omissão diante das dinâmicas familiares. Ao evitar intervir de forma efetiva nos conflitos entre sua esposa e sua mãe, Paul contribui para que as tensões se concentrem exclusivamente no campo feminino, reforçando uma lógica em que os homens permanecem à margem dos embates domésticos, enquanto as mulheres disputam espaços e legitimidades.

Ao longo do romance, Myriam quase não menciona sua própria família, tendo como principal referência feminina materna a figura da sogra. Essa relação revela-se complexa e multifacetada, marcada por uma rivalidade velada que ecoa, mais adiante, na relação entre Myriam e Louise. Inicialmente, os pais de Paul oferecem uma rede de apoio, especialmente para Myriam. No entanto, com o afastamento progressivo da família e o nascimento do segundo filho, essa dinâmica se fragiliza, aprofundando as tensões no interior do casal.

Os pais de Paul, que estavam acostumados a ajudá-los desde o nascimento da menina, passavam cada vez mais tempo na casa de campo, onde tinham iniciado uma grande reforma. Um mês antes do parto de Myriam, programaram uma viagem de três semanas para a Ásia e só avisaram Paul no último minuto. Ele ficou chateado, queixando-se a Myriam do egoísmo dos pais, de sua leviandade. Mas Myriam estava aliviada. Ela não aguentava Sylvie no seu pé. Ouvia sorrindo os conselhos da sogra, engolia em seco quando a via mexer na geladeira e criticava os alimentos que encontrava. [...] Myriam e ela nunca concordavam em nada e reinava no apartamento um mal-estar denso, fervilhante, que ameaçava a cada segundo explodir em uma luta aberta (Slimani, p. 14-15, 2018).

Essa relação problemática contribuiu ainda mais para a tensão familiar e o estresse em torno dos cuidados dos filhos, na qual a situação gera um enorme desconforto na família.

O sentimento que a sua sogra passa é de algo que, infelizmente, ainda encontramos e escutamos com frequência: a falta de sororidade. As mulheres são criadas em uma rede tão problemática e cercada de pensamentos machistas de que a mulher deve seguir os passos do homem que, quando se tornam mães, acreditam que, obrigatoriamente, devem abdicar da sua carreira, desejos e sonhos para cuidar unicamente dos filhos. O que torna essa fala da sogra mais incômoda é ter vindo de uma outra mulher que, inconscientemente, reproduz o discurso de uma sociedade ainda machista.

Assim, o notório sentimento de frustração de Myriam, causado pela falta de apoio familiar — sobretudo por parte de sua sogra, que critica sua decisão de retornar ao trabalho — evidencia não apenas as pressões sociais impostas à maternidade, mas também as tensões afetivas que se estabelecem no núcleo familiar. Nesse contexto, é possível mobilizar, de forma simbólica e narrativa, o conceito freudiano do Complexo de Édipo para pensar a relação entre Myriam e seu filho.

Segundo Freud (1924/2011), o Complexo de Édipo diz respeito ao conjunto de desejos inconscientes que estruturam a relação da criança com as figuras parentais. No plano literário, esse conceito pode ser interpretado como uma chave de leitura para compreender a intensificação da dependência afetiva da criança diante da ausência materna. A volta de Myriam ao trabalho pode ser percebida, do ponto de vista da criança, como uma forma de ruptura no vínculo exclusivo com a mãe, o que reforça sentimentos de posse e insegurança.

A entrada de Louise nesse espaço doméstico, ocupando progressivamente funções associadas ao cuidado materno, complexifica ainda mais essa dinâmica. A babá passa a assumir um papel simbólico de substituição, tensionando as fronteiras entre maternidade biológica e maternidade social e evidenciando como as relações de afeto, longe de serem naturais, são mediadas por estruturas sociais e econômicas.

A sogra de Myriam, ao criticar a decisão da nora, reforça um ideal tradicional de maternidade em que a mãe deve estar totalmente disponível para os filhos, o que contribui para a intensificação desse conflito edípico. A crítica velada sugere que a mãe que busca uma realização pessoal e profissional estaria, de alguma forma, "traindo" seu papel, o que ecoa a expectativa de uma dedicação exclusiva à maternidade. Essa cobrança social cria um dilema interno em Myriam, que se sente dividida entre sua identidade como profissional e seu papel

de mãe, ao mesmo tempo em que precisa lidar com a dependência emocional do filho e a interferência da sogra.

Nesse contexto, a figura de Louise representa uma solução aparente, mas também uma ameaça simbólica. A criança pode projetar nela tanto o desejo de substituir a mãe ausente quanto o medo de perder o afeto materno, o que aprofunda a complexidade emocional envolvida. Assim, a análise dessa relação evidencia como o modelo tradicional de maternidade ainda impõe pressões desiguais às mulheres, levando-as a internalizar a culpa e a frustração por não corresponderem a essas expectativas sociais.

3.3 RELAÇÃO DE PAUL E LOUISE

Explicitamente, Paul se coloca contra a contratação de uma babá para cuidar dos filhos, pois a ideia de uma pessoa “estranha” cuidando dos seus filhos era ruim. Porém, após a sua contratação, ele percebe que a babá passa a exercer um papel crucial para a família e traz afirmações como “o salário de Louise pesa no orçamento familiar, mas Paul não se queixa mais” (Slimani, 2018, p. 29). Além disso, logo nos primeiros contatos Paul faz uma comparação de Louise e Mary Poppins, idealizando a babá.

É válido destacar que, em um primeiro momento, a comparação parece ser totalmente positiva, já que Mary Poppins é considerada uma babá perfeita - mágica, eficiente e amada por todos. Porém, com o avanço da proximidade de Louise com a família, essa comparação revela diferentes significados. Mary Poppins é uma figura fictícia, cuja eficiência e habilidades trazem ordem e alegria ao caos familiar. Ela é a personificação da babá ideal capaz de resolver todos os problemas com um toque de magia. Ao comparar Louise à babá fictícia, Paul compreende que Louise transformou sua vida doméstica, trazendo uma ordem que ele e Myriam não conseguiam manter sozinhos. Louise não só cuida das crianças com extremo cuidado, mas também mantém a casa impecável, cozinha refeições sofisticadas e, de maneira geral, supera todas as expectativas que Paul e Myriam poderiam ter de uma babá.

A responsabilidade que, à princípio, seria dividida entre o casal, passa a ser exercida por Louise, permitindo que Paul continue se preocupando exclusivamente com a sua carreira, e Myriam possa se dedicar ao trabalho, algo que contribuiria para que ela também se sentisse realizada. No entanto, à medida que a narrativa se desenvolve, cria-se uma tensão entre Paul e

Louise, que reflete em uma dinâmica marcada pela desconfiança. Assim, a comparação inicialmente feita por Paul entre Louise e Mary Poppins carrega uma forte ironia trágica, especialmente à medida que a narrativa avança e as falhas e complexidades da personagem Louise são reveladas. Diferentemente de Mary Poppins, que sempre tem controle completo da situação e cuja presença é um presente mágico e benéfico, Louise é uma figura trágica e perturbada, cujas ações culminam em um desfecho terrível e inesperado. Ela é uma personagem com profundos problemas psicológicos e suas ações são motivadas por uma mistura de solidão, frustração e desespero.

Logo, Paul, embora inicialmente grato pela ajuda de Louise, começa a sentir-se desconfortável com a proximidade que ela compartilha com sua família, especialmente com seus filhos. Ele percebe que Louise possui diversos problemas psicológicos e que ela exerce uma influência significativa sobre as crianças. A imagem de “babá perfeita” e obsessão de Louise pela família passam a incomodá-lo e a alimentar um crescente sentimento de desconforto em relação à babá.

Além disso, Louise exerce um papel de interesse pessoal causado pela expectativa que Paul tem sobre a babá. Para ele, é necessário que tudo esteja sob o seu controle e de acordo com as suas prioridades. Assim, um dos trechos que evidencia muito bem essa situação é a viagem realizada para a Grécia em família. Como é conveniente para Paul e para que as suas necessidades sejam atendidas, ele sugere que Louise viaje com a família. Ao levá-la, ele assegura que aproveitará a viagem e que Myriam também poderá se beneficiar.

Durante a viagem, Louise assume praticamente todas as tarefas relacionadas ao cuidado das crianças, permitindo que Paul e Myriam tenham mais tempo livre. Logo, o controle de Paul sobre a situação é mantido pela sua capacidade de manipular as circunstâncias a seu favor, sem considerar as implicações emocionais para os outros envolvidos.

Myriam dirige um olhar irritado a Paul. Faz de conta que ri de suas piadas, mas ele incomoda quando está bêbado. Fica despudorado, grosseiro, perde a noção das coisas. Uma vez que bebeu muito, faz convites a pessoas odiosas, faz promessas que não pode cumprir. Diz mentiras. Mas ele não parece perceber a irritação da mulher. Abre outra garrafa de vinho e bate na mesa.

— Esse ano nós vamos nos dar ao luxo de levar a babá nas férias! É preciso aproveitar a vida um pouco, não? (Slimani, 2018, p. 56)

Porém, quando Louise “falha” nesse cumprimento de expectativa, é descartável e gera irritabilidade. Ele espera de Louise uma dedicação e uma competência quase inumanas, ignorando o fato de que, como qualquer pessoa, ela está sujeita a erros e limitações. Quando

essa realidade se impõe, a reação de Paul não é de compreensão ou empatia, mas de irritação e desejo de descarte, revelando uma visão totalmente utilitária e desumanizadora em relação a Louise. Além disso, Louise, embora essencial para o funcionamento cotidiano da família, é mantida em uma posição precária e vulnerável. Sua “falha” é suficiente para ameaçar seu lugar na casa, evidenciando como sua segurança e valor são condicionados à sua capacidade de atender às expectativas dos empregadores. A irritabilidade de Paul, então, não é apenas uma reação pessoal, mas também um reflexo das tensões e desigualdades inerentes a essa relação de poder.

Paul está incomodado, e esse incômodo o deixa furioso. Fica com raiva de Louise por ter levado até ali sua limitação, suas fragilidades. Por ter estragado o dia com sua cara de mártir. Leva as crianças para nadar, e Myriam enfia de novo o nariz no livro (Slimani, 2018, p. 62).

Quando a “babá perfeita” começa a demonstrar as suas fragilidades, como a incapacidade de nadar no mar, Paul a culpa por ter estragado o dia e tê-lo deixado irritado. Ele compara a expressão de Louise com “cara de mártir”, ou seja, alguém que sofre perseguição, quando, na realidade, Paul acredita que ela tenha feito essa expressão para manipular a família para que eles se compadeçam com a situação.

Após o primeiro acesso de raiva de Paul durante a viagem, a situação entre os dois fica ainda mais turbulenta. Cada vez mais Paul se incomoda com a inversão dos papéis de como Louise assumia uma figura de domínio na família. Essa inversão dos papéis é uma fonte significativa de desconforto para Paul. Tradicionalmente, ele vê a si mesmo como o provedor e a figura de autoridade, enquanto espera que Louise se limite ao papel de cuidadora subordinada. No entanto, ao perceber que Louise está se comportando de maneira assertiva e, em alguns casos, até dominante, Paul sente que sua posição está sendo ocupada e essa mudança na dinâmica familiar é percebida por ele como uma ameaça à sua identidade e ao seu papel dentro da família.

Essa situação de desconforto sofre uma piora drástica quando, em um determinado episódio da narrativa, Paul, ao retornar para casa depois do trabalho, se depara com Mila maquiada e vestida de maneira que considera inadequada.

Paul a olha fixamente. Ele, que estava tão feliz por voltar mais cedo, tão contente por ver os filhos, sente um sobressalto. Tem a impressão de ter surpreendido um espetáculo sórdido ou doentio. Sua filha, sua pequeninha, parece um travesti, uma cantora de cabaré decadente, acabada, destruída. Ele não se controla. Está furioso, fora de si. Odeia Louise por ter promovido esse espetáculo. Mila, seu anjo, sua

libélula azul, está tão feia quanto um animal de circo, tão ridícula quanto o cachorro que uma velha senhora histérica teria vestido para passear. (Slimani, 2018, p. 88)

Esse episódio exacerba seus sentimentos de perda de controle e de desautorização. Ele sente um sobressalto ao ver sua "pequeninha" transformada em algo que considera sórdido e doentio. Sua fúria é direcionada imediatamente a Louise, a quem ele culpa por permitir, ou mesmo promover, esse espetáculo. A acusação de Paul reflete sua incapacidade de aceitar a mudança que vê diante de si, e ele expressa essa frustração de maneira explosiva.

A comparação que Paul faz de Mila a um "travesti" ou a uma "cantora de cabaré decadente" revela o grau de sua repulsa e desgosto. Para ele, essa transformação fere diretamente os valores que ele acredita serem fundamentais para a família. A intensidade de sua raiva destaca sua percepção de que Louise está subvertendo a ordem familiar que ele esperava manter. Paul tem uma imagem que Mila é um "anjo" e "libélula azul". Ao descrever Mila como um "anjo", Paul a coloca em um pedestal de pureza e inocência, que demonstra uma perspectiva machista de idealização da própria filha. Essa idealização implica uma visão limitada e superficial da filha, onde sua individualidade e complexidade como pessoa são ofuscadas por uma imagem idealizada e de perfeição intocável. Já o apelido de "libélula azul" reforça ainda mais essa visão restritiva. As libélulas são frequentemente associadas à delicadeza e fragilidade. Ao usar essa imagem para descrever Mila, Paul a coloca em uma posição de vulnerabilidade e passividade. Ele a vê como uma criatura graciosa, mas frágil, que precisa ser protegida e cuidada, perpetuando a ideia de que as meninas e mulheres são naturalmente dependentes e frágeis.

Além disso, essa raiva exacerbada pode ser explicada pela inversão das classes sociais e poder. Paul, pertencente à classe média-alta, está acostumado a um certo nível de controle e privilégio que acompanha sua posição social e masculina. Ele vê a si mesmo como o provedor e a figura de autoridade dentro da família. Louise, por outro lado, vem de uma classe social mais baixa, e sua posição como babá a coloca em um papel de subordinação na casa de Paul. No entanto, ao assumir um papel mais dominante e influente dentro da dinâmica familiar, Louise desafia as expectativas sociais e culturais que Paul tem sobre seu lugar e o lugar dela na hierarquia social. A raiva de Paul, então, não é apenas uma reação ao comportamento de Louise ou à aparência de sua filha, mas também uma resposta à ameaça percebida à sua superioridade social. Assim, ao ver Louise exercendo controle e influência, Paul sente que as barreiras que delimitam suas posições de classe estão sendo violadas.

Essa inversão de papéis e a quebra das normas sociais estabelecidas são profundamente desconfortáveis para ele, já que Paul possui a necessidade de se mostrar superior a Louise. Assim, quando a família viaja para a Grécia e Louise tem o seu ataque de irritabilidade por não saber nadar, Paul fica encarregado de ensiná-la. Nesse momento, a babá, que parece ter sempre o controle da situação, se encontra em uma posição de fragilidade e dependência. Por outro lado, para Paul, ensinar Louise a nadar pode ser visto como um gesto de gentileza e generosidade. No entanto, essa ação também pode ser interpretada como um desejo inconsciente de reafirmar sua própria posição de autoridade e poder.

No começo ele ficou incomodado por tocar a pele de Louise. Quando ele a ensina a boiar, coloca uma mão em sua nuca e a outra nas nádegas. Pensa uma coisa idiota, fugaz, e ri disso interiormente: Louise tem nádegas. Louise tem um corpo que treme nas mãos de Paul. Um corpo que ele não tinha nem visto, nem mesmo suspeitado, ele que colocava Louise no mundo das crianças ou no dos empregados. Ele que, sem dúvida, não a via. Entretanto, Louise não é desagradável de olhar. Abandonada nas mãos de Paul, a babá parece uma bonequinha. Algumas mechas loiras escapam da touca de banho que Myriam comprou para ela. Seu bronzeado leve fez com que sardas aparecessem em suas bochechas e no nariz. Pela primeira vez, Paul percebe pelinhos loiros e leves no seu rosto, como aqueles que cobrem os recém-nascidos. Mas há nela alguma coisa virtuosa e pueril, uma reserva, que impede Paul de nutrir por ela um sentimento tão livre quanto o desejo. (Slimani, 2018, p. 63)

Além disso, a água é um elemento comumente associado à purificação e renascimento. Para Louise, entrar na água e aprender a nadar pode simbolizar uma tentativa de renovação ou transformação pessoal. No entanto, considerando os acontecimentos subsequentes do romance, essa transformação não ocorre da maneira esperada, ressaltando a tragédia que permeia a narrativa, a qual iremos abordar posteriormente.

Desde o começo, Paul demonstra um incômodo com o toque da pele de Louise, o que sugere uma barreira emocional e psicológica que ele impôs entre eles. Esse desconforto inicial pode ser interpretado como uma resistência de Paul a reconhecer Louise como uma pessoa completa e autônoma, com uma presença física e emocional distinta. Ao ensinar Louise a boiar, Paul é forçado a um contato físico mais íntimo, colocando uma mão em sua nuca e a outra nas nádegas. Este gesto, que deveria ser técnico e prático, desperta em Paul uma consciência aguda do corpo de Louise. A reação de Paul ao pensar, de maneira fugaz e idiota, que "Louise tem nádegas" e ri disso interiormente, revela um momento de epifania ridículo, mas significativo. Paul é surpreendido pela percepção óbvia e banal de que Louise possui um corpo, algo que ele não havia verdadeiramente considerado antes, pois a enxerga de forma despersonalizada, enquadrando-a em categorias fixas e limitadas: "no mundo das

crianças ou no dos empregados". Essa despersonalização de Louise reflete uma visão hierárquica, onde ela é vista apenas pelo seu papel social e não como um indivíduo completo.

Dessa forma, diferentemente da relação de Myriam e Pascal, seu chefe, na qual iremos explorar no seguinte tópico, que possui uma tensão sexual subjacente, a possibilidade de existir qualquer relação amorosa ou até mesmo sexual entre eles é quase impossível. Isso fica evidente durante um momento de descontração em que o casal e a babá jantam juntos sem a presença das crianças.

Paul, que está sentado ao seu lado, passa então o braço em torno de seus ombros. O uzo que ele vinha bebendo no jantar o deixa jovial. Ele segura o ombro de Louise com uma mão grande, sorri como para um velho amigo. Ela olha, encantada, seu rosto de homem. Sua pele bronzeada, os grandes dentes brancos, os cabelos que o vento e o sol deixaram mais claros. Ele a sacode um pouco, como se faz com um amigo tímido ou que está triste, com alguém que se deseja relaxar ou que precisa entrar nos eixos. Ela poderia ousar e colocar sua mão sobre a de Paul e a segurar com seus dedos magros. Mas ela não ousa. (Slimani, 2018, p. 66)

Paul, que está sob a influência do álcool, se comporta de maneira mais relaxada e jovial, demonstrando uma proximidade física e emocional com Louise que não é comum no seu cotidiano. Ele passa o braço em torno de seus ombros e a trata com uma familiaridade que poderia sugerir igualdade e amizade. No entanto, essa jovialidade e esse gesto amigável são, em parte, uma consequência do álcool, que diminui as inibições e as barreiras sociais. A descrição de Paul — sua pele bronzeada, dentes brancos e cabelos clareados pelo sol — transparece a imagem de um homem confiante e bem-sucedido, acentuando a disparidade entre ele e Louise. Essa admiração é marcada por uma clara percepção de limites. O desejo de Louise de segurar a mão de Paul, de aprofundar esse momento de intimidade, é imediatamente reprimido. A frase "ela não ousa" encapsula toda a dinâmica de poder e a distância social que define sua relação.

Paul e Louise vivem em mundos diferentes, embora compartilhem o mesmo espaço físico. Paul, um homem bem-sucedido e confiante, não reconhece plenamente a humanidade de Louise além de seu papel utilitário na família. Louise, enquanto nutre sentimentos mais profundos, compreende intuitivamente a barreira invisível que a impede de se aproximar verdadeiramente de Paul. Essa barreira é construída pela diferença de status social, econômica e pela própria natureza da relação empregador-empregada, que coloca Louise em uma posição de subordinação.

3.4 PASCAL

O outro personagem masculino que destaco é Pascal, chefe de Myriam e seu colega de sala durante a faculdade. Como já mencionei anteriormente, os trechos iniciais do romance mostram Myriam, que se queixa sobre as dificuldades da maternidade e de como voltar a trabalhar parecia ser algo impossível, dado que agora ela tinha dois filhos pequenos, até que então se esbarra com Pascal. A princípio, esse encontro traz um desconforto causado pela sua aparência desleixada e pela situação com os filhos, mas Myriam logo entende esse reencontro como um sinal de recomeço, mesmo que ainda esteja sem muitas esperanças. No entanto, a situação muda quando no dia seguinte ela recebe uma ligação de Pascal fazendo uma proposta de trabalho que a anima completamente.

No momento em que Myriam aceita a proposta de Pascal, ela é tomada por um misto de excitação e alívio. A proposta surge como uma oportunidade para romper com a rotina doméstica que, embora preenchida pelo amor aos filhos, também a aprisiona em uma sensação de isolamento e de subaproveitamento de suas capacidades. Aceitar essa oferta significa para Myriam um reconhecimento de seu valor profissional e uma chance de reafirmar sua identidade além do papel de mãe. Esse recomeço no trabalho também representa uma fuga da realidade da maternidade e suas responsabilidades na vida de Myriam. É como se Pascal a resgatasse do caos de ser mãe e traz de volta à sua individualidade suas vontades e suas próprias decisões, o “homem salvador”. Ela sente que pode ter uma vida que não seja relacionada à maternidade e isso é refletido com o seu desejo de poder realizar qualquer demanda e se mostrar prestativa quanto a qualquer pedido. Por mais que ela não queira alguma tarefa e se sinta esgotada fisicamente, ela sabe que o escritório é o seu refúgio e prefere realizar o que tiver que ser feito para continuar trabalhando.

Essa perspectiva será discutida por Boudrahem Meriem Imen (2019), que oferece uma análise crítica e provocadora sobre a experiência de Myriam (e, por extensão, de muitas mulheres) ao transitar entre os espaços da casa e do trabalho:

Assim, o espaço do trabalho retira a mulher aprisionada, libertando-a do jugo de correntes carregadas por tempo demasiado. Mas não teria ela saído de uma prisão para entrar em outra? Ao deixar uma casa onde se sentia presa a uma vida conjugal monótona e insípida para acessar outro espaço — uma outra forma de dominação masculina, a do universo do trabalho —, percebe-se que esse novo ambiente não lhe é favorável; ao contrário, apenas reforça o fato de que a mulher, apesar de seu

entusiasmo pelo trabalho, permanece sob autoridade masculina, sendo por ela explorada, uma vez que o homem continua a deter o poder sobre ela. (BOUDRAHEM MERIEM, I., 2019, p. 46, tradução nossa).

Imen (2019) explica que a "prisão" inicial, simbolizada pela vida doméstica e conjugal, é descrita como sufocante, com a monotonia e a repetição anulando o senso de identidade pessoal e de propósito. O trabalho surge, à primeira vista, como uma libertação, uma fuga dessas correntes. Contudo, percebemos que essa libertação é, na verdade, ilusória: ao deixar uma forma de submissão, Myriam entra em outra – o ambiente de trabalho, que é igualmente opressivo e dominado por dinâmicas de poder patriarcais. Essa reflexão questiona se o trabalho representa uma verdadeira emancipação para Myriam. Embora o entusiasmo inicial pela profissão sugira uma conquista, a realidade do ambiente de trabalho – onde as estruturas de poder masculinas permanecem intactas – revela que essa liberdade é parcial e condicionada. A mulher pode estar ocupando novos espaços, mas esses espaços são frequentemente configurados de maneira a explorar seu esforço, perpetuando formas de dominação.

Além disso, também destaco a tensão entre o desejo de autonomia e a perpetuação de um sistema que marginaliza a mulher em ambas as esferas. Essa dualidade pode ser vista como uma crítica à noção de que o acesso ao mercado de trabalho, por si só, é suficiente para alcançar a igualdade de gênero, ignorando as desigualdades estruturais que persistem nos dois contextos.

No caso de Myriam, a escolha de "escapar" da prisão doméstica não é uma libertação plena, mas uma transição para outra realidade igualmente marcada por limitações e sacrifícios. O trecho também sublinha o papel do entusiasmo pelo trabalho como um mecanismo que pode mascarar a continuidade da exploração. Isso reitera o dilema central do livro: a busca de equilíbrio e realização em um mundo onde a liberdade feminina é constantemente limitada por forças externas.

“Myriam cuida sozinha dos casos de dezenas de clientes. Pascal a encoraja a ganhar experiência e a desenvolver sua força de trabalho, que ele sabe ser imensa. Ela nunca diz não. Não recusa nenhum dos processos que Pascal lhe passa, nunca se queixa de ficar até tarde. Pascal diz muitas vezes: - Você é perfeita.” (Slimani, 2018, p. 34)

Assim, Myriam acaba recebendo demandas **sozinha**. Destaco a palavra *sozinha*, pois as demandas que também deveriam ser passadas para outros funcionários vão somente para ela. Pascal exerce uma influência significativa sobre Myriam, tanto em termos de delegação de tarefas quanto na avaliação de seu desempenho. A repetição da frase "você é perfeita" por

parte de Pascal reforça um padrão de validação que Myriam busca, talvez, como uma forma de compensar a falta de apoio familiar e tentar reconquistar os anos que foram “perdidos” por conta da maternidade. Para demonstrar a sua “gratidão” a Pascal, Myriam assume essas demandas.

Seu marido vive dizendo que ela trabalha demais, e isso a deixa com raiva. Ele se espanta com a reação dela, se faz de indulgente. Finge se preocupar com sua saúde, temer que Pascal a explore. Ela tenta não pensar nas crianças, não se deixar roer pela culpa. Às vezes chega a imaginar que todos se uniram contra ela (Slimani, 2018, p. 35).

Os incentivos de Pascal funcionam como um combustível que Myriam precisa para poder continuar. Por mais que ela esteja cansada e se queixe dessas demandas, ela não recusa nenhum desses pedidos. Com isso, rapidamente, “apenas duas ou três semanas de trabalho depois de ela chegar, Pascal lhe confiou responsabilidades a que os colaboradores mais antigos jamais tinham tido direito.” (Slimani, 2018, p. 33). Essa confiança, apesar de parecer uma excelente oportunidade para Myriam, traz um grande problema que implica no abuso no ambiente de trabalho. Para recompensar esse tempo “perdido” com a maternidade, ela sempre se mostra proativa o tempo todo com as demandas que devem ser cumpridas.

Essa sensação de que todas as demandas devem ser cumpridas pode ser associada novamente à visão de Beauvoir, a grande teórica que está presente neste trabalho, especialmente no que diz respeito à ideia de que as mulheres, historicamente confinadas ao espaço doméstico e à função reprodutiva, enfrentam barreiras significativas ao buscar reconhecimento em espaços tradicionalmente dominados pelos homens, como o mercado de trabalho. Para Beauvoir, a sociedade patriarcal define a mulher como "o Outro", restringindo-a a papéis que a afastam da construção de uma identidade autônoma e independente, presente no seguinte trecho “Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro”. (Beauvoir, 2008, p. 23).

O comportamento de Myriam, sempre proativa no trabalho para "recompensar" o tempo dedicado à maternidade, reflete a internalização dessa visão patriarcal. De acordo com Beauvoir, a mulher é frequentemente levada a sentir que precisa "provar" sua competência e valor em espaços públicos, como se sua dedicação anterior à esfera doméstica fosse uma dívida que deve ser paga com esforços redobrados. Essa dinâmica está diretamente ligada à

pressão cultural que associa o sucesso e a realização feminina à conformidade com as expectativas impostas por uma sociedade dominada pelo masculino.

Além disso, o conceito de Beauvoir sobre a "imanência" e a "transcendência" pode ser aplicado aqui. A maternidade, no contexto patriarcal, tende a aprisionar a mulher na imanência – um estado de repetição e estagnação associado às tarefas domésticas e aos cuidados familiares. Ao buscar a transcendência por meio do trabalho, Myriam tenta superar esse confinamento, mas se vê obrigada a adotar uma postura de hipercompetência para ser aceita, o que pode levar à exaustão emocional e física.

Por consequência, a falta de recusa por parte de Myriam em relação às demandas de Pascal cria um ciclo vicioso em que ele se aproveita da situação para confiar cada vez mais responsabilidades a ela. Essa dinâmica não apenas sobrecarrega Myriam, mas também nos leva a refletir sobre a desigualdade de poder entre os dois que contribui para um ambiente de trabalho tóxico e abusivo.

“Pascal conta com ela para prospectar clientes e a encoraja a destinar algum tempo ao voluntariado jurídico. Duas vezes por mês ela vai ao tribunal de Bobigny e atende no corredor, até as nove da noite, os olhos grudados no relógio, e o tempo não passa. Às vezes ela se aborrece, responde de maneira brusca a clientes meio perdidos.” (Slimani, 2018, p. 34)

Além disso, destaco como essa relação se baseia em uma exploração que considero consciente por parte de Pascal de se aproveitar da vulnerabilidade e da necessidade de Myriam de provar seu valor. O abuso de poder se manifesta não apenas na sobrecarga de trabalho, mas também na manipulação emocional e na falta de reconhecimento adequado do esforço de Myriam. A exemplificar, ao incentivar Myriam a prospectar clientes e dedicar tempo ao voluntariado jurídico, Pascal a sobrecarrega ainda mais com outras responsabilidades. O fato de Myriam ter que se estender até tarde da noite no tribunal de Bobigny, muitas vezes se sentindo entediada e exausta, que reflete em seu tratamento ríspido aos clientes, indica o grau de sacrifício e desconforto que ela está disposta a suportar para atender às expectativas de Pascal e permanecer no seu trabalho.

Ao mesmo tempo em que existe o abuso de poder e exploração no ambiente de trabalho, ressalto que a relação entre Myriam e Pascal é marcada por uma proximidade intensa entre os dois personagens que são próximos desde o tempo da faculdade, já que é pontuada por momentos de intimidade e familiaridade que nos mostra uma conexão emocional mais profunda. Essa relação próxima é marcada por expressões que a própria narradora utiliza, principalmente quando Pascal se refere a Myriam, como “Pascal acolheu

Myriam **calorosamente**. Deu a ela a sala que se comunica com a dele por uma porta que eles quase sempre deixam entreaberta.” (Slimani, 2018, p. 33). Novamente, faço o destaque da palavra **calorosamente**, que sugere mais do que o bom tratamento e a boa relação entre os dois. A palavra nos remete a uma sensação de proximidade e extremo conforto. Além disso, a disposição do ambiente de trabalho, na qual Myriam tem acesso instantâneo à sala de Pascal, reforça a ideia de que a relação entre os dois ultrapassa os limites convencionais no ambiente de trabalho, como a porta que está sempre entreaberta, facilitando o acesso entre os dois. Essa relação íntima entre os dois reforça uma “tensão sexual” que permeia a interação entre eles.

A escolha de deixar a porta entreaberta pode ser interpretada como um convite sutil para Myriam se aproximar ainda mais, tanto fisicamente quanto emocionalmente. Esse gesto pode refletir um desejo, talvez inconsciente, de Pascal de explorar os limites da relação profissional e testar os limites da intimidade compartilhada. Por sua vez, Myriam pode interpretar esse gesto como um sinal de confiança e reconhecimento do seu trabalho por parte de Pascal, alimentando assim sua própria sensação de proximidade e vínculo emocional com ele, assim como também sugere, uma atração por ele. Essa oportunidade de compartilhar o mesmo espaço de trabalho e de estar em constante contato, que até mesmo ultrapassam o ambiente de trabalho (trecho abaixo), cria um sentimento de conexão entre os dois que reforça a tensão sexual subjacente.

Entre Pascal e ela tem início um embate em que ambos sentem um prazer ambíguo. Ele a provoca e ela aguenta o tranco. Ele a esgota, ela não o desaponta. Uma noite, ele a convida para beber alguma coisa depois do trabalho. [...] Eles andam em silêncio na rua. Ele abre a porta do bistrô e ela sorri. Sentam-se em bancos estofados ao fundo do salão. Pascal pede uma garrafa de vinho branco. Falam de um processo em andamento e, muito rápido, começam a falar de seus anos de estudante. [...] Myriam bebe rápido e Pascal a faz rir. Ela não tem vontade de voltar para casa. Queria não ter que avisar ninguém, queria não ter ninguém que a esperasse. Mas Paul existe. E ela tem filhos (Slimani, 2018, p. 36).

Esse trecho retrata expressivamente a dinâmica entre Myriam e Pascal, destacando a tensão e o prazer ambíguo que permeiam sua interação. A descrição de Pascal como alguém que "a esgota" sugere sua habilidade em extrair energia e atenção de Myriam, assim como mencionado anteriormente, por meio de demandas excessivas ou, até mesmo, de manipulação emocional. Por outro lado, Myriam é caracterizada como alguém que "não o desaponta", indicando que, mesmo diante de suas provocações, ela consegue lidar com todas as demandas solicitadas.

O convite de Pascal para beber algo após o trabalho marca um momento de transição na relação entre os dois, movendo-se do contexto profissional para um cenário mais pessoal e íntimo. O silêncio compartilhado na rua e o sorriso de Myriam ao entrar no bistrô sugerem uma cumplicidade silenciosa entre os dois. Os personagens logo começam a beber vinho e a conversa, que se inicia com uma conversa profissional, logo é deixada de lado e é marcada pela rápida transição da discussão sobre um processo em andamento para memórias dos anos de estudante que indica uma intensa intimidade entre Myriam e Pascal, à medida que compartilham memórias e experiências pessoais.

O riso e o desejo de Myriam de prolongar o momento sugerem um desejo latente de escapar das pressões de sua vida familiar e mergulhar na liberdade e na descontração proporcionadas pela companhia de Pascal. Porém, a presença de Paul, o marido de Myriam, e seus filhos serve como um lembrete constante das obrigações e responsabilidades que a prendem à sua vida cotidiana. A dualidade entre o desejo de liberdade e a obrigação familiar cria um conflito interno em Myriam, que é forçada a equilibrar seus desejos pessoais com suas responsabilidades como esposa e mãe. No entanto, é importante notar que essa proximidade física e emocional ocorre dentro de um contexto de desequilíbrio emocional de Myriam e, ao mesmo tempo, de exploração no ambiente de trabalho por Pascal.

Assim, qualquer avanço romântico ou sexual entre Myriam e Pascal pode ser profundamente problemático, considerando o estado em que Myriam está fragilizada emocionalmente com a situação, já que ela precisa lidar com a pressão imposta pela sociedade de enfrentar- com perfeição e êxito, acrescento - os desafios da maternidade, isso inclui ser uma boa mãe e uma boa esposa, além de ser uma profissional competente.

3. 5 JACQUES - MARIDO DE LOUISE

O marido de Louise é um personagem no qual a presença e ausência influenciam profundamente a vida e as circunstâncias de Louise. Jacques é descrito como uma figura manipuladora e agressiva, cujo comportamento contribui significativamente para a solidão e o isolamento de Louise. Além disso, Jacques é um homem que nunca realmente se estabelece em um emprego estável ou mantém um papel de suporte consistente na vida de Louise. Sua incapacidade de prover a família e sua ausência emocional e física agravam a situação precária em que Louise se encontra. Ele é frequentemente descrito como irresponsável, indiferente e ausente, tanto em termos de presença física quanto emocional. Essa falta de

apoio e estabilidade obrigam Louise a buscar trabalho arduamente, muitas vezes aceitando condições difíceis para poder sobreviver.

Jacques era raivoso e de uma má-fé sem limites. Inveja o sucesso dos outros, negava-lhes qualquer mérito. Acontecia até mesmo de ele passar a tarde no tribunal do comércio para se gabar das desgraças dos outros. Ele sentia prazer ao ver ruínas súbitas, golpes do destino. - Eu não sou como você - ele dizia para Louise com orgulho. - Não tenho uma alma de capacho, para juntar a merda e o vômito de fedelhos. Só as negras devem fazer um trabalho assim, (Slimani, 2018, p. 83)

A relação entre Louise e Jacques é marcada por uma dinâmica de poder e dependência que espelha, de certa forma, a relação de Louise com Paul e Myriam e as crianças. Ela depende deles para algum nível de apoio, mas esse apoio raramente, se é que alguma vez, se concretiza de maneira significativa. A negligência e a indiferença de seu marido deixam Louise emocionalmente dependente e ainda mais vulnerável às pressões e expectativas externas, tanto no âmbito profissional quanto pessoal.

O desprezo de Jacques pelo trabalho de Louise não se limita apenas à sua condição financeira, mas reflete uma desvalorização da mulher como um todo. Como argumenta Hélène Cixous em *Le rire de la Méduse* (1975): "A história sempre foi escrita pelos homens e para os homens. As mulheres foram reduzidas ao silêncio, privadas de sua própria voz. (CIXOUS, 1975, p. 27, tradução nossa).

Louise, nesse sentido, representa uma mulher cujo destino foi moldado por essa opressão histórica. O desprezo do marido por seu trabalho e a falta de apoio da sociedade refletem esse silenciamento estrutural.

Além disso, a dependência emocional de Louise de um marido que a desprezava também pode ser entendida à luz da análise de Beauvoir sobre a condição feminina: "A mulher casada vive frequentemente em um estado de servidão, disfarçado de amor e dependência mútua." (Beauvoir, 2008, p. 387). Esse estado de servidão emocional é o que mantém Louise presa a Jacques, mesmo após sua morte, intensificando sua solidão e desespero.

Além disso, Jacques também contribui para o adoecimento e desequilíbrio mental de Louise. Sua indiferença e falta de comprometimento agravam a sensação de invisibilidade e inutilidade que Louise já sente devido à sua posição social e ao seu papel como babá. Sem um parceiro que a valorize ou ofereça suporte emocional, Louise se vê ainda mais isolada, lutando para encontrar um sentido ou valor em sua vida. Mesmo que Jacques não oferecesse nenhum tipo de suporte, Louise acreditava que ele preenchia o vazio da solidão. A ausência de

um suporte exacerba suas fragilidades emocionais e psicológicas, criando um ciclo de dependência e frustração que contribui para o desfecho trágico da história.

A solidão se revelou com uma fenda imensa em que Louise se viu afundar. [...] A solidão agia como uma droga da qual ela não sabia se queria abdicar. Louise vagava pela rua, desconcertada, os olhos tão abertos que doíam. A vê-las de verdade. A existência dos outros se tornou palpável, vibrante, mais real que nunca. (Slimani, 2018, p. 86)

A relação entre Jacques e Louise é marcada pela dinâmica de poder e dependência que pode ser vista em vários trechos, como “Eu não sou como você — ele dizia para Louise com orgulho. — Não tenho uma alma de capacho, para juntar a merda e o vômito de fedelhos. Só as negras devem fazer um trabalho assim. (Slimani, 2018). Jacques exerce um controle psicológico sobre Louise, reforçando ainda mais a sua baixa autoestima e dependência emocional. Ele não a vê como uma parceira igual, mas como alguém sobre quem pode exercer poder e controle. Essa dinâmica é exacerbada pela falta de recursos financeiros e sociais de Louise, que se vê presa em um ciclo de dependência e abuso. Louise, por sua vez, embora reconheça as falhas e abusos de Jacques, sente-se incapaz de romper com ele. Sua sensação de inutilidade e medo de estar sozinha a mantêm presa a essa relação tóxica. Assim, a solidão de Louise em relação a Jacques não é apenas física, mas também emocional. Jacques não oferece o apoio emocional que Louise precisa; ao contrário, ele frequentemente a diminui e a isola ainda mais. Louise se sente invisível e insignificante aos olhos de Jacques, o que agrava sua sensação de desamparo.

Essa solidão é intensificada pela falta de comunicação entre eles. Jacques e Louise raramente compartilham momentos de verdadeira intimidade ou compreensão mútua. Suas interações são frequentemente marcadas por tensões e conflitos, o que torna qualquer tentativa de conexão emocional ainda mais difícil. Louise se sente sozinha, mesmo quando está fisicamente próxima de Jacques, pois a falta de empatia e apoio emocional dele a deixa desamparada.

Desse modo, a relação da babá com o seu marido é uma peça fundamental para compreender sua trajetória de solidão e desespero. Jacques, ao invés de ser um parceiro de apoio, amplifica a dependência física e emocional de Louise com sua ausência emocional, comportamento abusivo e irresponsabilidade financeira. A dinâmica entre eles é marcada por uma dependência que só aprofunda o sentimento de desamparo de Louise. A babá está presa em um casamento que não oferece o conforto ou a segurança que ela tanto anseia, fazendo com que Louise viva em uma solidão avassaladora, que contribui significativamente para seu

adoecimento e desequilíbrio mental, Esta relação disfuncional destaca a vulnerabilidade de Louise e a complexidade de suas circunstâncias, evidenciando como o abuso e a negligência podem corroer o espírito humano e aprisionar alguém em um ciclo de desespero e isolamento.

3.6 REFLEXÕES FINAIS

A análise das figuras masculinas em *Canção de Ninar* evidencia como Leïla Slimani constrói uma crítica contundente às dinâmicas de gênero e poder dentro da estrutura familiar e social contemporânea. Ao longo do romance, os personagens masculinos – Paul, Pascal e Jacques – desempenham papéis que reforçam e perpetuam a desigualdade de gênero, seja por meio da omissão, da exploração ou da violência simbólica e material.

Paul, como marido e pai, representa a figura masculina que, apesar de não exercer uma dominação direta, se beneficia das hierarquias estabelecidas pelo patriarcado. Sua relutância em compartilhar igualmente as responsabilidades domésticas e parentais sobrecarrega Myriam e reforça a lógica da exploração do trabalho feminino. A contratação de Louise não apenas desloca essa carga para uma mulher em situação ainda mais vulnerável, mas também exemplifica a naturalização do privilégio masculino no espaço doméstico. A relação de Paul com Louise, marcada por uma percepção inicial idealizada e um posterior incômodo com sua presença crescente na dinâmica familiar, expõe o caráter utilitário da relação empregador-empregada dentro da lógica do trabalho doméstico invisibilizado.

Pascal, por sua vez, encarna a exploração da mulher no ambiente profissional. Ao oferecer a Myriam uma oportunidade de retornar ao mercado de trabalho, ele aparenta ser um facilitador de sua emancipação, mas rapidamente se revela um agente de sobrecarga e esgotamento. A relação entre Myriam e Pascal ilustra como a inserção da mulher no espaço público não significa, necessariamente, uma libertação das amarras patriarcais, mas sim uma transição para uma nova forma de dominação masculina, na qual a mulher é levada a provar constantemente seu valor sem, contudo, romper completamente com as responsabilidades domésticas.

O marido de Louise, Jacques, representa o extremo da masculinidade tóxica, marcada pelo desprezo, pela agressividade e pela omissão. Seu comportamento abusivo e sua indiferença para com a esposa a deixam em uma situação de isolamento e vulnerabilidade emocional, agravando sua deterioração psicológica ao longo do romance. Ele simboliza a

face mais violenta do patriarcado, na qual a mulher é relegada ao papel de servidão sem qualquer reconhecimento ou apoio.

O que une esses personagens é a forma como cada um, a seu modo, se beneficia das desigualdades de gênero sem precisar confrontá-las diretamente. Seja pela omissão, pela exploração ou pelo abuso, os homens da narrativa reforçam uma estrutura social que coloca a mulher em um lugar de constante subordinação, seja no lar, no trabalho ou nas relações afetivas. Slimani, ao construir essas figuras masculinas, não apenas denuncia essas dinâmicas, mas também evidencia como a perpetuação dessas desigualdades contribui para a criação de um ambiente de tensões que, no caso do romance, culmina na tragédia.

Dessa forma, *Canção de Ninar* não apenas retrata a realidade da opressão feminina dentro de um sistema patriarcal, mas também questiona a cumplicidade masculina na manutenção dessa estrutura. O romance sugere que, enquanto os homens continuarem a se eximir das responsabilidades parentais, a considerar o trabalho doméstico e materno como algo secundário e a explorar a força de trabalho feminina dentro e fora de casa, as mulheres continuarão a carregar um fardo desproporcional, muitas vezes às custas de sua saúde emocional e mental.

Em última instância, a obra de Slimani oferece um retrato doloroso, mas necessário, das consequências dessas desigualdades. A análise dos personagens masculinos revela que a opressão das mulheres não ocorre apenas por meio de atos explícitos de violência, mas também por meio de negligências e omissões que, quando acumuladas, criam um ambiente de frustração, exaustão e desespero. Assim, *Canção de Ninar* se estabelece como uma narrativa essencial para a compreensão das dinâmicas de gênero e da persistência das desigualdades estruturais que continuam a moldar as relações entre homens e mulheres na sociedade contemporânea.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou *Canção de Ninar*, de Leïla Slimani, sob a perspectiva dos estudos literários e feministas, demonstrando como a obra se configura como uma crítica contundente às relações de gênero, classe e trabalho no contexto contemporâneo. A investigação revelou que a narrativa de Slimani subverte as convenções do romance policial ao deslocar a tensão narrativa da investigação do crime para a análise das motivações psicológicas e sociais que culminam na tragédia. Esse deslocamento permite uma leitura aprofundada da complexidade das personagens femininas, evidenciando como a maternidade,

o trabalho doméstico e a exploração da mão de obra feminina convergem para criar um ciclo de dependência e frustração.

Dentre os principais resultados, destaco a desconstrução da idealização da figura materna e da babá como personagens historicamente enquadradas em estereótipos de devoção e sacrifício. Louise, inicialmente retratada como uma profissional exemplar, se revela uma mulher aprisionada por sua posição social e pelo vazio emocional decorrente de sua exclusão afetiva e material. Myriam, por sua vez, representa o dilema das mulheres que buscam sua realização profissional, mas enfrentam a culpa e o julgamento social ao delegar os cuidados dos filhos. A tensão entre essas duas personagens não apenas reflete uma disputa por espaço e reconhecimento dentro da casa, mas também materializa a hierarquia de classe que sustenta a desigualdade estrutural entre mulheres de diferentes origens sociais.

Outro ponto relevante diz respeito à caracterização dos personagens masculinos, especialmente Paul, que desempenha um papel ambíguo na perpetuação das desigualdades de gênero. Sua presença física contrasta com sua ausência emocional e sua postura passiva diante das tensões que se acumulam no espaço doméstico. Ao delegar o cuidado dos filhos exclusivamente às mulheres – seja à esposa ou à babá –, Paul exemplifica o modelo tradicional de paternidade que exime os homens da responsabilidade emocional e prática da criação dos filhos, reforçando a sobrecarga feminina e a naturalização da divisão desigual do trabalho doméstico.

Os impactos dessa análise ultrapassam o campo da literatura e dialogam com questões mais amplas sobre a condição feminina na sociedade contemporânea. A obra de Slimani expõe as contradições do feminismo liberal, que prega a emancipação da mulher pelo trabalho sem considerar a manutenção das desigualdades entre mulheres de diferentes classes. Myriam só consegue retomar sua carreira porque outra mulher, economicamente mais vulnerável, assume as funções que a sociedade ainda atribui exclusivamente às mães. Assim, o romance questiona os limites da autonomia feminina em um sistema que continua estruturado em normas patriarcais e na exploração da força de trabalho feminina.

Do ponto de vista das implicações teóricas e metodológicas, esta pesquisa demonstrou a relevância da literatura como instrumento de crítica social. Slimani cria uma narrativa que não apenas prende a atenção do leitor, mas também o confronta com as tensões invisíveis do cotidiano. A abordagem interdisciplinar adotada neste estudo – combinando literatura, feminismo e estudos sociais – reforça a importância de análises que ultrapassem a estética e considerem os contextos históricos, culturais e políticos que moldam a construção das narrativas.

Diante dos achados desta pesquisa, algumas prioridades emergem para investigações futuras. Um dos desdobramentos possíveis é a análise comparativa entre *Canção de Ninar* e outras obras literárias que abordam a maternidade e o trabalho doméstico, especialmente em contextos distintos. Como a relação entre patroas e empregadas domésticas é retratada na literatura de diferentes países e períodos históricos? Até que ponto a ficção reflete ou ressignifica as relações sociais e de poder entre mulheres? Essas questões podem contribuir para um debate mais amplo sobre as desigualdades de gênero e classe no campo literário.

Outro caminho relevante para futuras pesquisas seria a investigação da recepção da obra em diferentes contextos socioculturais. Como *Canção de Ninar* foi interpretado por leitoras e leitores de diferentes países? Em que medida a experiência individual do leitor influencia a percepção da narrativa e das dinâmicas entre as personagens? Além disso, seria interessante explorar como as adaptações do romance para outros meios – como cinema e teatro – reconfiguram ou amplificam suas questões centrais, e se tais adaptações reforçam ou desafiam os discursos sobre gênero e classe presentes na obra original.

Finalmente, uma abordagem ainda pouco explorada seria a relação entre a estrutura narrativa de *Canção de Ninar* e a construção da subjetividade feminina na literatura contemporânea. De que maneira a alternância entre presente e passado, aliada à exposição precoce do crime, impacta a forma como o leitor experiencia o suspense e se envolve emocionalmente com as personagens? Essa análise poderia dialogar com estudos sobre a representação do trauma na literatura e sobre como a ficção pode atuar como um espaço de problematização de violências invisibilizadas.

Em conclusão, esta pesquisa evidenciou como *Canção de Ninar* transcende a ficção policial tradicional ao oferecer uma reflexão profunda sobre os conflitos gerados pela interseção entre maternidade, trabalho e classe social. Ao inverter a estrutura narrativa clássica do romance policial e revelar o crime logo no início, Leïla Slimani desloca o foco da busca pelo culpado para uma análise minuciosa das tensões sociais e psicológicas que culminam na tragédia. Essa escolha estilística subverte as convenções do gênero, aproximando a obra de uma literatura que não apenas narra eventos, mas dissecas as estruturas de poder que os sustentam.

Através de uma narrativa psicológica densa e perturbadora, a autora expõe as desigualdades que persistem mesmo em sociedades que se consideram modernas e igualitárias, desmistificando a ideia de que a emancipação feminina e a ascensão profissional das mulheres representam uma superação das desigualdades estruturais. Ao apresentar Myriam como uma mulher que, apesar de bem-sucedida profissionalmente, permanece

aprisionada pelas expectativas da maternidade e pela dependência da exploração de outra mulher, Slimani evidencia as contradições do feminismo liberal, que muitas vezes ignora a sobrecarga imposta às mulheres menos privilegiadas. A figura de Louise, por sua vez, é construída de maneira a revelar o impacto psicológico do isolamento social, da precarização do trabalho doméstico e da ausência de políticas de proteção às trabalhadoras. Assim, a narrativa não apenas denuncia essas desigualdades, mas as insere em um contexto narrativo que convida o leitor a experimentar, de forma visceral, a angústia de suas personagens.

Além de questionar os papéis femininos pré-estabelecidos, *Canção de Ninar* nos convida a repensar as estruturas que sustentam essas desigualdades, sugerindo que a suposta equidade nas relações de gênero esconde dinâmicas de poder que continuam a privilegiar os homens e a explorar as mulheres, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade. A ausência de um antagonista claro na narrativa reforça a ideia de que o verdadeiro conflito não se dá entre indivíduos específicos, mas dentro de um sistema que perpetua relações hierárquicas entre as mulheres e exime os homens da responsabilidade compartilhada pelo trabalho doméstico e pelo cuidado com os filhos. Dessa forma, a obra se torna um espelho crítico da sociedade contemporânea, permitindo que suas tensões e contradições sejam não apenas observadas, mas sentidas pelo leitor, que se vê constantemente desafiado a refletir sobre as fronteiras entre afeto, dependência e servidão no espaço doméstico e social.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. Le deuxième sexe. Tome 2, L'expérience vécue. Paris, Gallimard, 1949.
- BELTRAME, Greyce Rocha; DONELLI, Tagma Marina Schneider. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. Aletheia, Canoas, n. 38-39, p. 206-217, 2012.
- BOUDRAHEM MERIEM, Imen. Maternité et modernité dans Chanson douce de Leïla Slimani. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Université 8 Mai 1945, Guelma, Algérie, 2019. Disponível em: <https://dspace.univ-guelma.dz/jspui/bitstream/123456789/4275/1/M%20841.299.pdf>. Acesso em: dez. 2024.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).
- CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- CIXOUS, Hélène. Le rire de la Méduse. Paris : Éditions Galilée, 1975.
- CIXOUS, Hélène. O sorriso da medusa. In: MARKS, Elaine; COURTIVRON, Isabelle (org.). *New French feminisms: an anthology*. New York: Schocken Books, 1988.
- DELPHY, Christine. *A economia política do patriarcado*. São Paulo: Editora XYZ, 2015.
- FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do romance*. Organização de Oliver Stallybrass. Tradução de Sergio Alcides. Prefácio de Luiz Ruffato. 4. ed. rev. São Paulo: Globo, 2005.
- FRANCE INTER. *Entretien radiophonique avec Simone de Beauvoir en 1949*. “Simone de Beauvoir — 2000 ans d’histoire”. YouTube, 20 dez. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/3uA0xw0uG2c>. Acesso em: 28 fev. 2024.
- FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2011.
- FUNCK, Susana. Crítica literária feminista – uma trajetória. Florianópolis: Editora Insular, 2016.
- HANMER, Jalna. Violence et contrôle social des femmes. Questions Féministes, Paris, n. 1, p. 69-90, 1977.
- HERMANT, Laure. Un récit du travail de care : analyse de Chanson douce de Leïla Slimani. 2023. Mémoire (Master en Lettres modernes) – Université de Lille, Lille, 2023.

IŞIK, Onur. Identity and belonging in Leïla Slimani's *Lullaby*. *The Literacy Trek*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 105–113, 2021. DOI: 10.47216/literacytrek.995047.

Por que ter filhos prejudica mulheres e favorece pais no mercado de trabalho? BBC News Brasil, 2017. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40940621>> Acesso em set. de 2022.

SLIMANI, Leïla. *Canção de Ninar*. - 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2018.

_____. *Chanson Douce*. Paris: Gallimard., 2016.

_____. *Dans le jardin de l'ogre*. Paris : Folio, 2014.

_____. *Le diable est dans les détails*. Paris : Le 1 / Éditions de l'Aube, 2017.

_____. *No jardim do ogro*. Tradução de Gisela Bergonzoni. São Paulo: Planeta, 2019.

_____. *Sexe et mensonges – La vie sexuelle au Maroc*. Éditions Les Arènes. Paris, 2017.

Starace, Lorenza. (2019). Leïla Slimani's *Canção de Ninar*: Paradoxes of identity and visibility in the littérature-monde paradigm. *Francosphères*, v. 8, p. 143-165. DOI: 10.3828/franc.2019.11.

YAMADA, Marina Oliveira. *A mãe e a babá – Um estudo das personagens principais de Canção de Ninar*. 2019. 48 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Francês - Língua e Cultura Francesas) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.